THE DOORS ONTEM E HOJE, PARTE I ◆ NEW ORDER NO BRASIL, PARTE II

BIZZ

5801 - Edição 44 Ano 5 Nº 03 1989 NCz$1,70

EDITORA AZUL

TRACY CHAPMAN
O MUNDO A SEUS PÉS

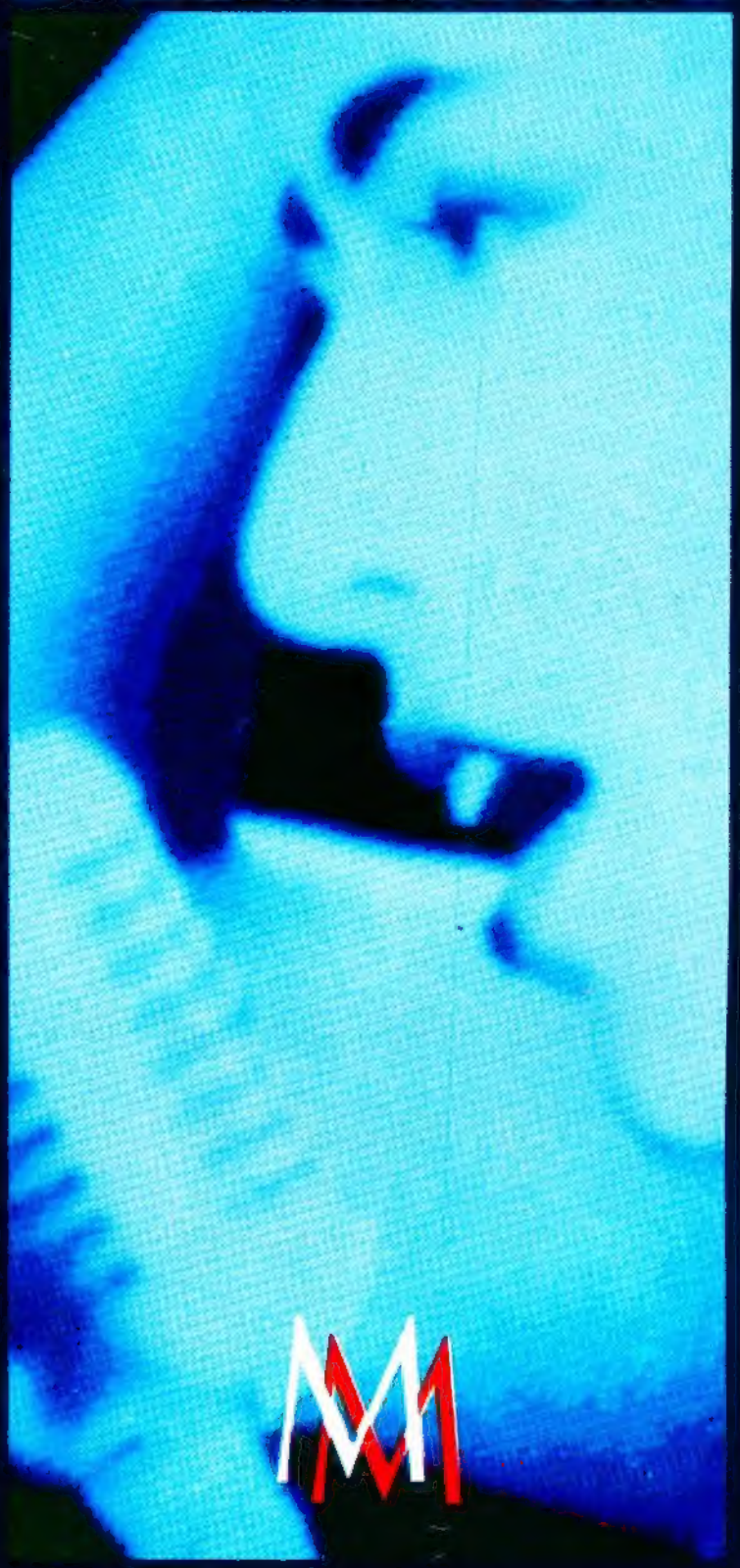
MELHORES 88
CAZUZA
A VITÓRIA DA POESIA
NA ELEIÇÃO DOS LEITORES

AO VIVO
BRYAN FERRY
ED MOTTA
BARÃO VERMELHO
RATOS DE PORÃO

SHOWBIZZ BOMBÁSTICO
◆ LEGIÃO VIRA TRIO
◆ O FIM DO RPM
◆ DAVID BYRNE PRODUZ PARALAMAS
◆ MADONNA GRAVA COM PRINCE

DIRE STRAITS • ENGENHEIROS • BRUCE • BOB MARLEY • MORRISSEY • SEX PISTOLS • DEPECHE MODE • YES • COCTEAU TWINS • SIOUXSIE • MELHORES 88 NA IMPRENSA ESTRANGEIRA

MARISA



MONTE

O disco

Nas lojas.
Em LP/K7 e CD

EMI

O ROCK ESPERAVA POR UMA BANDA TOTALMENTE FEMININA

VOCÊ VAI CONHECER VIXEN

EMI

SHOW BIZZ

LEGIÃO PERDE BAIXISTA

Más notícias para os fãs do **Legião Urbana**: a banda acaba de perder seu baixista. **Renato Rocha** declarou ter deixado o grupo por "diferenças de interesse musical", e preferiu não revelar seus planos para o futuro. Quanto ao **Legião**, **Renato Russo** e **Dado** irão se revezar no baixo durante as gravações do novo LP — embora não esteja descartada a aquisição de um novo baixista num futuro próximo. Segundo informações divulgadas pela gravadora, a saída de **Billy** já estava sendo cogitada desde o lançamento de *Que País É Este*. No novo LP, com lançamento previsto para abril, todas as composições serão de **Russo**, **Bonfá** e **Dado** — o mesmo trio que deu início ao grupo, em 82.

Ricardo Figueiral Azul

Billy: o adeus à Legião

ROCK, UM LUTADOR

Rui Mendes

Parabéns, Iggy, pelos quarenta anos de vida dedicados ao mais puro rock'n'roll

Quem acompanha os diversos cadernos de variedades dos nossos jornais pôde assistir, no mês de janeiro, ao desenrolar de uma interessante polêmica.

Tudo começou com uma entrevista de **Lulu Santos** à *Folha de S. Paulo*, em que — comentando sua nova música, "Dinossauros do Rock" — ele dizia, entre outras atrocidades, que "a estética do rock acabou, o negócio é MPB"; "funcionários do rock são caras ultrapassados que estão tendo espaço exagerado na mídia, como **Pink Floyd, Iggy Pop** e **George Harrison**"; "**Renato Russo** é o **Geraldo Vandré** dos anos 80". Dias depois, o próprio Lulu escreveria uma carta ao mesmo jornal, tentando desmentir com frases ambíguas suas declarações anteriores.

A primeira reação viria através de um artigo de **Nélson Motta** em *O Globo*, no qual ele dizia que o rock não tinha morrido, mas agonizava. Logo a seguir, seria a vez de **Léo Jaime** entrar na discussão, com um texto escrachado no mais puro estilo rock'n'roll. "Se o rock estiver acabando, peça um pouco para o vizinho." Ainda em *O Globo*, Nélson Motta voltou à carga para dizer que o rock agonizava, mas não estava moribundo, e sim lutava contra o esgotamento da sua estética. Ao que respondeu Léo Jaime, desta vez sério: "O rock amadureceu, e já é definitivamente parte da música popular brasileira. Ele precisa dela e vice-versa".

Mas a palavra final ficou mesmo com **Agamenon Mendes Pedreira**, do *Planeta Diário*, num artigo em *O Globo*: "Quando se fala em rock, a primeira coisa que vem à cabeça são as drogas, o sucesso, o dinheiro, as mulheres. E é isso mesmo... O rock não morreu. Enquanto existirem Marcos Lázaros e Manuéis Poladians, o rock não vai morrer nunca, porque os empresários não podem falir".

WEA

Madonna, rezando em boa companhia

MADONNA GRAVA COM PRINCE

O novo LP de Madonna, *Like a Prayer*, está estourando logo por aqui. E, com ele, uma enorme surpresa: uma das faixas foi gravada com Prince! Outra delas é uma homenagem à mãe da cantora. Ainda no petardo, a superdançante "Express Yourself" e "Till Death Do Us Part", esta sobre o tumultuado casamento de Madonna com o troglodita Sean Penn. Aliás, a boa notícia deste início de ano foi o anúncio (desta vez oficial) do divórcio do casal. Mas, mesmo longe de Penn, Madonna pretende continuar sua carreira nas telas. Recentemente, ela assinou um contrato com a Columbia Pictures para produzir e estrelar cinco filmes. O primeiro vai ser *Bloodhounds of Broadway*, que terá no elenco Jennifer Grey *(Dirty Dancing)*, Matt Dillon *(O Selvagem da Motocicleta)* e Randy Quaid *(O Expresso da Meia-Noite)*. Madonna terá uma garantia de um mínimo de cinco milhões de dólares por filme.

MORRISSEY VOLTA AOS PALCOS

Andy Catlin/LFI

Morrissey: show de graça para os fãs

Morrissey apresentou-se ao vivo pela primeira vez desde o fim dos **Smiths** no dia 22 de dezembro, no Wolverhampton Civic Centre, região central da Inglaterra. Para um público formado exclusivamente por pessoas vestindo camisetas dos Smiths, ele cantou oito canções, entre elas a que está no seu novo single: "The Last of the Famous International Playboys". Morrissey foi acompanhado por **Andy Rourke** no baixo, **Craig Gannon** na guitarra, **Mike Joyce** na bateria, **Stephen Street** nos teclados e **Neil Taylor,** na segunda guitarra. O show foi filmado para ser usado no novo clip do ex-vocalista dos Smiths ⊗ Longe dos ex-companheiros, **Johnny Marr** prepara uma nova investida, agora no **The The,** a banda de **Matt Johnson.** Johnny toca no novo single, chamado "The Beat Generation", e no LP da banda, a ser lançado nos próximos meses — o último foi *Infected*, lançado por aqui em 87.

BJORK VAI PARAR NO HOSPITAL

A cantora **Bjork**, dos **Sugarcubes**, teve que ser hospitalizada depois de ser mordida por um cão de segurança de uma casa noturna de *new beat*, na Bélgica. Bjork, depois de ser expulsa do local pelos seguranças, acabou recebendo dois pontos nos lábios — o que não impediu que o grupo seguisse sua turnê pela Inglaterra ⊗ Já o **Alarm** não teve a mesma sorte: a banda teve que cancelar sua turnê pelas ilhas depois que o vocalista **Mike Peters** teve seus olhos afetados pelo excesso de iluminação de palco. Mike foi obrigado a ficar de molho por algumas semanas até recuperar completamente a visão.

Andy Catlin

Bjork: mordida na Bélgica

BYRNE PRODUZ PARALAMAS

Multimagem

Byrne: um polimento para os Paralamas

Bomba! No momento em que fechávamos esta edição, chegou à redação uma notícia guardada a sete chaves pelos envolvidos: **David Byrne** produziu um single dos **Paralamas** com a música "Alagados". O single — que tem letra em inglês, numa versão de **Arto Lindsay (Ambitious Lovers)** — ainda não tinha definida a sua data de lançamento no mercado internacional.

MOTORHEAD NO BRASIL

O Motorhead desembarca este mês no Brasil para uma série de shows. A banda toca nos dias 10, 11 e 12 em São Paulo (até o fechamento desta edição, o local não estava confirmado), dia 15 em Porto Alegre (Gigantinho) e no dia 19 no Rio (Maracanãzinho).

A VOLTA DOS SEX PISTOLS?

Hamilton Penal/Azul

John Lydon: punk is not dead?

John Lydon andou contatando os ex colegas **Steve Jones, Paul Cook** e **Glenn Matlock** para uma possível volta dos **Sex Pistols**. Ninguém sabe quem ofereceu, mas comenta-se que foi feita uma proposta de seis milhões de dólares para que eles se reunissem e voltassem a gravar. Quem não deve estar gostando nem um pouco da história é **Malcolm McLaren**, que por sinal está com um disco novo na praça. Chama-se *Strauss in the House,* e traz as valsas do compositor em versões house. O disco conta com as participações especiais de **Jeff Back, Bootsy Collins** e **Dave Stewart** (Eurythmics).

O FIM DO RPM (DE NOVO!?!)

Rui Mendes/Azul

Paulo, P.A., Schiavon e Deluqui: um "intervalo" para projetos particulares

Depois de ter se transformado na banda de rock nacional mais bem-sucedida de todos os tempos, o **RPM** chegou a ensaiar uma separação — pouco antes do lançamento do LP *RPM,* de 88. Agora, porém, o grupo parece decidido a encerrar suas atividades — pelo menos até 1990, quando prometem retornar, com um disco novo, turnês etc. Até lá, porém, eles fazem um "intervalo", como definiu **Paulo Ricardo**, em conversa telefônica com BIZZ. Segundo ele, o trabalho pessoal de cada um estava gordo demais para caber dentro do RPM. Assim, o intervalo servirá para que cada um trabalhe em seus projetos particulares em 89. Paulo sai em disco solo, levando consigo **Fernando Deluqui**, seu parceiro nas últimas composições. Fernando Deluqui explicou como foi formada a nova dupla. "Temos afinidades musicais. Gostamos de blues, Rolling Stones, o mesmo tipo de som. E os quatro não estão na mesma barca." A dupla trabalhará sozinha no estúdio, gravando o LP que deve ficar pronto em junho.

Quanto a P.A. e Schiavon, preparam também seus trabalhos individuais — iniciados, na verdade, na época da primeira separação. Em seu disco solo, P.A. será o vocalista e letrista, além de procurar parcerias, como Kiko Zambianchi. Não está descartada a participação de Deluqui e Schiavon. Já o ex-tecladista do RPM procura parceiros para as letras — Cazuza está sendo cogitado — e deixa os vocais de seu LP a cargo de P.A.

Por ora, os ex-integrantes do Repemê preferem não adiantar nomes de músicos que poderão acompanhá-los em turnê. "Estamos trabalhando em fases. Primeiro o LP, depois pensamos em show", declarou Schiavon.

JELLO BIAFRA EM NOVA FORMAÇÃO

Continental

Biafra, ressucitando dos mortos

O ex-**Dead-Kennedy Jello Biafra** está de volta ao vinil, depois do final do grupo. Ele e **Al Jurgesen** formam o **Lard**, que acaba de lançar um EP com três faixas — o LP completo deverá ficar pronto nos próximos meses ⊗ **Ian McCulloch** já começou as gravações para o seu primeiro LP solo, que deverá ficar pronto ainda no primeiro semestre. Comenta-se que o ex-vocalista do **Echo & The Bunnymen** está pensando em realizar uma grande excursão para promover o lançamento.

VÍDEO PODE ZERAR PREJUÍZO DO U2

O vice-presidente executivo da Paramount Pictures, **Marty Kutner**, resumiu com precisão o motivo do fracasso de bilheteria do filme do U2 *Rattle and Hum,* no mercado americano: "A garotada quer ver os concertos, e não filmes de concertos". Mesmo assim, o filme teve a melhor bilheteria de seu gênero desde Woodstock, e deverá dar lucros com as vendas para a tevê a cabo e com uma versão em vídeo.

No vídeo, *Rattle and Hum* terá entre quinze e quarenta minutos a mais, de acordo com o diretor **Phil Joanou**, e deverá incluir "New Year's Day", "I Will Follow", "One Tree Hill", "Mothers of the Disappeared", "Unforgettable Fire" e "Trip Through Your Wires". Vamos torcer para que essa nova versão para a telinha chegue aqui por essas plagas.

BRUCE ATACA DE ATOR

Depois de muitas negativas, **Bruce Springsteen** acabou acertando a sua aparição nas telas. Por enquanto, o chefão se decide entre dois roteiros — um deles baseado numa série de quadrinhos dos anos 50 ⊗ **Mick Jagger** fez sua estréia em série de TV, com o filme *The Nightingale*. Jagger apareceu como um rico imperador que descobre que seu maior tesouro é a sabedoria de um pássaro ⊗ **Michael Jackson** e **Marlon Brando** vão fazer um filme juntos. Os dois andaram passando um tempo reunidos no sítio de Michael trabalhando no projeto. Por enquanto, a única coisa definida é o assunto: animais...

JEFF IS BACK

CBS

Beck, reencontrando velhos amigos

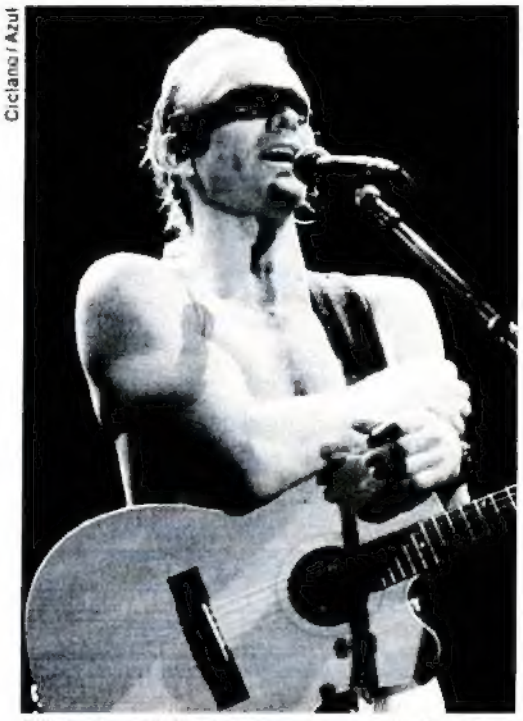
Recentemente, um evento beneficente juntou no Hard Rock Cafe em Londres os monstros **Eric Clapton** e **Jeff Beck**, dos **Yardbirds**, e **Mitch Mitchell** e **Noel Redding**, do **Jimi Hendrix Experience**. Beck no momento termina um LP quase todo instrumental com o baterista **Terry Bozzio** (ex-**Zappa**, ex-**Missing Persons**) e o tecladista Tony Hymas ⊗ Nova York foi testemunha de outro encontro histórico. Em um jantar beneficente, tocaram juntos pela primeira vez **Neil Young, Robert Plant, Phill Collins** e **Julian Lennon**. A renda foi revertida para um Instituto de Musicoterapia.

OUÇA ESSA

"Se quisesse, eu poderia ter tomado parte na excursão da Anistia Internacional. Eu não acho que eu seja menos inteligente que aqueles caras."
Jon Bon Jovi

TUDO PELO NATURAL

Ciciano / Azul



Sting: hambúrgueres para vegetarianos

Não há mesmo business como o show business. **Sting, David Bowie** e o milionário produtor de cinema inglês **David Putnam** estão colocando dinheiro numa grande empreitada chamada ARK, um grupo ambiental que vai vender hambúrgueres, xampus, desodorantes, detergentes e outros itens de consumo sem poluentes ou toxinas. A empresa será lançada com um grande concerto beneficente e os hambúrgueres vegetarianos vão estar no mercado no final do ano que vem. A iniciativa envolve ainda a vegetariana convicta **Chrissie Hynde** e **Peter Gabriel.**

AS OCUPAÇÕES SECRETAS DOS POP STARS

UIP

Edge em Rattle...*: agora, o vídeo*

Divulgação

Ozzy: passado negro entre os animais

O semanário inglês *New Musical Express* realizou uma pequena investigação para descobrir as ocupações passadas de algumas celebridades do pop. Algumas das revelações: **Rick Astley** e **Elton John** trabalhavam servindo chá e biscoitos pelos corredores das gravadoras; **Peter Hook** (New Order) era cozinheiro numa colônia de férias, enquanto **Will Sergeant** (Echo & the Bunnymen) fritava ovos e bacon numa lanchonete de Liverpool; **Ozzy Osbourne** ganhava a vida num matadouro, ao passo que **Bjork** (Sugarcubes) cortava peixe numa indústria de alimentos e **William Reid** (Jesus & Mary Chain) trabalhava como operário numa fábrica de queijo. A pior parte da história, porém, ficou para **Ian McCulloch** (Echo), que chegou a trabalhar como segurança de entregador de leite (?!?).

FOUR TOPS NASCERAM DE NOVO

Isto é que é sorte! Os **Four Tops** tinham reservas para aquele fatídico Jumbo que explodiu e caiu sobre a cidadezinha de **Lockerbie**, na Escócia. Mas, para variar, saíram atrasados de mais uma sessão em estúdio e não conseguiram pegar o avião a tempo. ⊗ Enquanto realizavam sua turnê pelos Estados Unidos, **Simon Le Bon**, **John Taylor** e **Nick Rhodes** tiveram seu estúdio em Londres roubado. Os ladrões (ou seriam fãs?) levaram material de gravação, dinheiro e objetos pessoais.

Z. Vivanco/Azul

Seis anos de cadeia para o mestre do soul

A CONDENAÇÃO DE JAMES BROWN

O ano começou mal para **James Brown**, condenado a seis anos de prisão por um júri da Carolina do Sul, EUA. Brown foi considerado culpado por duas acusações de assalto à mão armada, além de resistência à prisão. É provável, porém, que ele permaneça preso por pouco mais de um ano, segundo informações divulgadas por sua gravadora. Quem também anda passando por maus pedaços é **Jerry Lee Lewis**, que foi à falência, com uma dívida de mais de três milhões de dólares — dois deles para o Imposto de Renda.

VEA

O Depeche, levando para as telas sua megaturnê americana

DEPECHE EM FILME E TRILHA SONORA

O fracasso de bilheteria do filme do **U2** não parece estar assustando muita gente. O último grupo pop a se aventurar no cinema foi o **Depeche Mode**, que teve seu filme lançado no mês passado, no Festival Internacional de Berlim. *Depeche Mode 101* foi filmado durante a turnê do grupo pelos EUA no ano passado, e será acompanhado por uma trilha sonora, com lançamento previsto para abril. A direção é de **D.A. Pennebaker**, o mesmo de *Don't Look Back* **(Bob Dylan)** e *Monterey Pop*.

O MANIFESTO DO ROCK GAÚCHO

Chegou a nossas mãos o manifesto abaixo das bandas de rock do sul, por ocasião do show dos grupos **Defalla, Replicantes** e **Nenhum de Nós** no Projeto SP (SP), em janeiro deste ano.

Manifesto do Sangue:

"Só o sangue nos une. Socialmente, economicamente, filosoficamente./ Nosso som é vagabundo. Nossa atitude é vagabunda. Somos heróis./ O rock brasileiro às vezes parece gostar ou querer assumir uma postura confortável, tipo MPB. O Manifesto é pela revagabundização do rock, pelo som de garagem, característico das bandas gaúchas/porque vivemos na capital do rock./ Manifestamos nosso descompromisso com o rock brasileiro. Pensando bem, com todo rock do mundo. Vão se f*./Não somos entendidos, pois não sabemos nos fazer entender. Somente fazemos o que fazemos, nada mais que isso./ Transitaremos por todos os lugares, quer queiram ou não./ Desde que alguns gaúchos amarraram seus cavalos no obelisco, os cariocas consideram-nos arrogantes. Como, para chegar ao Rio, eles tiveram que passar por São Paulo e não pararam, os paulistas consideram-nos mal-educados. Castigos justos por amarrar cavalos em obelisco alheio./ Duas notas chegam para mim. Dois acordes repetidos sem fim./ Do rumor ao fedor, não há barreira a transpor./ O que será do interesse dos que moram ao centro ao saber que além de não termos mais nada de novo a dizer-lhes, ainda por cima resolvemos ficar ali também?/ Todo mundo precisa de um lugar para onde voltar./ A opção fundamental de retornar ao Sul."

Porto Alegre, dezembro de 88

Mila Maluhy/Azul

Os gaúchos, "pela revagabundização do rock"

OUÇA ESSA

"Nós pretendemos fazer música até que as pessoas não nos agüentem mais. Não temos nada a perder."

Bono

DISSIDÊNCIA NO SIMPLE MINDS

Tudo indica que o **Simple Minds**, com um LP prontinho para ser lançado — o nome é *Street Fighting Years* — acaba de perder um baterista: **Mel Gaynor**, que toca em apenas duas faixas do LP. ⊗ **Steve Dullaghan** acaba de largar o baixo nos **Primitives**. Junto com o baterista **Pete Tweedy**, outro ex-Primitives, ele forma agora o **Hate**. ⊗ Mais dissidências : o guitarrista **Jeff Young** saiu do **Megadeth** para formar sua própria banda, chamada **Broken Silence**.

WEA

Yes: mais um LP, sem Jon Anderson (à esquerda)

YES GRAVA LP

O **Yes** está gravando novo LP, o décimo oitavo para quem já perdeu a conta. A formação é **Chris Squire, Tony Kaye, Trevor Robin e Alan White. Jon Anderson** mais uma vez caiu fora da banda. Mas não deverá fazer nada de muito diferente, já que seus companheiros agora são os também ex-Yes **Bill Bruford, Rick Wakeman e Steve Howe**. Por razões legais, essa formação não poderá usar o nome Yes ⊗ Outros velhos de guerra, os **Jacksons**, também sairão breve de LP novo. Segundo consta, o vinil terá a mão do irmãozinho milionário **Michael**.

WEA

Marley: raridades no vinil

BOB MARLEY EM GRAVAÇÕES INÉDITAS

Foi lançado em janeiro na Jamaica o primeiro LP de **Bob Marley** em seis anos. O disco saiu pelo selo local Urban Tek, que dispõe de material inédito para mais quatro LPs, a serem lançados nos próximos dez anos. Todas as faixas do disco em questão foram gravadas entre 67 e 69 para a JAD Records, em um gravador de três canais.

BELEZA TROPICAL NOS EUA

Almir Birdlah/Azul

Ben: duas faixas na coletânea de Byrne

Brazil Classics I: Beleza Tropical é o nome da compilação de música brasileira organizada por **David Byrne** e lançada no início deste ano nos EUA pela Sire Records. Em entrevista à *Rolling Stone*, Byrne disse que começou a se interessar pela música brasileira há alguns anos. "Ela capturou minha atenção, eu comecei a ficar alucinado e comprar todos os discos brasileiros que encontrasse." O LP — que teve a mãozinha de Arto Lindsay (Ambitious Lovers) na seleção e tradução das letras — inclui as seguintes faixas: "Ponta de Lança Africano (Umbabaraúma)" e "Fio Maravilha", com **Jorge Ben**; "Ilê Aiê", "Leãozinho", "Queixa" e "Terra", com **Caetano**; "Quilombo, o Eldorado Negro", "Andar com Fé" e "Só Quero um Xodó", com **Gilberto Gil**; "San Vicente" e "Anima", com **Milton**; "Caçada", com **Chico Buarque**; "Sonho Meu", com **Gal** e **Bethânia**; e "Caixa de Sol", de **Nazaré Pereira**. Segundo Byrne, esse é apenas o primeiro volume da coleção *Brazil Classics*. "O que eu escolhi foi a ponta do iceberg... As pessoas da minha idade acabam se cansando do rock'n'roll. Elas querem algo novo e excitante."

365 DISPENSADO PELA GRAVADORA

Depois das **Mercenárias**, dispensadas da Odeon com apenas um telegrama, chegou a vez da Continental seguir uma política nada recomendável em relação ao grupo paulista **365**. Durante um ano o grupo transitou pelos corredores da gravadora, aguardando uma oportunidade para a gravação do seu segundo LP na casa — que, nesse meio tempo, segurou três demos da banda. Agora, irritados com o tempo perdido, os garotos do 365 procuram uma nova gravadora, "ou mesmo um selo independente", de acordo com **Miro**, o baterista. O primeiro LP da banda vendeu 30 mil cópias.

Geraldo Gomes/Azul

365: em busca do tempo perdido e de nova gravadora

1988 • FECHADO PARA BALANÇO

Em suas edições de fim de ano, diversas publicações procuram fazer uma análise daquilo que ocorreu de mais importante no universo musical. Aqui vai uma amostra do que pensa a crítica pelo mundo afora...

MELODY MAKER

(Inglaterra)

1988 foi o melhor ano de todos os tempos para o rock. Essa é a opinião dos críticos da *Melody Maker*, que elegeram os Estados Unidos como fonte da melhor música pop do ano passado. Assim, o prêmio para melhor LP ficou com *Surfer Rosa*, dos novatos **Pixies**, de Boston. Em seguida, vieram os **Sugarcubes**, com *Life's Too Good*, **My Bloody Valentine**, com *Isn't Anything* e o **R.E.M.**, com *Green*. "The Mercy Seat", do australiano **Nick Cave**, foi escolhido como melhor compacto, seguido pelo **My Bloody Valentine** com "You Made Me Realise" e o **Dinosaur Jr**, outra banda americana, com "Freak Scene". 88 foi também o ano da *european body music*, que conquistou a cena musical com grupos como **Front 242** e **Yello** ou, mais recentemente, **A Split Second** e **à;Grumh**, representantes da *belgian new beat*. Outra tendência em foco na *MM* foi o *oceanic rock*, uma música "fora do tempo e do espaço", praticada por gente como **Ar Kane**, **Cocteau Twins** e **Hugo Largo**. Entre os independentes ingleses, porém, o maior destaque foi para a gravadora Creation, em especial para o **House of Love**, pela sua recriação dos sixties.

THE FACE

(Inglaterra)

Os rappers conquistaram a preferência dos críticos da *Face*. O prêmio de melhor LP ficou com *In Full Gear*, o disco de estréia do **Stetsasonic**, um grupo de rap surgido no bairro do Brooklyn, em Nova York. Também do Brooklyn é o **EPMD**, uma dupla de rappers que ficou no terceiro lugar com o LP *Strictly Business*. Há mais tempo na estrada, os **Jungle Brothers** ficaram em quarto, com *Straight Out the Jungle*. Quebrando a hegemonia do rap, os **Pet Shop Boys** ocupam a segunda posição, com *Introspective*. Os melhores singles de 88, segundo a publicação londrina, foram: "Buffallo Stance", de **Neneh Cherry**, "Can You Party", do **Royal House** e "Talkin'All That Jazz", do **Stetsasonic**.

MUSICIAN

(EUA)

Tracy Chapman foi a artista do ano para os críticos da *Musician*, que a elegeram por seu "enorme talento" e "ótima voz". Mas, se 88 foi o ano de **Tracy**, foi também um ano de ouro para a turma do heavy metal, que ocupou durante muito tempo as melhores posições nas paradas. Isso não impediu que fosse um bom ano para a música, com espaço para diferentes estilos: hip hop, new age, hard rock, country... Concentrando suas atenções no mainstream, a *Musician* chega à conclusão de que as coisas melhoraram muito em relação aos anos anteriores — agora, é possível encontrar qualidade entre as bandas de maior sucesso, como **U2**, **R.E.M.** ou **INXS**.

NME

(Inglaterra)

Para o semanário inglês *New Musical Express*, o grande destaque de 88 foi o **Public Enemy**, que com seu *It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back* arrebatou o prêmio de melhor LP do ano — "eles são para o rap o que o Clash foi para o punk". O acid house foi considerado o movimento musical mais marcante de 88, responsável pela "melhor música que apareceu nos últimos anos". O ano também será lembrado pela consolidação da world music e pela revalorização dos anos 70 — tanto pela volta de alguns de seus expoentes quanto pela influência destes sobre bandas em evidência, como **Mission** e **U2**.

O *NME* lembra também o papel marcante dos DJs, que em 88 passaram a ser parte integrante do universo pop, criando uma nova maneira de fazer música, catalizando talentos e tendências. Ainda nas listas de melhores do ano, destaque para **Van Morrison & the Chieftains**, que ficaram em segundo lugar com o LP *Heartbeat*, e para o **R.E.M.**, em terceiro com *Green*. **Nick Cave** faturou o melhor single com "The Mercy Seat", seguido por "Everyday Is Like Sunday", de **Morrissey**, e "Alphabet Street", de **Prince**.

Rolling Stone

(EUA)

Segundo os críticos da *Rolling Stone*, 88 foi "um ano sem heróis". Enquanto **Bruce**, **U2** ou mesmo **Prince** deixavam de corresponder às enormes expectativas do seu público, o heavy metal entrava em cena e tomava conta da situação, seguido de perto pelo rap, responsável por alguns dos melhores discos do ano. Para a *Rolling Stone*, o acontecimento mais importante do ano foi o surgimento de novas cantoras, especialmente **Tracy Chapman**, a "nova estrela de 88". Na lista de melhores LPs (sem ordem de preferência), além dos previsíveis, como **U2**, **Robert Plant e Jimmy Page**, algumas surpresas, como os **Sugarcubes**, com *Life's Too Good*; o **Living Colour**, com *Vivid*; e o **Fishbone**, com *Truth and Soul*. O saxofonista **Ornette Coleman** também foi lembrado, ao lado do grupo **Camper Van Beethoven**, considerado como um dos mais promissores a partir do lançamento de *Our Beloved Revolutionary Sweetheart*. Os ingleses do **House of Love** arrancaram vários elogios da publicação, que celebrou ainda a volta do **Pere Ubu**, uma das bandas mais importantes dos anos 70, com o LP *The Tenement Year*.

MARÇO 89

ÍNDICE

O que é, o que é que tem nesta edição? Isso mesmo, mais uma sensacional votação dos leitores para os Melhores de 88! Claro que as melhores bandas de rock do Brasil e do Mundo estão lá. A novidade este ano é que leitoras e leitores consagraram, além do rock, a poesia inteligente e as letras bem escritas. **Cazuza**, apontado pela crítica e pelos leitores como o melhor letrista de 88, está numa entrevista feita por *Sônia Maia* em seu melhor estilo: arguto, sincero e cheio de histórias como o diabo gosta. Outra que se destacou esse ano, também pelo que fala e como fala é **Tracy Chapman**, cuja trajetória de Boston para o mundo, é *José Emilio Rondeau* quem conta.

Jim Morrison, Ray Manzarek, Robby Krieger, John Densmore — vocês adivinharam, não é? *Celso Pucci* se trancou durante vários dias e saiu com uma completíssima história dos *Doors*, cuja primeira parte publicamos nesta edição, junto com a segunda e última parte do diário de bordo do *New Order*. Tem mais: **Mulheres Negras** por *Jean Yves de Neufville*, **Último Número** por *Marisa Adán Gil*, **Bryan Ferry** no *Ao Vivo...*

Fotos da capa: Marcos Bonisson/Azu

Todas as cores do psicodelismo californiano. A história dos Doors começa na pág. 64

4 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boataria

11 INDICE
Você esta aqui

14 PARADA
Estados Unidos, Grã-Bretanha
e Parada do Leitor

18 AO VIVO
Barão Vermelho, BHZ Sonora,
Bryan Ferry, Chaka Khan
Ed Motta & Conexão Japeri,
Hermeto Pascoal, Ratos de Porão, Taj Mahal

28 CAZUZA
O que e que faz parte de seu show?

33 MELHORES DE 88
E com vocês, os preferidos dos leitores!

42 NEW ORDER
O diário de bordo da melhor turnê de 88, parte II

48 TRACY CHAPMAN
A trovadora da America oculta

52 DOORS
Às portas da glória, parte I

56 MULHERES NEGRAS
Dois caras que fazem muito barulho

58 ÚLTIMO NÚMERO
O cinema cantado dos mineiros

59 LANÇAMENTOS
Wailers, Keith Richards, Jet Blacks,
Cocteau Twins, Engenheiros do Hawaii

66 VÍDEO ESPECIAL
Para ver e ouvir: Talking Heads,
Duran Duran, Doors, Chuck Berry.

68 VÍDEO
Walt Disney e os principais lançamentos

70 LETRAS
"Peek-a-Boo", Siouxsie & the Banshees

72 CARTAS & SERVIÇOS

74 DISCOTECA BÁSICA
Entertainment!, *Gang of Four*

top plus

TOP PLUS ADVERTE: O Uso Deste
Produto Valoriza O Seu Corpo.

PARADA

Polygram

Money for Nothing: *coletânea em terceiro lugar na Parada*

Parada do Leitor (LPs)

1 (9) *Rattle and Hum* — **U2** (WEA)
2 (1) *Go Back* — **Titãs** (WEA)
3 (N) *Money for Nothing* — **Dire Straits** (PolyGram)
4 (7) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
5 (2) *Substance* — **New Order** (WEA)
6 (R) *Bora Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
7 (10) *Ideologia* — **Cazuza** (PolyGram)
8 (5) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (WEA)
9 (14) *Que País É Este?* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
10 (11) *Psicoacústica* — **Ira!** (WEA)
11 (4) *Introspective* — **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
12 (R) *OU812* — **Van Halen** (WEA)
13 (13) *Faith* — **George Michael** (CBS)
14 (N) *New Jersey* — **Bon Jovi** (PolyGram)
15 (N) *Fairy Tales* — **Harry** (Wop Bop)

Conveções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidade na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA). New Musical Express e Melody Maker (GB). de 7 a 28 01 89
Para a Parada do Leitor foram consideradas as cartas recebidas até 30 01 89

LPs (EUA)

1 (2) *Giving You the Best That I Got* — **Anita Baker** (Elektra)
2 (4) *Cocktail* — **Trilha Sonora** (Elektra)
3 (1) *Rattle and Hum* — **U2** (Island)
4 (5) *New Jersey* — **Bon Jovi** (Mercury)
5 (3) *Appetite for Destruction* — **Guns'n'Roses** (Geffen)
6 (N) *Traveling Wilburys* — **Traveling Wilburys** (Wilbury)
7 (7) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
8 (6) *Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
9 (R) *Open Up and Say .. Ahh!* — **Poison** (Enigma)
10 (9) *Silhouete* — **Kenny G.** (Arista)

LPs (GB)

1 (5) *Private Collection* — **Cliff Richard** (EMI)
2 (4) *Now That's What I Call. .* — **Vários** (EMI Virgin)
3 (1) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
4 (N) *The Hits Album* — **Vários** (CBS WEA BMG)
5 (2) *Money for Nothing* — **Dire Straits** (Vertigo)
6 (7) *Greatest Hits* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros)
7 (N) *The Premiere Collection ..* — **Vários** (Really Useful Rec)
8 (N) *The Greatest Hits Collection* — **Bananarama** (London)
9 (N) *The Legendary Roy Orbison* — **Roy Orbison** (Telestar)
10 (N) *Push* — **Bros** (CBS)

LPs Independentes (GB)

1 (3) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
2 (5) *Isn't Anything* — **My Bloody Valentine** (Creation)
3 (N) *Bummed* — **Happy Mondays** (Factory)
4 (N) *Two Nuns and a Pack Mule* — **Rapeman** (Blast First)
5 (N) *Pay It All Back* — **Vários** (On-U-Sound)
6 (R) *Innocents* — **Erasure** (Mute)
7 (10) *Wanted* — **Yazz** (Big Life)
8 (N) *Front by Front* — **Front 242** (Red Rhino)
9 (R) *Louder Than Bombs* — **Smiths** (Rough Trade)
10 (N) *Sex Drugs and Jesus Christ* — **Christian Death** (Jungle)

PRA MUDAR, O JOVEM PRECISA DE UNIÃO.

Chegou União. Uma linha de cadernos da Melhoramentos pra lá de diferente. Porque foi pensada pelos jovens e tem tudo o que você sempre quis. Veja só:

- capas mais resistentes, com imagens incríveis em 14 opções diferentes
- espirais recobertas de plástico
- divisórias ilustradas, com informações úteis e marcadores digitais
- opção em modelo com 200 folhas, único com 40 folhas entre separadores com sistema digital.

Mude para União. O caderno que tem tudo a ver com você.

MELHORAMENTOS

Rua Tito, 479 - CEP 05051 - São Paulo - Tel.: (011) 262.6866

Expresso do Oriente.

CATO JOHNSON

O Micro System Hot Stereo coloca em suas mãos o resultado da alta tecnologia Philco Hitachi
É o som limpo, puro, que faz sucesso nos dois lados do mundo
O Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo acompanha você em todos os passos.

Em casa, no agito da praia, nas danças de rua, em qualquer lugar.
São 60 watts pulsando no seu mundo, fazendo a descontração da sua vida
O Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo é Dual Cassette, para copiar de fita para fita, em alta velocidade (High Speed Dubbing) ou

Care
CENTRAL DE ATENDIMENTO E RELAÇÕES EXTERNAS
(011) 800-8130 DDD GRATIS
GRANDE SP • 941-6966

velocidade normal. É o único Auto-Reverse da sua categoria. Tem equalizador gráfico, rádio com 4 faixas e caixas destacáveis.
Não perca o Expresso do Oriente.
Reserve já o seu lugar no Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo em um dos revendedores Philco-Hitachi.

PHILCO - HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

BRYAN FERRY

Com estilo, sem convicção

Claude Gassian

Mr. Cool, eternamente lânguido, continua com lições de estilo, mas sem o mesmo tesão

Palatrussardi (Milão)
01/12/88

Bryan Ferry, 43 anos, não costuma desvelar-se em entrevistas. Para todos os efeitos, Mr. Cool é um gentleman tranqüilo e elegante: belo, alto, dotado de um tremendo fascínio e um carisma excepcional. Ao vivo, Bryan Ferry solo não "sai" do personagem. Está afeiçoado a seus clichês. Não se deixa "transportar". Quem forma uma imagem de Ferry a partir dos vídeos, dos discos ou das diversas fases do Roxy Music, sai de sua tour-88 com as convicções radicadas e as previsões respeitadas. Ou seja, aos 43 anos, Bryan Ferry não mais surpreende.

Pintor frustrado, enamorado e autocompadecido, é claro que Mr. Cool continua dando lições de estilo. Olhar eternamente lânguido. Poses clássicas — ideais para capa de revistas classe A. Bryan porta suas boas maneiras e sua elegância inata como uma marca de fábrica. O *design* mantém um certo fascínio — mas pode ser uma barreira. Em um palco — esse local tão "popular" —, o gentleman não parece perfeitamente à vontade. Movimenta-se sem convicção nos tempos mais acres e velozes. Nos momentos mais "introspectivos", é como se considerasse o papel sério demais.

Falamos de sutilezas. Bryan não deixa nada ao acaso. Distribui seu espetáculo com sabedoria. Nada de incandescência. Bryan mantém-se atado, a todo custo, a alguns arquétipos de refinamento que nem sempre a música pop reconhece e valoriza. À *coté*, o olhar de *tombeur de femmes*, a voz sensual e a face de consumado (e também frustrado) ator.

Ferry odeia *revivals*. Nesse sentido, nada melhor do que reconfirmar a extraordinária atualidade de *early* Roxy Music revisitado em 88 em canções como "Bogus Man" e "Ladytron". O signo do concerto — sem dúvida configurado por Ferry — é o desenvolvimento deste fio histórico, mitológico: a evidência de como o inconfundível estilo Ferry foi um ponto referencial básico para qualquer personagem pop dos últimos 15 anos. Temos um verdadeiro catálogo do "pop nobre": das canções de *Bête Noire* à pós-modernidade absolutamente transfigurante de "In Every Dream Home a Heartache" — o clímax da performance. "Boys and Girls", "Limbo", "Kiss and Tell", "Avalon", "Slave to Love", "Love Is the Drug", "Do the Strand", encadeadas no itinerário, revelam em novas nuances seu poder de sedução, sua força emotiva, seu fascínio sutil. Mesmo com uma banda não exatamente brilhante, em que o melhor são as backing vocals, Andy Newmark (bateria) e Steve Scales (percussão).

No Admirável Mundo Estético de Bryan, a pincelada michelangelesca que busca o toque com o céu é "Jealous Guy", de Lennon (também na fase solo). A releitura escapa do belo porém terreno, e constrói uma atmosfera além da mera Forma como parâmetro de vida. Bryan a interpreta como uma balada capaz de enternecer os corações e espíritos mais desenganados. Durante alguns instantes, Bryan nos suspende, nos tira a respiração com essa intimação de doçura desesperada. Perfeito. Depois, só resta voltar ao bom-tom de uma música não a consumir, mas a conservar com cuidado no catálogo de sons desta era da vulgaridade. *P.E.*

ED MOTTA & CONEXÃO JAPERI

Duas capitais entram em delírio

Cabaré Mineiro (BH) (24/11/88)

A pesar da temperatura beirando os quarenta graus e da casa abarratoda de gente, a impressão era de que Ed Motta & Cia. teriam muito trabalho para esquentar os habituês do local, mais dados ao lengalenga pachorrento da terceira geração (vade retro!) do Clube da Esquina.

Ledo engano. Por volta da meia-noite as luzes da pista de dança se apagaram — uma deixa para que a Conexão Japeri (com o percussionista César Farias deslocado para a bateria) começasse a trabalhar a massa. Expectativa no ar. Vestindo um espantado terno xadrez, óculos escuros emoldurando a face rotunda, os braços erguidos, Ed Motta adentrou o palco. Apoteose — de pé, todo o público urvava, batendo palmas, entregue a xiliques e histeria generalizada.

Como para assegurar o clima, Ed imediatamente atacou a chacoalhante "A Rua", incrementando-a de passagem com uma citação de "Ring My Bell", de Anita Ward, um dos muitos top-number-one-singles dos tempos da disco-music. E, claro, não faltou a oficiosa homenagem ao superhard James Brown.

O que se seguiu foi um dos shows mais contagiantes que Belo Horizonte viu em 88. Era a volta da "Saturday Night Fever", devidamente resguardada pelas reminiscências da corporação Motown. Para o delírio da ala do gargarejo, praticamente todo o repertório gravado pela Conexão Japeri seria repassado ali, com destaque para os radio hits "Manuel" e "Vamos Dançar".

Quem conhecia Ed Motta apenas do vinil não pôde evitar que o queixo caísse.

Ainda no começo da festa, alguém gritara pedindo rock. Muita gente riu, inclusive o próprio Ed. Mas, na calada da noite, sua garganta transmutou-se numa espécie de sampler orgânico, simulando um autêntico power-trio ao despachar para o inferno a célebre "Smoke on the Water", do Deep Purple.

Agora, o melhor mesmo estava reservado para o bis, já varando a madrugada. Vasculhando o fundo do baú, a Conexão Japeri soube resgatar coisas geniais como "Dancing in the Street" (música de Marvin Gaye, famosa com Martha and the Vandellas), "Knock on Wood" (Eddie Floyd) e "I Heard it Through the Grapevine" (Gladys Kinght and the Pips). Nem mesmo o mestre Cassiano (autor de "A Lua e Eu") seria esquecido. Era a consagração definitiva da fórmula colesterol e adrenalina.

Arthur G. Couto Duarte

Gladstone Mendes Campos Azul

Ele pode não ter nascido pro trabalho, mas sua e bota pra quebrar como poucos

Teatro Presidente (POA) (16 e 17/12/88)

Funkin' hell! Por duas noites, o herdeiro genético do legado vocal e corporal de Tim Maia fez os porto-alegrenses se chacoalharem ininterruptamente. Na primeira, para surpresa até dos próprios produtores, bem mais de mil pessoas foram até o Teatro Presidente dançar com o novo e instigante funk de Ed. Paletó listrado, ele começou levantando a moçada com "Vamos Dançar", enquanto pedia para que ninguém ficasse sentado.

Difícil seria ficar sentado enquanto Bom Bom deslizava pelas cordas do baixo e Ed ensaiava seus malabarismos vocais, mostrando pleno domínio do repertório de soul e disco-music, espalhado/estilhaçado em citações contínuas por várias músicas. Ele herdou do tio, também, uma tendência a reclamar do som em pleno palco. Mas, para quem deve ter passado a maior parte dos seus 17 anos ouvindo os mestres, não foi difícil dar a volta por cima. Ed Motta, em seu tamanho descomunal, parece um liquidificador picando/mixando informações: de James Brown a Bobby MacFerrin, há citações para todos os gostos. A recriação arrasadora de "Dancing in the Street" permitiu até mesmo gestos de saudação heavy.

Na segunda noite, havia menos público e ele parecia ser mais branco. Mas o entusiasmo era o mesmo — pelo menos na platéia. No palco, o clima inicial foi mais frio. Ed repetiu a dose desfiando basicamente o repertório do disco e repetindo as covers de "Dancing in the Street" e de uma velha canção de Cassiano (que não poderia faltar) chamada "Coleção". Em momentos mais calmos, como num reggae, Ed se misturou ao público, indo cantar (e ouvir as pessoas cantarem) lá no meio do teatro. Entre uma e outra peripécia vocal, surgiu a pergunta: cadê o SPX (máquina de efeitos da Yamaha)? O garoto da mesa de retorno solucionou: "Não tem, a voz dele é assim mesmo, sem truques". E ele só tem 17 anos. E a platéia exulta. E pede mais. O clima esquenta. A segunda noite acaba virando uma apoteose de duas horas. Na altura do terceiro bis, Ed arrisca: "Vamos começar tudo de novo!"

Jimi Joe

TAJ MAHAL

O arquivista da música afro-americana

Cinema Apollo (Albino)
31/10/88

Quando aquele negro forte de chapéu de palha branco subiu ao palco, 400 fanáticos espectadores de um cinema perdido no meio de um vale bergamasco perceberam que essa seria um noite memorável. Sim, porque ali estava, pulsando de vitalidade, 46 anos de um explosivo concentrado de black music. Foi só o senhor Henry Saint Clair Fredericks — a.k.a. Taj Mahal — atacar os primeiros acordes do standard "E.Z. Rider" para instaurar imediatamente o bordel. Acompanhado pela enésima versão da sua Internacional Rhythm Band — incluindo o fidelíssimo Kester Smith na bateria e percussão (há 13 anos com Taj) e o manager Carey Williams (backing vocals e percussão) —, o ex-veterinário em Nova York atacou mais de duas horas sem interrupção de blues urbano, boogies destrambelhados, slow blues de doze rigorosos e eternos compassos, peças de colecionador, caprichos calipso, melodias soul. Seu conhecimento de música afro-americana é enciclopédico. Seu ecletismo, fabuloso. Quando se espera uma lancinante nota *bluesy*, vem um som lânguido do Caribe. Sua guitarra é um puro exercício de erotomania. Mas o personagem principal de uma performance de Mr. Saint Clair é sua voz — seca, queimada, orgulhosa.

Andy Ligon/Retna

Ele nunca esteve "na moda" e escapou da trituração por que passam muitos popstars

Taj Mahal começou sua trajetória de arquivista musical no início dos anos 60, quando estudava na Universidade de Massachusetts. Filho de um pianista e arranjador de jazz, começou a tocar folk e blues justamente em Boston. Em 65, fundou uma banda de rock-blues — Rising Sons — ao lado de Ry Cooder. Mas nunca gravaram nada, porque a Columbia havia assinado um contrato apenas com Taj Mahal. Mesmo assim, Cooder e o excelente Jessie Ed Davis tocaram no primeiro LP de Taj. Seus melhores discos são provavelmente *Giant Step* e *The Real Thing*. Ao vivo, Taj foi um dos primeiros na cena internacional a se apresentar com steel drums de Trinidad, ou com quatro tubas em sua backing band. Nunca esteve "na moda".

Sucessão preciosa de diamantes: "Diving Duck Blues", "Queen Bee", "Good Morning, Miss Brown", "Goin' up to the Country", "Stagolee", "The Big Blues" (quando imita a voz de Howlin' Wolf). Outras dignas de figurar na vitrine da Tiffany's: uma versão solitária na guitarra acústica de "Dust My Broom", o clássico de Elmore James, e também "Fishin' Blues". E *grand finale* em clima de possessão coletiva: "She Got the Caddy and Left Me a Muleto Ride", que também pode ser encontrada por colecionadores na trilha sonora de *The Blues Brothers* — a antológica anarquia de Landis/Ackroyd/Belushi. Depois que o senhor Saint Clair é capaz de nos oferecer tamanho coquetel de energia, vitalidade e inspiração, aos 46 anos, no meio do nada, quando ouvimos falar em certos nomes pop, só mesmo sacando a Magnum, ou Uzi ou um míssil. *P.E.*

Foto: Pat Grassmann

LP em selo Wop-Bop. EXPERIMENTE!

"... é a 1.ª banda brasileira a ultrapassar - de longe - o estágio da indigência."
Álvaro Pereira Jr./Folha de São Paulo.

"... a mais inglesa das nossas bandas... o Harry ainda vai dar o que falar. ."
Jean Yves de Neufville/Folha da Tarde.

"It's here! It's here! The new Harry LP come!" Andrea 'Enthal/KPKF 90.7 FM Los Angeles

"... o Harry já se nivela no topo do melhor rock feito no Brasil..."
Marcos Smirkoff/Bizz.

Harry é "FAIRY TALES".

Atendemos por REEMBOLSO POSTAL (para o interior de SP e outros Estados). Enviamos CATÁLOGOS GRÁTIS, com a maior variedade de LPs nacionais e internacionais. Faça seu pedido hoje, por carta ou telefone.

WOP BOP

Br Itapetininga 255 lj 25
01042 São Paulo SP
tel (011) 231 4960

Ricardo Siqueira/Azul

Um baile/show, um autêntico e rasgado carnaval, com toda a fome dos lobos e ainda a sede dos bandidos

BARÃO VERMELHO

Festa carioca para o sucesso

Circo Voador (RJ) (16/12/88)

Depois de quatro meses nas lojas, o sexto LP do Barão Vermelho — *Carnaval* — teve finalmente seu show de lançamento no Rio, após a banda se apresentar nas principais capitais brasileiras. Tardio, porém propício. Além de encerrarem a temporada de shows deste ano num local já íntimo como o Circo Voador, o grupo não tocava em sua cidade natal desde julho, quando fizeram um mirrado show-entressafra no Scala.

O resultado confirmou as previsões: aproximadamente duas mil pessoas compareceram àquele baile/show — um pré-carnavalesco extemporâneo. Chuva, suor e cerveja! Já que isso lembra alguma coisa, vale registrar a presença de Caetano Veloso, primeiro fã ilustre da banda. Quando a chuva começou a cair, aliviando o calorão de dezembro, os "freaks" circenses já se manifestavam ao som do Who no telão. Alguém, cismado, falava em ecos de Woodstock no ar — referindo-se à equação multidão-lama-rock

Contrariando a tradição do local, não houve banda(s) precedendo o show. Com a fome dos lobos e a sede dos bandidos, o Barão adentrou o palco com o propelente "Rock da Descerebração", grudado com o vale-tudo de "Pense e Dance". A propósito, há ou não um paradoxo entre os dois títulos? Para a maioria presente, o segundo verbo no imperativo falou mais alto e soou como uma ordem, prontamente atendida. "Torre de Babel" entrou em seguida com o alto som das guitarras dobradas, conferindo o mesmo peso a "Lente". No encalço, veio "Quem Me Escuta", "Dignidade" e "Carne de Pescoço". Enveredaram pela ginga de "¿O Que Você Faz à Noite?" e "Carnaval", apresentada por Frejat como "um hino à alegria de viver".

Uma inédita entrou no show, batizada como "Solano Star" (nome do navio que dispensou o "flagrante enlatado" nas águas cariocas). De parentesco com Santana, a música instrumental serviu como um cartão de visita do grupo, oferecendo econômicos solos de cada integrante. "Bete Balanço" garantia que o primeiro tempo do show estava ganho. O Barão quase sugeriu um intervalo blue com o próprio "Quem Me Olha Só", o manifesto contra a volta da caretice disparado sem meias-palavras em "Nunca Existiu Pecado", deixando a pergunta no ar em "Por Que a Gente É Assim?". Num caso típico de fúria titânica, "Não Me Acabo" veio encarrilhado com "Maior Abandonado" e, por fim, "Declare Guerra", cuja letra foi acrescida de um protesto bem popular: "o povo não agüenta Sarney até 90".

Com a alma lavada, o Barão voltou para o bis e, com a reverência que lhes cabe, detonaram "Satisfaction". Tirando o punch, veio "Maioridade". Para compensar esse resvalo, só mesmo o meliante "Billy Negão", com a participação do ultrajante Sérgio Serra na guitarra.

Depois desse carnaval "full time", alguns destemperados chamavam por Cazuza. A banda deixou o palco com o mesmo *fair play* que a fez emergir daquela fase de maiores abandonados depois da guerra.

Lorena Calabria

ROCK AND ROLL

Que nos desculpem
Lennon/McCartney, Page/Plant;
Jagger/Richards e outros,
mas o grande parceiro do Rock
sempre foi o jeans.
E seguindo a profecia
do velho sábio inglês,
"Rolling stones don't gather moss".
Por isso o rock nunca parou;
e por isso o jeans nunca parou;
e por isso Blue Jinglers virou
e continua virando a moda blue.

jinglers
VERY JEANS & DREAMING
SAND WASH
100% NOT SO TOUGH
HUNTING HIGH AND LOW
BLACK MARKET
NEW YORK
AREA
jinglers
C&A

Bruxaria num só instrumento

Centro Cultural São Paulo (SP) 18/12/88

Cerca de uma semana depois de ter lançado *Hermeto Solo — Por Diferentes Caminhos*, seu primeiro álbum de piano solo, o bruxo de Lagoa da Canoa teve a oportunidade que esperava de improvisar para um público grande sobre os temas que estão no disco. O ambiente que conseguiu para o evento acabou se mostrando mais que adequado: o meio da biblioteca do Centro Cultural São Paulo, iluminada por uma quente e estupenda tarde de sol.

As pessoas que se debruçaram sobre as passarelas do Centro Cultural nesse domingão ouviram um Hermeto mais econômico em sua interpretação, comparado com aquele que se trancou no Nosso Estúdio (da gravadora Som da Gente) em julho último para se concentrar nas gravações. Menos lírico, mais irônico, alternando músicas com goles de cerveja, o músico prosseguiu com sua idéia de "dar abrigo" a músicas antigas. Seu projeto é uma espécie de "caridade harmônica" — ele vestiu temas que considerava como "pedintes abandonados" com encadeamentos "modernos" de acordes.

Para quem temia que Hermeto se perdesse em variações cansativas quando se apresentasse solo, ele surpreendeu pela concisão. Foi o que aconteceu, por exemplo, em "Eu e a Brisa" (convenientemente rebatizada por Hermeto como "Eu e a Brasa"). O tema introduziu a música, ao contrário da ordem registrada no disco. Hermeto se deteve por mais tempo sobre "É São Paulo", uma melodia simples de Alvarenga e Ranchinho, aos poucos transformada em uma marcha pianística ao estilo do século 19. Nos "fortíssimos", o músico foi além do que fez no LP: percutiu o praticável no qual o piano estava instalado. A barulhada com os pés dobrou o efeito marcial do improviso.

Mesmo tendo tocado também "Bebê", um de seus clássicos particulares revisto no álbum, Hermeto não demorou a abandonar o repertório do disco. Fez uma rápida passagem por "Asa Branca", território tão explorado por ele mesmo que já não há muito para se recontar. Pouco depois, atacou uma polca com um rigor quase cômico, foi acelerando-a, dispersando a melodia num "free" e encerrando com um "cluster" poderoso como um ponto final. Foi impossível deixar de lembrar de Thelonious Monk quando Hermeto, tomado pelo mesmo espírito irreverente, ensaiou vários começos de "Brasileirinho", emendando sempre outra música na seqüência.

O "pot pourri" final incluiu trechos generosos de sua versão para "Saudades de Matão", que infelizmente ficou fora do álbum. A música é o exemplo acabado da valsa interiorana, um retrato de um gênero e um ideal quase esquecido. No pouco que mostrou, Hermeto deu a entender que suas "Saudades" foram colorizadas — no bom sentido — em relação ao original. A faixa chegou a precisar de uma regravação por exigência do músico, que havia esquecido a segunda parte da melodia quando fez a primeira tomada no estúdio.

Revelado o pianista, volta à ação o arranjador Hermeto, que estréia em janeiro, na Dinamarca, peças para orquestra sinfônica e "big band". Depois, seguem-se três meses e meio de shows pela Europa, acompanhado pelo seu grupo. No Brasil, espetáculos como o do Centro Cultural são raros. O país dá pouca chance para o santo de casa mostrar seus milagres. *Marcos Smirkoff*

Caetano/Azul

O despirocado mestre surpreende pela concisão; menos irônico, mais lírico ele brilha na estupenda tarde de sol

GIGANTES A LASER

Os últimos lançamentos do Dire Straits (Money for nothing), Supertramp (Live'88) e Jean Michel Jarre (Revolutions) já estão nas lojas na versão pura do Compact Disc.
Os 3 discos, considerados entre os mais importantes da temporada, reúnem criatividade, ousadia e genialidade que, até então estavam disponíveis apenas em Lps e K7s de cromo Basf.
Agora os gigantes vão para as vitrines do Brasil com a força do laser e aí a história é outra.

PolyGram

RATOS DE PORÃO

Tatuagens e protesto animal

João Gordo e anarquia generalizada, com a serra elétrica do seu thrash

Dama Xoc (SP) (10/12/88)

O domingo noturno do Dama Xoc está virando point radical dos curtidores de hard, hardcore, heavy e thrash. Os RDP se apresentaram em meio a uma festa de "máfias" (gangs, turmas) de skatistas ligados no programa *Grito da Rua*, da TV Gazeta de São Paulo. Quando cheguei ao local, estava cheio de carinhas fazendo suas manobras, com os trajes e adereços afins. Quem abriu a noite foi o Necrópole, com seu skate punk que quase levou à loucura os seguranças do local. Isso porque os mais entusiasmados começaram a dançar *mosh* (ou *slam*), que consiste em subir na beira do palco e rapidamente se atirar, de qualquer jeito, de volta para a platéia.

Foi com esse clima que o RDP fez sua parte, de forma pesada, bem thrash, e das mais agressivas, ilustrada, principalmente, pelo vocalista João Gordo. Muito à vontade (ele é assim tanto no palco quanto fora dele), roupa desleixada, bebendo, suando muito, João urrou suas broncas contra uma sociedade metida a besta como a nossa. Temas como "Traidor", "Máquina Militar", "Ignorância", "Crucificados pelo Sistema" foram sendo arrotados. Reinava uma anarquia generalizada. João fez sua guitarra soar ora como uma metralhadora, ora tal qual uma serra elétrica cortando cérebros. Jabá (baixo) e Spaguetti (bateria) destruíram a cozinha. João andou pelo palco, trombou com os "dançarinos" invasores, falou das crianças abandonadas, da Aids, do desemprego, xingou a Xuxa, fez piadas jocosas sobre Jânio e Sarney enquanto interpretava "Velhos Decrépitos", "Paranóia Nuclear", "Juventude Perdida" e, ainda, esculhambou o Plano Cruzado em "Plano Furado". Quando a platéia reclamava, ele também xingava. Os *moshers* continuaram seus saltos cada vez mais arriscados, parecendo nem ligar para as letras, mas, quando ouviram "Que Vergonha", cantaram como se fosse um hino.

Joao aproveitou para fazer uma apologia de tatuagem e tatuados (como ele próprio) e largou a máxima: "Qualquer dia seremos maioria". Em "Lurkers" o público já parecia cansado e, assim, com a solidez de "Náufragos de um País Falido" e o torpedo "Guerra Desumana", a maratona de uns 22 temas rápidos e certeiros acabou em pouco mais de uma hora.

Ninguém pediu bis, porque já se sabia que os Ratos voltariam para gravar um clip com "Crise Geral". Enquanto isso, o grosso ia embora.

Leopoldo Rey

CHAKA KHAN

Um incêndio na floresta

Orfeo (Milão)
30.11.88

Esta mulher tem fogo na voz. Chaka, na África, é "fogo". É, também, o nome de guerra de Yvette Marie Stevens. Yvette é Chaka desde quando trabalhava para os Panteras Negras, no fim dos anos 80.

Cascata de cabelos — "afogueados", claro —, longas luvas negras, túnica roxa que mascarava sua figura não exatamente etérea. Chaka ao vivo é um espantalho magnetico. Suas três backing vocals ondulam as ancas como tarântulas viciosas. Perfeito. A backing band — 50% black, 50% white — ataca o hard-funk bate-estaca de rigor. Chaka só começou a fazer sucesso no fim dos anos 70. É uma vergonha — para o público. Canta sempre "lá em cima" — com o urro da soul music desenfreada que tomou cálcio e vitaminas todo santo domingo nas missas de gospel.

Não existe sofisticação em Chaka Khan. Não é o ponto. Fusões californianas, soul-funk de tapeçaria, ate mesmo langores pós-Burt Bacharach. Mas Chaka avança como um incêndio na floresta — com sua dança selvagem de Sabá infernal. Para viciados em hits, não faltam "I Fell for You" — uma das grandes invenções de Prince — e "Every Woman".

O último álbum de Chaka é *OK*. Nele enfiaram as mãos o Lúcifer Miles, o nanico libidinal; George Benson, Stevie Wonder, Bob MacFerrin... *La* Khan reinterpreta — em versão simplificada — só as canções mais imediatas. Temos "Signed, Sealed, Delivered, (I'm Yours)", de Stevie Wonder, e "It's My Party", de Womack and Womack. Mas não

R.Mutt / Sexo Explícito / Jairo Mitre / O Grande Ah!... / O Último Número

Jorge Rosenberg/Azul

Rubinho Trol, do Sexo Explícito: música e letras viris

temos, por exemplo, o soberbo rap "Sticky Wicked" — em que Prince e Miler destilam extra-ácidos vapores de rua.

Chaka tenta cantar uma balada. Começa com tons acariciantes e aveludados — como dita o script. Mas não consegue se conter. E irrompe no seus urros de guerra. Hip-hoppers usam correntes no pescoço segundo a tradição de guerreiros africanos. Yvette da voz de fogo deveria sempre carregar uma lança. Cínicos podem afirmar que Chaka não é Aretha Franklin nem Betty Carter. E daí? Sua incandescência reduz a cinzas 99% das vocalistas contemporâneas. *P.E.*

Sesc Pompéia (SP)
(15 - 16 - 17 - 18/12)

É curioso o fato de o rock de Belo Horizonte ainda não ter conseguido ultrapassar suas fronteiras — afinal se trata da terceira capital do país. O lançamento de uma coletânea, editada por uma grande gravadora de olho no êxito das embalagens de rock "gaúcho" e "brasiliense", foi um fiasco. Agora, os grupos de B.H. resolveram se unir para conseguir espaço na mídia paulista. O projeto BHZ Sonora trouxe seis grupos, durante quatro dias, ao palco da choperia do Sesc-Pompéia, em revezamento com o Madame Satã. Não foram as melhores opções de espaço; foram as possíveis. O público do Sesc, por sua vez, fez a festa, não importando se a banda era boa ou fraca. Bastava uma batidinha dançante para os casais caírem na lambada.

R. Mutt foi a primeira banda. Tocou para a maior e mais indiferente platéia, mesmo assim com um nervosismo constrangedor. R. Mutt foi um pseudônimo usado por Marcelo Duchamp em uma de suas obras mais polêmicas, a *Fontaine*. Mas se há uma coisa que o grupo não é, é polêmico. Já a pretensão...! As letras babélicas incluem uma musicalização de "Dunkles Lied", poema expressionista de Kurt Heinick. Contudo, apesar de sua música priorizar sintetizadores e computador rítmico, está anos-luz distante do Europop eletrônico. Seu som é primitivo, uma caixinha de música que serve de suporte a dois vocalistas inseguros. Péssima primeira impressão para quem nunca ouviu grupos mineiros.

A história do Sexo Explícito é comprida. A banda existe há sete anos. Desde janeiro de 86 está nas páginas da BIZZ. Já foram parecidos com *O Grande Ah!...* Agora suas músicas fazem uma releitura de XTC, Talking Heads, Joy Division, Cure, Bowie (de *Heroes*), Television, enfim, do pop de dez anos atrás. O resultado, porém, é convincentemente moderno. Sua experiência sexual de palco é uma cacetada. John, o guitarrista, é Deus, cruzando guinchos guitarrísticos *à la* Adrian Belew com riffs de Tom Verlaine com uma mão nas costas. Músicas como "A Faca" deveriam estar tocando em todas as FMs e molhando calcinhas de menininhas aflitas. Pena as gravadoras serem tão f* a ponto de não saberem apreciar o valor de um bom Sexo Explícito.

Na seqüência, entra Jairo Mitre, um guitarrista conhecido pelo público belo horizontino desde 78. Bastou a primeira música para espantar todo o público. Roquinho nacional descartável.

O Grande Ah!... veio a SP para lançar o seu primeiro LP. Uma bobagem filiada às gracinhas da chamada "vanguarda paulista" de 82. Ao vivo, são afinados e musicalmente competentes. Difícil é engolir as performances da dupla de cantores, que ganhou o público graças à roupa mínima da vocalista Letícia, no papel de Jane, Lady Tarzan. Muito teatro, pouca letra e oito pessoas no palco...

Em seguida, Sustados por um Gesto toma de assalto o cenário, uma banda improvisada entre membros do Sexo Explícito e de O Último Número. É uma brincadeira que conquista adeptos graças ao pique de animador de bailes do vocalista Bob F. (baixista de O Último Número), mais corrosivo em sua ironia do que O Grande Uáá!...

Finalmente, o Último Número. O vocalista Gato Jair dá aulas de citações, confrontando o Inferno de Dante com um jogo de amarelinha, lendo cartas imaginárias de Sade à sua personagem Justine, cantando uma música chamada "Filme", cuja primeira palavra é "Acossado"... Seus dois LPs independentes são a base do repertório. Os covers são os mais diversos possíveis — Beatles, Marvin Gaye e Clash. As músicas, aliadas ao visual couro radical de Jair, remetem a Julian Cope, além de Smiths, Pere Ubu, Joy... Ao vivo, ganham feições de hits. As gravadoras vivem sonhando com elas e não sabem de quem é a autoria. Acordem, então, pois esta é a hora dos últimos serem os primeiros. Azar do resto da fila.

Marcel Plasse

CA
PolyGram

AZUZA

UM FIM DE SEMANA NO ANTRO DOS EXAGERADOS

Fui para o Rio de Janeiro com receio de que alguma coisa desse errado. Afinal, da última vez que tentei entrevistar Cazuza aconteceu uma série de desencontros: "Ele saiu"; "está fazendo massagem, liga às 7 horas"; "saiu"... Maldita intuição! Lá chegando, a empregada me informou que ele não poderia dar a entrevista. Era casamento de George Israel (Kid Abelha) e ficou tudo transferido para o dia seguinte, que acabou se transformando num final de semana na casa de Petrópolis, onde ontem Cazuza dava festas de arromba e hoje passa seus dias "de branco" na saudável companhia de seus mais íntimos amigos. Antes mesmo de chegar lá, ainda em sua cobertura na Lagoa, conversamos sobre uma série de fatos. Recordei o show no Palace (SP), onde Cazuza abriu literalmente a boca — contra a platéia, contra seu próprio pai, contra tudo e todos. E ele esclareceu: "Bem, eu cheguei lá e aquele lugar, você sabe... tinha uma passando batom, outra bebendo e conversando e a galera de trás, onde o ingresso é mais barato, estava vibrando. Eu pensei: 'Ah, não, esse povo não vai me botar para baixo, não. Eu sim vou pôr eles para baixo, e assim eu fico para cima'. Disse para a galera de trás vir para a frente, disse para a burguesia que jogasse os diamantes verdadeiros ao palco e enfiasse os falsos no c*". Continuei o papo: "Ideologia" foi uma música importante para este ano de eleições..." "Politicamente sou mais John Lennon que Chico Buarque, entendeu?", esclareceu Cazuza. Antes de chegarmos à casa de Maria Zilda (a atriz), ainda tocamos em alguns nomes. Lulu Santos é elogiado por Cazuza. Reclamo: "Com essa eu não vou concordar". "Se ele não cantasse e não fizesse letras", disse ele. "Ah, bom!", respondi. Um pouco depois Cazuza falaria de Renato Russo: "Quando vi aquelas letras, pensei: 'Pô, esse cara é melhor do que eu. Isso não pode ficar assim. Senti uma puta inveja, mas daquelas positivas, que te incentivam a criar. E acho que a linha seguida a partir de 'Brasil' teve muito a ver com isso". Já em Petrópolis, à beira da piscina, alguns presentes recordam histórias que o local guarda. Como, por exemplo, o dia em que parte do primeiro time dos exagerados estava reunido e, proibidos que eram de entrar na casa grande — por causa da bagunça generalizada que se instaurava por lá após uma rápida passagem de Cazuza e seus amiguinhos — invadiram-na, promovendo o maior quebra na mansão para roubar bebidas. Mas as histórias não param aí. O ritmo alucinado da vida de Cazuza daria uma bela biografia — divertida e repleta de assuntos. Como este, ocorrido no início da carreira do Barão, por ocasião do show no Radar Tantã, em São Paulo. "Eu brigava muito com eles porque o Frejat é todo certinho, supercareta, e eu, louco do jeito que era, às vezes não combinava muito", conta Cazuza. "Na estréia desse show, tocou a campainha para a entrada e o Frejat veio me chamar. Eu estava cheirando uma e disse: 'Já vou'. Ele ficou puto, saiu batendo a porta. Eu fui atrás dele e, quando ele saiu, deu um chute de retro na porta e ela bateu na minha cara. Fiquei todo sangrando". Observo duas cicatrizes — uma na testa e outra na boca — e pergunto se vêm daí. "É... xinguei ele à beça. Frejat, todo preocupado, me pedia desculpas... Fui para o hospital, me costuraram e o médico disse: 'Você só não pode abrir a boca'. 'Mas como?!? Eu vou subir ao palco agora!'. E o show acabou sendo o máximo!!!".

A casa principal de Petrópolis, dá de frente para a piscina e de fundos para um rio. Na sala principal, uma mesa redonda guarda um bonito arranjo de hortências verdadeiras com copos de leite de plástico e um porta retratos redondo com uma foto de Cazuza criança. No domingo, Marcos Bonisson (fotógrafo) e Tavinho Paes (letrista do Hanói-Hanói), de porte de uma câmera de vídeo que "cobriu" todo o final de semana, colocam o porta retratos na mesa giratória da sala estufa — onde é servido o café da manhã — e fazem uma tomada em círculo. Acima, no corredor que circunda as quatro suítes da casa, três versões de anúncios de touradas estampam os "astros" Lucinha Araújo (sua mãe), João Araújo (o pai) e Kazuza (com K). "Minha mãe me batia mesmo e não era de mão não". "O primeiro objeto que ela via pela frente atirava em mim. Depois ia chorando no quarto pedir desculpas..." À frente da saída da sala principal, a piscina. Ao lado, a sala de jogos e, sob ela, a sauna seca. À esquerda do rio, uma casinha de hóspedes e, mais embaixo, a famosa casinha de Cazuza, onde ele e os exagerados costumavam se abrigar. Cai a noite de sábado e, com ela, a luz. Com um lampião nas mãos, nos dirigimos para a sala estufa. Ponho o gravador em record *e largo a primeira pergunta.*

BIZZ — *Você gosta de dar entrevistas?*

Cazuza — Depende muito do entrevistador. Mas, no geral, eu gosto. Gosto de falar, sou falastrão. O que eu tenho tentado melhorar é que eu falo demais e às vezes esvazio o que estou pensando. É uma coisa que eu herdei da minha mãe. Sou muito ansioso, desde pequeno, quando eu era uma criança elétrica, não parava no lugar, morava num apartamento muito pequeno, não tinha para onde ir...

BIZZ — *Em que a entrevista melhora ou atrapalha o trabalho de um artista?*

Cazuza — Eu acho que a entrevista é uma maneira de você chegar ao grande público, porque eu sempre adorei ler entrevistas dos artistas que eu gosto, inclusive várias delas mudaram completamente minha cabeça. A importância está no fato de você não poder chegar nas pessoas e falar uma a uma, entendeu? No show também não dá, porque vai pouca gente. Então, eu adoro dar entrevistas por causa disso... Atrapalhar, bem, depende do jornalista. Tem algumas entrevistas em que eu fico puto depois que leio, mas de uma maneira geral não tem muito grilo. Mas, depois de um certo tempo, eu passei só a aceitar dar entrevistas para o primeiro time, para as pessoas que eu conheço, que, sei, são profissionais sérios.

BIZZ — *Você fez um show no Palace onde falou a torto e a direito. Você mesmo se considera meio um mandão, senti isso na tua casa... Fala um pouco dessa tua necessidade de dizer tudo que te vem à cabeça.*

Cazuza — Esse show do Palace foi uma coisa muito louca, porque eu acho que ele foi histórico para São Paulo. No Rio foi legal, um grande sucesso, mas aí teve as eleições dia 15 de novembro e no dia 1.º de dezembro eu estava lá. E tinha aquele clima de euforia, as pessoas querendo acreditar novamente que tudo vai mudar, que pode mudar... Tanto que eu considero "Ideologia", "Brasil" e "O Tempo Não Pára" uma trilogia de Sarney ao PT no poder. É uma trilogia de esperança. Elas falam mais ou menos a mesma coisa — tem umas frases em que eu falo a mesma coisa de maneiras diferentes. As minhas coisas novas estão todas muito afirmativas, não são negativas como "Ideologia", "Brasil" e "O Tempo Não Pára", que também têm de existir. Eu nunca tive medo de falar quando eu estava de baixo-astral. Acho que a gente não pode ficar "tudo bem" o tempo todo: o mundo é ruim, as pessoas são ruins, o mal sempre vence, então tem esse lado forte. Mas agora estou numas da corrente do bem. Tô nessa e acho genial. Tudo bem: o mal tá lá, as pessoas ruins estão lá, pessoas mesquinhas, mas não vão me atrapalhar mais. Não vou mais sofrer por causa delas.

BIZZ — *Numa entrevista que você deu para a* Interview, *você falou de quando esteve em Nova York, da saudade do Brasil, de ficar puto das pessoas não falarem português. Fala um pouco de ser brasileiro neste sentido.*

Cazuza — Porque, na verdade, o italiano só fala italiano, o francês só fala francês, o espanhol só fala espanhol... e o português é uma língua mais falada do que o italiano, por exemplo, e até que o japonês, que todo mundo está aprendendo no colégio. Mas quando a Lusitana for uma coisa mais importante, quando Portugal for um país desenvolvido, e o Brasil também, vai ter muita gente falando português. Vai virar uma língua genial.

BIZZ — *Essa onda apocalíptica que está no ar, do mundo acabar, acho que o Brasil pode contribuir muito...*

Cazuza — *(Me cortando.)* Eu não acho que vai haver apocalipse porra nenhuma. Não acredito em nada disso. Eu ainda vou fazer uma excursão da Challenger para Disneylândia, dar uma volta pela Inglaterra, entendeu! Nem preciso chegar na Lua — a Lua eu deixo para os meus netos. Eu sou muito otimista. Acho que o mundo mudou para melhor. Hoje em dia as mulheres têm a liberdade delas, existe uma outra interpretação da mulher, outra interpretação dos negros — nos EUA, pelo menos, teve, e isso é um

"O mal está lá, as pessoas ruins também. Mas não vão me atrapalhar mais. Não vou mais sofrer por causa delas"

Marcos Bonisson

Rochelle Costi/Azul

Foto do primeiro show da turnê de Cazuza, em São Paulo, onde ele apresentou, pela primeira vez, "O Tempo Não Pára": música e show que impulsionaram o LP ao vivo

exemplo para o resto do mundo. Vários povos se libertaram, não tem mais colonialismo, a não ser o financeiro. Mas são jogos de potências e poderes. Acho que isso está claro. É metade, metade. Os EUA têm metade, a Rússia tem a outra metade. É a primeira vez no mundo em que há duas potências. Sempre foi uma só: Babilônia, Egito, Roma, Grécia, França, Inglaterra, EUA e, agora, com a Rússia. O mundo está caminhando para uma coisa melhor. As minorias, os gays... hoje já se fala de homossexualismo de uma maneira totalmente aberta. Conseguimos uma vida melhor. Hoje a nova geração já trepa com 15 anos. Na nossa época isso era a maior repressão. Nós trouxemos isso, essa liberdade, para eles. Está tudo mais fácil. Tá certo que pagamos um preço caro por isso. Mas está aí. Se tem a poluição, por outro lado tem os ecologistas. Eu acredito que vai haver um movimento tão grande, um encontro imediato, vamos encontrar outros seres, numa grande confraternização. No dia em que as pessoas estiverem confraternizadas na Terra, eles vão se aproximar. Acho que os seres adiantados não fizeram isso até agora porque eles ficam grilados, vêem que a gente ainda está muito primitivo e não mostram as caras. Deixam a gente lá, se fodendo um pouco. Mas vai chegar uma hora em que vai haver esse contato. Acredito piamente nisso.

BIZZ — *Você me disse que já está, ou seja, já conquistou seu espaço e se colocou, inclusive, junto aos mais renomados dos nossos compositores. Como foi isso, Cazuza? Como você se vê nesse cenário musical brasileiro?*

Cazuza — Eu perdi um pouco dessa coisa de humildade. Aprendi uma coisa que a análise me ajudou — a aceitar minha grandeza, a aceitar o fato de eu ser bom. Porque te dá um medo filho da puta: ser feliz, medo de amar, medo de ser bom. Tudo que faz bem pra gente, a gente tem medo. E eu tô tranqüilo, porque ocupei meu lugar e ninguém tasca mais. Foi o que sempre quis, era meu sonho.

BIZZ — *Você havia se colocado ao lado de...*

Cazuza — Todos os bons: Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues, Caetano Veloso, Gil, Chico, Milton — nossa! Quanta gente! —, Ary Barroso, Tom Jobim, o pessoal da Bossa Nova... Acho que entrei para o primeiro time, não tô mais na reserva. Tô no time principal, que é o sonho de todo jogador — chegar à primeira divisão. Eu entrei para a primeira divisão.

BIZZ — *Falando em Bossa Nova, você comparou a Bossa Nova com o rock Brasil anos 80. Como assim?*

Cazuza — Eu tava falando de uma coisa que eu acho interessante, porque a Bossa Nova e o rock são movimentos de classe média alta — de pessoas muito bem informadas, muitas brigas, com dinheiro mesmo, e acho que são parecidos por isso. A Tropicália foi uma coisa vinda da Bahia, pessoas do interior, como Gil e Caetano. O lugar que você nasceu é importante — eu sempre vou ser um garoto de Ipanema como o Caetano sempre vai ser um menino de Santo Amaro. O lugar onde a gente nasce, onde a gente é criado, as pessoas que a gente ama, a família... a gente sempre vai ser dali, entendeu? A Tropicália foi um movimento até meio ruralista. Depois o rock começou como uma coisa marginal, de periferia, mas virou uma coisa de elite, porque guitarra é muito cara, as aparelhagens são muito caras... O samba só precisa de uma lata pra bater e de um violão. O rock não. Então o rock é uma coisa mais sofisticada mesmo, como foi a Bossa Nova...

BIZZ — *Você acha isso apenas no Brasil, pelos problemas que existem aqui, ou isso é no mundo inteiro?*

Cazuza — Não, acho que é um problema do Brasil. A música da gente não se sofisticou...

BIZZ — *Você diz em que sentido? Tecnologicamente?*

Cazuza — É. Porque, por exemplo, o calipso só se sofisticou quando virou reggae. O samba não entrou para o pop como o calipso entrou para o pop musical. A música brasileira não é tão internacional. Primeiro pela língua, mas isso na Europa não tem muito problema. Mas o samba do morro mesmo ficou parado. Mas está parado porque eles são pobres. Quando surgirem os primeiros conjuntos residenciais, quando transformarem a Rocinha, a Mangueira em conjuntos residenciais, com elevador para todo mundo, quando todo mundo tiver uma televisão e talvez, até, quem sabe, um carrinho velho, aí os ga-

rotos vão comprar uma guitarra, os neguinhos, vai ser uma coisa! *Uma coisa! (Fala entusiasmadíssimo.)* E o Brasil vai se tornar o maior país do mundo. Ele é o melhor país para se morar porque é uma terra em que ninguém se leva a sério: os estrangeiros chegam aqui e comem as pessoas, as pessoas fodem, se misturam. O Brasil é um exemplo da união da qual te falei lá atrás. Um exemplo de como as pessoas podem ficar juntas sem muitos problemas.

BIZZ — *Você disse, certa vez, que tinha tantas poesias que dava para fazer um livro. Demonstrou até interesse em editar esse livro. E me parece que você está se aceitando mais como poeta. Antes você fazia uma distinção entre letristas e poetas...*

Cazuza — É que eu descobri que é uma caretice você achar que poesia e letra são coisas separadas. Você pode ser um poeta musical — são gêneros de poesia: tem a poesia musical, tem a poesia que vive sem a música. Acho que minhas letras sobrevivem às músicas. Algumas, pelo menos. Quanto ao livro, não tenho mais problemas em fazer um livro de poesias. Eu já faço discos de poesia!

BIZZ — *Mas você tem zilhões de letras que nunca usou.*

Cazuza — Tem muita coisa que eu não gravei, muita coisa inédita. Mas no dia em que eu morrer algumas pessoas vão na minha gaveta e pegam. Mas eu acho que vou deixar até um testamento para rasgarem, queimarem tudo, porque eu acho uma sacanagem quando o cara morre e deixa uma obra — não tô falando que eu tenho uma obra, porque eu ainda não tenho. Daqui a dez anos eu vou ter uma obra... Mas eu acho sacanagem assim feito John Lennon, Janis Joplin, Jimi Hendrix... As pessoas ficam pegando coisas malfeitas, sobras de estúdio, é um horror! O lugar onde eu trabalho, meu escritório, é sagrado. Ninguém chega perto. A mulher da limpeza tira o pó por cima.

BIZZ — *Politicamente, você acha que as pessoas realmente precisam de um líder assim como um amante de música precisa de um ídolo?*

Cazuza — Acho que, no momento, nessa vida que temos, estamos precisando de um grande líder. E seria o Brizola ou o Lula. Acho o Brizola mais estadista que o Lula. O Lula faz uma coisa genial, também, dentro da coisa dele. Agora, esse pessoal não tem muita experiência política, eles têm muito ideal, são muito honestos, muito ingênuos. Mas o Brizola é mais filho da puta, saberia negociar melhor com os Robertos Marinhos da vida, com os banqueiros. Ele é mais diplomata, é mais vivido, é um cidadão do mundo. Mas o ideal é Brizola e PT como maioria — no Congresso, Senado, tudo PT. A esquerda como maioria e a direita como minoria. Como é na Europa, na Itália, na Espanha — a esquerda é mais forte, fortalecida, e a direita tentando atrapalhar. Mas, aí, bem, a democracia é isso. Sou um sonhador, não faço análise porque sou um sonhador. Sonho, sonho, sonho, me entrego aos meus delírios.

Sônia Maia Azu

Marcos Bonisson

Acima, um close na piscina da casa em Petrópolis. Ao lado, a foto que todos os íntimos têm em casa: "Caju" e Ezequiel Neves

BIZZ — *Você está pretendendo trabalhar em cima do novo repertório?*

Cazuza — Estou com umas quinze músicas prontas. Treze, porque dei uma para o Kid e outra para os Titãs. Mas tudo bem, porque depois eu gravo. Não tem essa. Mas tem muita coisa pronta. A PolyGram achou melhor lançar esse disco ao vivo *(O Tempo Não Pára)*, pra vender legal, e aí lançar outro disco só em julho; e durante esse tempo eu teria calma bastante para fazer o disco da minha vida. *Ideologia* é muito triste. Então esse disco fecharia a trilogia começada em *Só Se For a Dois*. Agora as coisas que eu estou fazendo são tudo funk, funk-rock total, do começo ao fim. E as letras são todas otimistas, é um disco otimista. Daí, se por acaso em abril ou maio o disco estiver pronto, maravilhoso, a gente lança. Eu quero gravar como as pessoas que vendem bastante gravam: uma semana para cada música... Porque os meus discos eu sempre gravo em um mês, porque sempre vendi pouco — 30 a 40 mil. Esse já está em 90 mil. Mas, peraí, isso é datado. Até março, quando sair a matéria, eu já vendi um milhão de discos. Eu e a Xuxa *(risos)*. *Sônia Maia*

VOCÊ VOTOU E AQUI ESTÃO

OS MELHORES DE 1988

E, pelo segundo ano consecutivo, você votou e eles venceram: Titãs e U2 são os grandes vencedores de 88! O quarteto irlandês levou o primeiro lugar em todas as categorias a que concorreu — Grupo, Música, LP, Vocalista, Guitarra, Baixo e Bateria — e de quebra, Rattle and Hum *ficou num honroso segundo melhor Filme. Alô, empresários do setor, que tal U2 no Brasil em 89? Os Titãs arrasaram em LP, Grupo e Show, além de alguns segundos e terceiros lugares. A guerra da poesia de Cazuza também mostrou do que é capaz: ele é o melhor Letrista de 88 (em concordância com a crítica) além de segundo melhor Vocalista e LP e terceiro Show. "Faroeste Caboclo", aquela canção de Legião Urbana de nove minutos com uma letra compridíssima é a melhor Música e "Faz Parte do Meu Show" de Cazuza é a segunda melhor — quem disse que não havia lugar para boa poesia no rock nacional? Renato Russo lava os louros de Vocalista número 1 do Brasil, pelo terceiro ano seguido e sua Legião é a segunda em Grupo e Show — apesar dos tumultos, como assinalou uma leitora eleitora. O must das pistas de dança em 88, o New Order, o melhor Show do ano passado, também brilhou com seus instrumentista — Gillian foi o primeiro lugar em Outros Instrumentos, Peter Hook e Stephen Morris, segundos em Baixo e Bateria, respectivamente e ainda, Barney Summers empunhou a terceira melhor Guitarra. Nem deu muito tempo para lamentar o fim dos Smiths — Morrissey em carreira solo compôs a segunda melhor Música e Johnny Marr emprestando sua técnica inigualável aos Talking Heads e aos Pretenders (ao vivo aqui no Brasil) só ficou a trás de The Edge em Guitarra. A Noruega compareceu com os* baby faces *do A-Ha e apareceu em segundo lugar em LP e Grupo. O que é bom para o resto do mundo é bom para o Brasil? Sei lá, mas pelo menos a Revelação foi a mesma: Tracy Chapman, que não contente com isso, ainda apareceu em Música e LP. Seu parceiro na ala nacional foi o peso-pesado Ed Motta. E vamos aos resultados propriamente ditos...*

MELHOR GRUPO

U2 35,5%
A-HA 20,7%
NEW ORDER 10,7%

TITÃS 30,3%
LEGIÃO URBANA 15,3%
ENGENHEIROS DO HAWAII 14,6%

LP

NACIONAL

1	*GO BACK* — TITÃS	27,9%
2	*Ideologia* — Cazuza	15,3%
3	*Ouça o que Eu Digo Não Ouça Ninguem* — Engenheiros	8%
4	*Psicoacustica* — Ira!	5,6%
5	*Carnaval* — Barão Vermelho	4,5%

INTERNACIONAL

1	*RATTLE AND HUM* U2	20 7%
2	*Stay on These Roads* A-ha	10%
3	*Faith* — George Michael	7,6%
4	*Introspective* — Pet Shop Boys	7,1%
5	*Tracy Chapman*	4,5%

MÚSICA

1	' FAROESTE CABOCLO ' — LEGIÃO URBANA	19,9%
2	"Faz Parte do Meu Show" Cazuza	16,6%
3	"Camila, Camila" Nenhum de Nos	14,7%
4	"Pense e Dance" — Barão Vermelho	6,7%
5	"Comida" — Titãs	5,8%

1	"DESIRE" — U2	12,4%
2	"Baby, Can I Hold You Tonight" — Tracy Chapman	11,5%
	"Suedehead" — Morrissey	
4	"Stay on These Roads" A-ha	9,4%
5	"Silent Morning — Noel	7,3%

VOCALISTA

BONO VOX

RENATO RUSSO 21,5%
CAZUZA 3,4%
SÉRGIO BRITTO 7%

CAZUZA 34,7%
ARNALDO ANTUNES 22,7%
HUMBERTO GESSINGER 11,7%

LETRISTA

REVELAÇÃO

ED [illegible] 40,4%
REFLEXU'S 13,4%
MARISA MONTE 10,6%

[illegible]PMAN 52,6%
SINÉAD O'CONDOR 12,1%
GUNS'N'ROSES 4,8%

SHOW

TITÃS 37%
LEGIÃO URBANA 16,6%
CAZUZA 10,9%

NEW ORDER 21,5%
STING 13,3%
DURAN DURAN 12,1%

GUITARRA

NACIONAL

1	EDGARD SCANDURRA (TRAI)	28,9%
2	Fre.at (Barão Vermelho)	14,5%
3	Hebert V.anna (Paralamas do Sucesso)	13,8%
	Tom Be.otto (Titas)	

INTERNACIONAL

1	THE EDGE (U2)	31,6%
2	Johnny Marr	13,1%
3	Barney Sumner (New Order)	11,1%

BAIXO

NACIONAL

1	NANDO REIS (TITÃS)	36,3%
2	Arthur Ma.a (Lu.a Santos Cama de Gato)	17,4%
3	De (Barão Vermelho)	9,6%

INTERNACIONAL

1	ADAM CLAYTON (U2)	27,5%
2	Peter Hook (New Order)	19,8%
3	John Taylor (Duran Duran)	6%

BATERIA

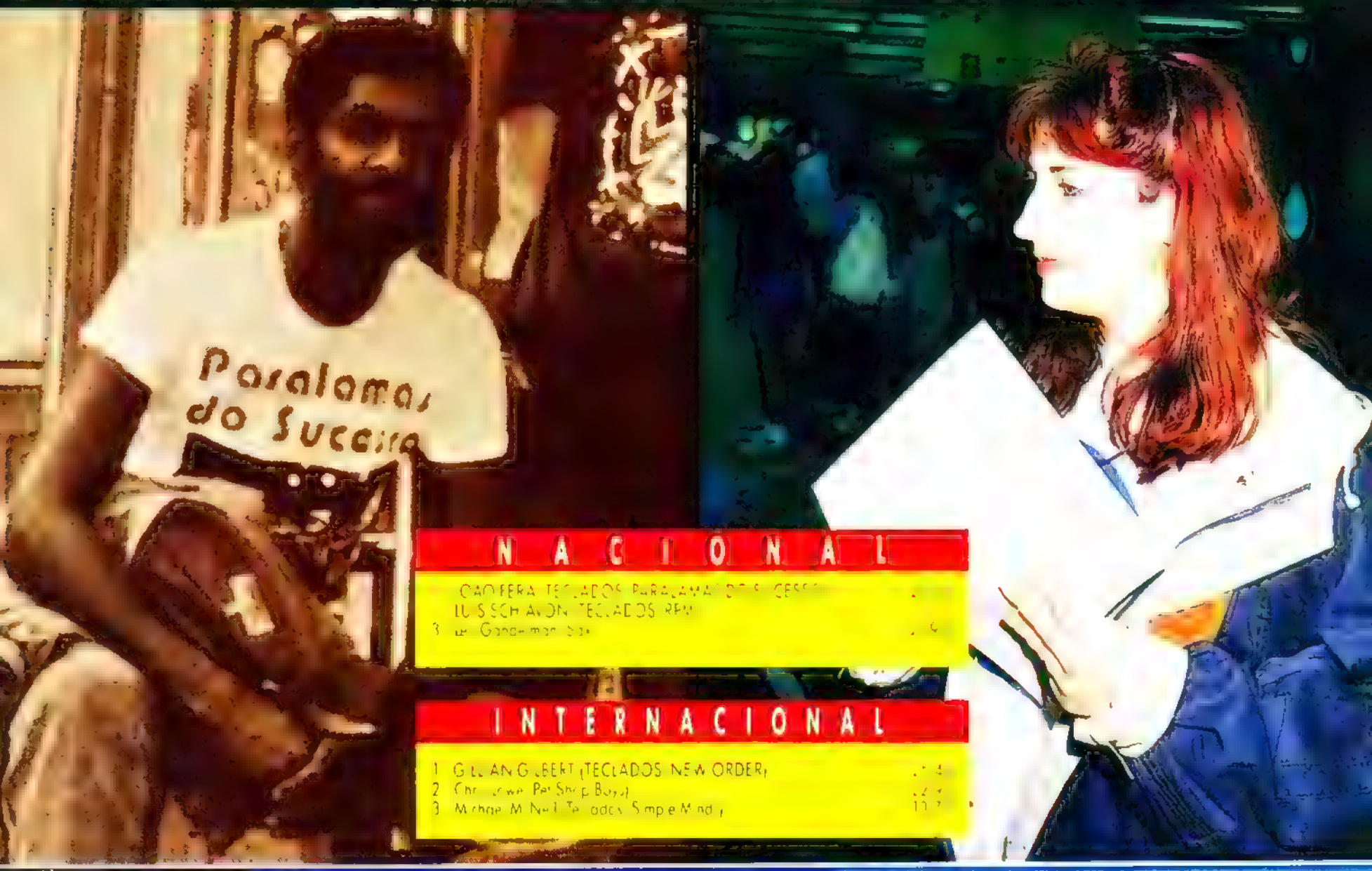
NACIONAL

1	JOÃO BARONE (PARALAMAS DO SUCESSO)	30,9%
2	Char.es Gavin (Titãs)	29,3%
3	B.ba Me.ra (DeFal.a)	10%

INTERNACIONAL

1	LARRY MULLEM (U2)	27%
2	Stephen Morris (New Order	19,1%
3	Steve Ferron (Duran Duran)	9,4%

OUTROS INSTRUMENTOS



NACIONAL

1 [illegible] (TECLADOS PARALAMAS DO SUCESSO)
2 LUIS SCHIAVON (TECLADOS RPM)
3 [illegible] Gandelman (Sax)

INTERNACIONAL

1 GILLIAN GILBERT (TECLADOS NEW ORDER)
2 Chris Lowe (Pet Shop Boys)
3 Michael McNeil (Teclados Simple Minds)

REF: 273 COR: PR | REF: 281 COR: BR, AZ, PR | REF: 298 COR: BR | REF: 279 COR: BR, AM | REF: 296 COR: BR | REF: 295 COR: BR | REF: 347 COR: BR

REF: 206 COR: BR, AZ | REF: 275 COR: BR, PR | REF: 254 COR: BR, PR | REF: 215 COR: AZ, PR | REF: 224 COR: BR, AZ | REF: 226 COR: BR | REF: 351 COR: BR

REF: 317 COR: BR | REF: 348 COR: BR | REF: 299 COR: BR | REF: 300 COR: BR | REF: 336 COR: BR | REF: 345 COR: PR | REF: 346 COR: BR | REF: 349 COR: PR | REF: 258 COR: PR, BR | REF: 354 COR: PR

REF: 329 COR: PR | REF: 334 COR: PR | REF: 342 COR: PR | REF: 324 COR: BR | REF: 341 COR: BR | REF: 277 COR: PR, AZ | REF: 343 COR: PR | REF: 260 COR: VM, AZ, PR | REF: 287 COR: BR, PR | REF: 362 COR: AZ | REF: 363 COR: PR

REF: 332 COR: PR | REF: 304 COR: PR | REF: 308 COR: AZ, PR | REF: 353 COR: PR | REF: 292 COR: PR | REF: 293 COR: BR | REF: 218 COR: PR

DESCONTO 20%

ENVIE CHEQUE NOMINAL OU VALE POSTAL À STAMP (JÁ COM DESCONTO CALCULADO) E GANHE 20% DE DESCONTO. PREENCHA O VALE DA SEGUINTE MANEIRA: DESTINATÁRIO: STAMP - AGÊNCIA PAGADORA: SHOPPING CENTER NORTE, CÓDIGO: 403389 CEP 02096 - SÃO PAULO - SP SEU PEDIDO SERÁ ENTREGUE NA AGÊNCIA DO CORREIO MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA

Tel. (011) 299 7478
Hor. 2ª a 6ª das 8:00 às 17:30

Stamp

CAMISETA

RECEBA PELO CORREIO

MALHA ESPECIAL

MODELAGEM GRANDE
100% ALGODÃO
TAMANHOS P, M, G

New Order

MANGA CURTA
Nos 11,40
MANGA LONGA
Nos 14,40

Estou enviando agora CHEQUE VALE POSTAL
no valor de
com o preço de
Prefiro pagar ao receb
mais despesas posta

REF COR TAM MC ML REF COR TAM MC ML

Nome
Rua
Est ESTADO CEP
Envie este cupom ou cópia para STAMP Rua Emb. João Neves da Fontoura 156 CEP 02013 São Paulo SP Santana

MELHOR FILME

NACIONAL

1	*FELIZ ANO VELHO*	36,6%
2	*A Dama do Cine Shangai*	13,8%
3	*A Menina do Lado*	12,8%

INTERNACIONAL

1	*UMA CILADA PARA ROGER RABBIT*	20,9%
2	*U2 Rattle and Hum*	13,5%
3	*Imperio do Sol*	13,1%

...E AS MELHORES MÚSICAS, SEGUNDO OS MELHORES MÚSICOS...

CAZUZA

Eu Sei — Legião Urbana
Por Quase Um Segundo — Paralamas do Sucesso
Blues da Piedade — Cazuza
Virgem — Marina
Marvin — Titãs

ED MOTTA

Deus Me Faça Funk — Scowa & A Mafia
"Projeto de Lei" — Luni
"O que Você Faz a Noite" — Barão Vermelho
"Farto de Rock'n Roll" — Ira!
"Vamos Dancar" — Ed Motta & Conexão Japer

FREJAT

Tunnel of Love — Bruce Springsteen
Make No Mistake About It — Keith Richards
"Fast Car" — Tracy Chapman
Show Down at the Big Sky — Robbie Robertson
Lee and Molly — Ziggy Marley

RENATO RUSSO

Melt Away — Brian Wilson
God Part 2 — U2
Talking About A Revolution — Tracy Chapman
Everyday Is Like Sunday — Morrissey
Boas Novas — Cazuza

NANDO REIS

"You Don't Move Me" — Keith Richards
My Brothers — Aswad
O Beco" — Paralamas do Sucesso
Love Over Lap — Ambitious Lovers
Elejibô — Margaret Menezes

EDGAR STEFFEN (VZYADOQ MOE)

"Carrie Bagman" — Foll
"Mercy" — Nick Cave & Bad Seeds
"Paid 'n Full" — Eric B & Rakim
"It's Fucking Boring to Death" — DeFalla
"Lycanthropia" — Harry

HUMBERTO GESSINGER

Show It Down at the Big Sky — Robbie Robertson
Fallen Angle — Robbie Robertson
Por Si Mesmo — Duca Leindecker
Blues da Piedade — Cazuza
"The Clairvoyant" — Iron Maiden

EDGARD SCANDURRA

Don't Talk — 10 000 Maniacs
Prision Blue — Jimmy Page
Repelente — DeFalla
Pobre Deus — Lobão
Farto de Rock'n Roll — Ira

Dolphin
NEW AGE
DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. N. Sra. do Sabará, 3771
Tel.: (011) 548-5920 · São Paulo · SP · 04447 · BRASIL

DIÁRIO DE BORDO DE UM PASSAGEIRO QUASE CLANDESTINO

(PARTE II)

Se você perdeu a edição do mês passado, com o relato da chegada do New Order ao Rio e uma super-entrevista exclusiva com Peter Hook, não tem desculpa... Se você não perdeu, eis a continuação do diário-de-bordo da turnê.

(25/II)

A noite da estréia do New Order no Brasil encontra os acessos ao Maracanãzinho totalmente entupidos desde a Lagoa Rodrigo de Freitas. Além do show, e do habitual congestionamento "embalos de sexta à noite", o Vasco enfrenta a seleção da Dinamarca justo em pleno Maracanãzão...

Para piorar, a banda é extremamente pontual e, nos últimos compassos de "True Faith" (que tinham tocado na passagem de som, à tarde), metade do público ainda está como eu — entrando no ginásio. Quando finalmente chego ao "chiqueirinho" da imprensa, ela chega ao fim. Ao meu lado, o homem das "novas tendências", Zé Roberto Mahr, informa: é apenas a segunda música, e eles abriram com "Ceremony".

Aí o seqüenciador solta as primeiras notas de "Bizarre Love Triangle" e o Maracanãzinho chacoalha inteiro.

A banda está ainda meio insegura, faz um ano que não tocam ao vivo e Gillian dispara alguns botõezinhos na hora errada, mas aos poucos vão esquentando, atingindo o ponto de fervura num sublime "Every Little Counts", cujo final instrumental se estica numa simbiose de corpo e alma entre Peter Hook e Steve Morris. Depois de ver essa dupla e também Les Pattinson/Pete de Freitas, o ano passado, e Clayton/Müllen, em

Rattle and Hum, dá para achar que, ao vivo, uma grande banda de rock'n'roll começa por um coração formado por baixo e bateria tocando olhos nos olhos.

E a banda de rockanrroll que o New Order, uma vez, já foi, continua lá, pulsando e suando nessa dupla que inovou o conceito de "seção rítmica" e surpreendeu o mundo transformando-se no melhor "Eurodisco" da década.

Enquanto isso, Barney revira os olhinhos, rebola, arrisca rasgos guturais *à la* Springsteen, batuca seu agogô febril em "Perfect Kiss" e parece no sétimo céu. Há alguma coisa de "errado". Este não é o New Order que eu conheço. O Maracanãzinho aprova, urra e a banda volta para o bis. Depois, no camarim, Barney — alguns litros a menos de água no organismo — perde os sentidos no primeiro sofá.

Volto para o hotel feliz da vida e só sou tirado do transe por uma invasão hippie: a única FM audível está emendando "California Dreamin'" com "You've Got a Friend".

(26/II)

Folga!!!

(27/II)

O vôo Rio-Buenos Aires tem sua escala em São Paulo alongada por algum pepino no trem de pouso do avião. É o momento do carrapato se apresentar formalmente a suas vítimas. Saio pelo corredor com um punhado de BIZZ na mão e vejo Barney, mas ele está totalmente mergulhado nas páginas de *Communion*, o último Whitley Strieber *(The Hunger)*. Meia-volta volver e dou de cara com o empresário.

"Você é Rob Gretton, não é?"

"Ahhm... sim."

"Não fomos apresentados ainda... Estou fazendo a cobertura completa da turnê para a "BIZZ magazine". Eis aqui alguns exemplares da revista com o New Order na capa..."

(Rob dá uma olhada nas revistas e agradece.)

"Só não quero incomodar ninguém, não estou pedindo nenhuma entrevista, a matéria vai ser mais um 'diário de bordo' mesmo, nem precisa, mas vou ficar o tempo todo por perto de vocês, como uma mosca na parede, mas não como carrapato".

"Ótimo! É assim mesmo que eu gosto!"

Algumas horas depois, estamos finalmente sãos e salvos no aeroporto de Porto Alegre. A temperatura caiu uns vinte graus em relação ao Rio. A caminho da sala de imprensa, onde a banda vai posar para algumas fotos, eu sigo logo atrás de Steve e Gillian e arrisco contato.

"Graças a Deus estamos no chão!"

Se viram e sorriem com toda a timidez que há nesta galáxia.

"E então, que estão achando do Brasil?"

Gillian: "Esquisito, muito esquisito. O Rio que conhecíamos era dos cartões postais... e isto tudo não passa ali da praia, onde ficava o hotel. Não esperávamos que a cidade mesmo fosse aquele... entulho".

Fico pasmo quando me contam ainda que foram levados, no Rio, a um templo da peruagem *nouveau riche* explícita. Arrisco adivinhar o nome do estabelecimento.

Gillian: "Yeah... *esse* era o lugar!" Ela torce os lábios e olha para cima como quem diz "Macacos, me mordam já!"

(28/II)

É minha primeira vez em Porto Alegre e aproveito a bela manhã de sol para circular pelas ruas do centro. Lindas praças, lindas mulheres de sangue alemão, lindas mulheres de sangue índio e (seria uma cidade perfeita?) sebos de discos e livros do Grande Arco da Velha

Volto carregado para o hotel. Nas sacolas, entre outras preciosidades a preço de banana, duas fitas de presente para *el gran* programador de ritmos Steve Morris: o *Forró Quentão*, de Júlio Silva e Severino Araújo, e *Pontos de Terreiro*, com o grupo folclórico

Jorge Rosemberg - Azul

Eurico Salis - Azul

À esquerda, o desembarque em Porto Alegre, no domingo à noite. Acima, dois dias depois, é a vez do aeroporto de São Paulo

Eurico Salis - Azul

Acima, Steve acerta a programação de um dos oito samplers da banda, minutos antes de começar a passagem de som no Gigantinho (esq.)

Eurico Salis - Azul

Ybiara.

Se eu quero estar no Gigantinho para acompanhar toda a montagem do palco, além da passagem de som, só dá tempo para um rápido "meat is murder" à moda gaúcha no restaurante do hotel. Duas e meia da tarde chego no ginásio.

Neste país em que tecnologia musical é um privilégio de poucos, a aparelhagem que encontro já montada dá vontade de assaltar um banco. Dois seqüenciadores e oito samplers conectados e mixados por um computador Mackintosh, fora os habituais baixo, guitarra, bateria e teclado. Há dois roadies só para cuidar da parte computadorizada do som da banda e, na mesa onde ficam, ao fundo do palco, há duas folhas de papel com os códigos de programação listados para 35 músicas do repertório já gravado pelo New Order — só de disquetes, isso dá uma valise cheia.

A banda mesmo só chega por volta das seis horas e, tranqüilamente, faz uma passagem de som idêntica à do Rio: "True Faith" e uma nova, "Dream Attack", em que Barney e Gillian empunham,cada um seu violão.

Corta para oito e meia da noite. Estou atrás do palco, olhando a arquibancada lotada e já alucinada, quando Peter Hook surge ao meu lado, saboreando um copo de conhaque:

"Você é que é o cara da BIZZ?"

"Eu mesmo."

"Mora no Rio?"

"Não, em São Paulo..."

"Belas férias, hein?"

"É. Não posso reclamar."

Ele me faz um série de perguntas sobre Porto Alegre e São Paulo, tento responder, ele pergunta que horas são. "Quase nove!", Ele sai rapidinho para o camarim.

E vemos um puta show, a gauchada pulando aos milhares a cada bumbada da bateria eletrônica. Quando chega *el matador* bloco final, baixa o carnaval na terra, começando com "Bizarre Love Triangle" e desembocando num bis solar, amarrando o fim — "Fine Time", último compacto do New Order — e o começo — "Ceremony", o primeiro.

Volto para o hotel no ônibus deles. Estão todos de ótimo humor com o desempenho da banda e a resposta do público. Todos tinham achado o show do Rio apenas "passável" e a verdade é que, comparado com o desta noite, eles têm toda a razão.

Ainda estou no saguão do hotel quando Conceição (Warner Brasil) chega com boas notícias: haverá, afinal, uma coletiva em São Paulo e Peter Hook me dará uma exclusiva durante o vôo para São Paulo.

Segue-se uma saudável e gargalhante cervejada no bar do hotel na qual Hooky e Andrew, um dos roadies, me dão uma aula sobre *acid house* e Rob Gretton relembra seus tempos de DJ no Rafter's ("eu só tocava punk e reggae"), o clube de Manchester em que ele e Tony Wilson descobriram o Joy Division numa noitada de "calouros".

(29/II)

No ônibus, a caminho do aeroporto, o ghetto-blaster de Hooky vem detonando *Rattle and Hum* e a polêmica corre solta: o U2 é a última banda de rock'n'roll do planeta ou apenas uma boa banda encabeçada por um ególatra messiânico? Não há acordo possível. Hooky confessa ter pensado que o trecho de Jimi Hendrix tocando o hino americano fosse de The Edge.

Chegamos em cima da hora e o avião decola com a poltrona ao lado ocupada pelo primeiro e único Peter "Born to Be Wild" Hook.

Quando a fita e a entrevista chegam ao fim, é a vez de ele me interrogar. Conversamos — sobre *acid hause*, uma obsessão entre toda a entourage, mais os Watchmen, Guns'n'Roses (ele gosta) e outras amenidades — até o pouso em São Paulo.

Eu vou correndo para casa.

***

Poucos horas depois, a caminho da coletiva, faço uma parada para comprar mais fitas-presente para Hooky e Barney. (Quem sabe não consigo uma "Cabra Cega" só de música brasileira? Escolho *Canta Canta Minha Gente* (Martinho da Vila), *Bezerra da Silva e Um Punhado de Bambas*, uma coletânea de chorinhos e outra de Luís Gonzaga.

À beira da piscina do hotel, com o baixista ainda molhado, de sunga e quimono vermelhos, e Gillian e Steve devorando cada um o seu x-salada, a entrevista começa com uma bateria de perguntas que caberiam mais ao empresário. Querem saber tudo sobre o grau de independência da banda: eles explicam que detêm todos os direitos sobre gravação, edição e vídeo através de microempresas próprias (BeMusic e GainWest). A distribuição é que é licenciada à Factory na Europa, QWest nos EUA, WEA no Brasil etc. (há, inclusive, esta tarde, um grande mal-estar por causa da adulteração das capas dos LPs *Brotherhood* e *Substance*, que a banda e Rob só descobrem em São Paulo).

As perguntas continuam sobre percentagens, vendas etc. etc. "Por que o New Order ainda não estourou nos EUA?" "Estamos contentes com o sucesso que fazemos, obrigado." Explicam que a banda só ficou mesmo conhecida na América do Norte

através da trilha do filme *Pretty in Pink*, para a qual contribuíram com "Thieves Like Us" e "Shellshock".

Falam também de seus planos para o futuro: uma turnê pelos EUA em abril e depois a composição do próximo LP. No final, chega e faz o maior sucesso a *Revista Poster* de BIZZ. (No camarim do Ibirapuera, ela reapareceria pregada em uma das paredes, com a seguinte inscrição, em inglês, sob Barney: "Gracinha... como um rato".)

Michael Shamberg, produtor dos vídeos da banda, e sua irmã filmam tudo.

***

Encerrada a coletiva, vou até Rob Gretton mendigar uma fita de *Technique*.

"Você está louco! O disco só sai em janeiro..."

"Não precisa me dar uma cópia. Tudo que eu quero é ouvir..."

Ele sorri e chama Conceição: "Conny, faça uma cópia da fita aqui para o Zed (como eles pronunciavam "Zé"), mas só para ele, hein?! Virando-se para mim: "Se essa fita for pirateada, eu volto ao Brasil pessoalmente só para te quebrar as duas pernas!" Eu agradeço, faço juras e promessas (e até hoje estou esperando pela fita).

(30/11 a 3/12)

Nas internas, a primeira noite em São Paulo — para um público "seleto", no Olympia — ficou conhecida como "o desastre".

Desde a entrada da escaleta de Barney, fora do tom de "Your Silent Face", ao clima claustrofóbico e fora de contexto da banda sobre o palco do Olympia, tudo conspirou para um show constrangedor, salpicado de atravessadas e desafinadas. Mesmo assim muito distante da catástrofe que a própria banda o considerou.

A platéia até pede bis aos urros, mas é exigir demais. Não fico nem cinco minutos no camarim. O silêncio paira como uma nuvem de limalha de ferro.

***

O dia seguinte, na arena democrática (mas nem por isso de acústica aceitável) do Ibirapuera, tudo é bem diferente.

De volta à pauleira exibida em Porto Alegre, a banda derruba o ginásio e volta para o bis com um aceno ao Joy Division: o cover punk-metálico de "Sister Ray" (Velvet Underground) bate uma vitamina adrenalina-anfetamina de, no mínimo, quinze minutos, culminando com agulhadas de microfonia e tudo.

Faltam ainda duas noites no Ibirapuera e a profecia de Hook sobre os show em São Paulo — "Ou começa uma merda e vai ficando bom, ou começa bem e termina uma merda" — é totalmente confirmada. A segunda noite no Ibirapuera atinge a Luz e a Orgia da Dança nas melhores versões de "Blue Monday", "Perfect Kiss" e "Temptation" apresentadas em toda a turnê.

***

Finalmente chega o dia de encerramento. Como a saudade já começa a bater, faço uma visitinha à passagem de som e tenho a sorte de flagrar os roadies fazendo a festa numa jam primitivista com as Grandes Pérolas do Rock'n'Roll de Três Acordes: "Anarchy in the UK", "Wild Thing", "Roadrunner", "Louie Louie".

Aí chega a banda e detona "Love Will Tear Us Apart". Na primeira, Barney acaba alongando o refrão e fazendo todo mundo se perder no meio da música. Na segunda, pau puro.

Não é a única surpresa da noite para os velhos fãs. No meio do show, Hooky assume o microfone e eles desenterram, do primeiro LP, um dos mais belos contrapontos para duas guitarras de sua discografia: "Dreams Never End". O que, no disco, o baixista sussurra, aqui ele grita e pela primeira vez o Ibirapuera não entende muito bem o que está acontecendo. Logo o show volta "ao normal" e Barney diz: "Agora é a vez de tocarmos tudo que vocês querem ouvir!" O ginásio vira o maior salão de baile que eu já vi, mas quem parece estar se divertindo mais que todo mundo é o próprio New Order.

A festa continua no camarim. Estou conversando com Herr Thomas Pappon quando Hooky reaparece: "Você não disse que ia dormir cedo hoje?" (De fato, com a gripe que peguei devia estar na cama há tempo). Thomas pergunta o que ele achou da versão dos Swans para "Love Will Tear Us Apart": "OK... A versão de Paul Young

também é OK. Até o U2 está tocando ao vivo... e a versão deles também é OK. Para nós, é ótimo uma grana de direitos autorais!"

Nessas e outras, consigo até engatar um colóquio com Steve, a partir das fitas de forró e candomblé. Começamos a conversar sobre "sampleagens" de percussão e ritmo. Conto que Peter Gabriel veio ao Brasil só para isso, voltando com alguns registros digitais de Djalma Correa. O assunto parece finalmente iluminar os olhos do baterista e ele começa a dizer que ouvira falar que Gabriel tem um banco de memória de seu Fairlight só com ritmos do mundo todo, todos sincronizados e... Somos interrompidos por uma figurinha ansiosa para descolar um emprego na BIZZ. Quando consigo me desvencilhar do tipo, Steve já está bem longe.

Estou pensando em me despedir de todos quando Rob Gretton me chama num canto para dizer que conseguiu convencer a WEA a me levar para Buenos Aires, onde se encerra a turnê. Cumprimento todos pela trinca de shows brilhantes no Ibirapuera e vou para casa gripado até a alma mas transbordando de... *joy*.

Só durante a semana é que fico sabendo que o eles já fugiram para a Inglaterra, assustados com mais uma quartelada dos milicos argentinos. Um triste final para nove dias de delírio.

J.A.L.

Jorge Rosemberg / Azul

Jorge Rosemberg / Azul

***À esquerda, nossa* Revista Poster *chega e faz o maior sucesso na coletiva de São Paulo — inicia da com Steve enfrentando um prato típico local: o* x-salada

SET LISTS

MARACANÃZINHO/RJ 25/11

"Ceremony"
"True Faith"
"Bizarre Love Triangle"
"Sunrise"
"Every Little Counts"
"Your Silent Face"
"Vanishing Point"
"Dream Attack"
"Temptation"
"Age of Consent"
"Blue Monday"
"The Perfect Kiss"
(bis:)
"Touched by the Hand of God"
"Fine Time"

GIGANTINHO/POA 28/11

"Touched by the Hand of God"
"True Faith"
"Subculture"
"Paradise"
"Vanishing Point"
"Dream Attack"
"Mr. Disco"
"Every Little Counts"
"Bizarre Love Triangle"
"Blue Monday"
"Age of Consent"
"Temptation"
"The Perfect Kiss"
(bis:)
"Ceremony"
"Fine Time"

OLYMPIA/SP 30/11

"Your Silent Face"
"Age of Consent"
"Mr. Disco"
"Every Little Counts"
"Temptation"
"Dream Attack"
"Face Up"
"Blue Monday"
"True Faith"
"Touched by the Hand of God"
"Subculture"
"Bizarre Love Triangle"

Quer dizer "listas de repertório". Cerca de uma hora antes de subir ao palco, o New Order se reúne para escolher as músicas que querem tocar. Uma vez pronta a set list, *ela é passada aos* roadies, *que já começam a carregar os sequenciadores, samplers etc., com os programas das músicas escolhidas. Cópias da lista são também coladas em pontos estratégicos do palco*

IBIRAPUERA/SP I 1/12

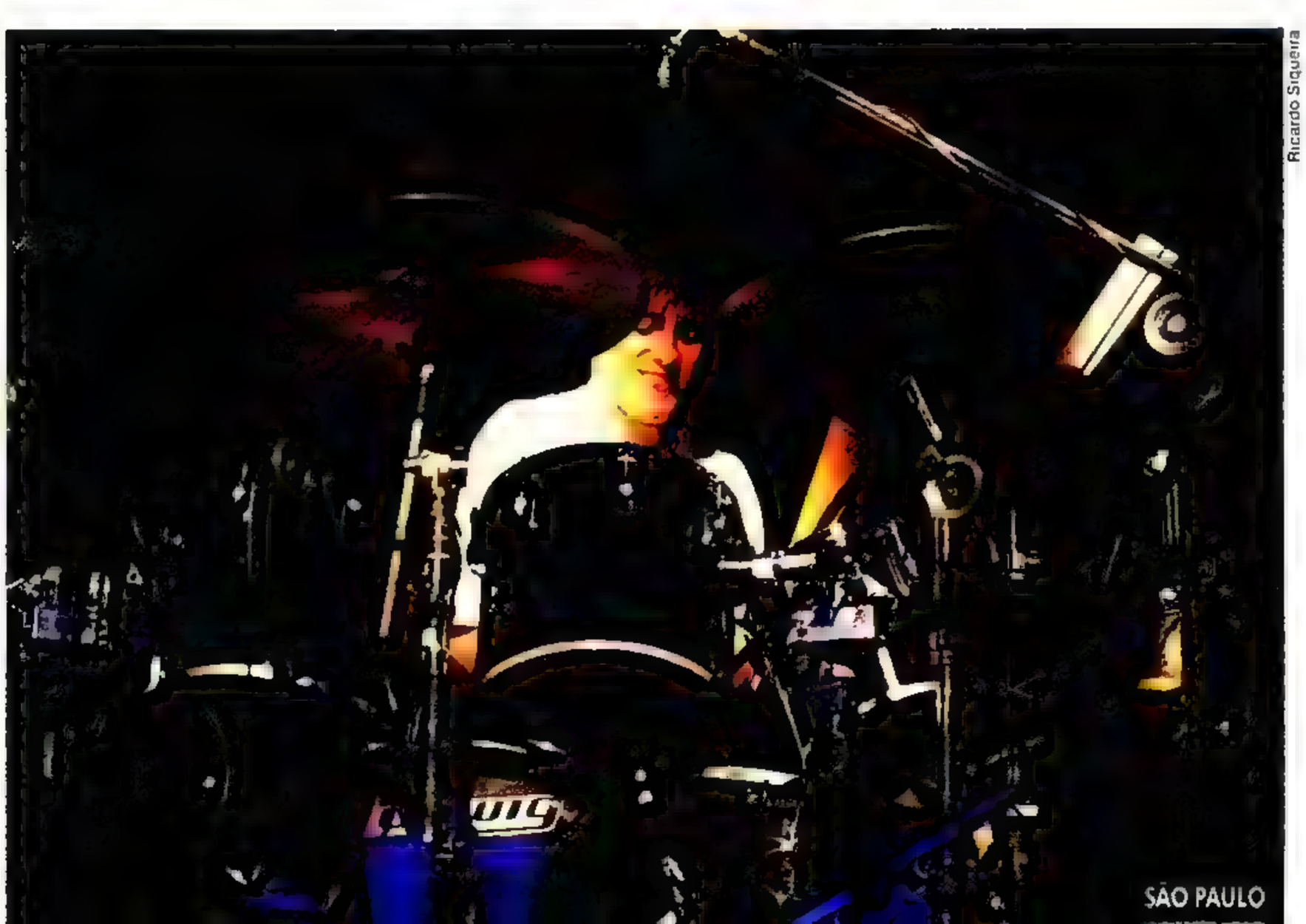
"Ceremony"
"True Faith"
"Subculture"
"Paradise"
"Thieves Like Us"
"Mr. Disco"
"Your Silent Face"
"Bizarre Love Triangle"
"Blue Monday"
"Age of Consent"
"Temptation"
"The Perfect Kiss"
(bis:)
"Touched by the Hand of God"
"Sister Ray"

IBIRAPUERA/SP II 2/12

"Bizarre Love Triangle"
"True Faith"
"Subculture"
"Sunrise"
"Thieves Like Us"
"Mr. Disco"
"Every Little Counts"
"Age of Consent"
"Blue Monday"
"Ceremony"
"Temptation"
"The Perfect Kiss"
(bis:)
"Face Up"
"Fine Time"

IBIRAPUERA/SP III 2/12

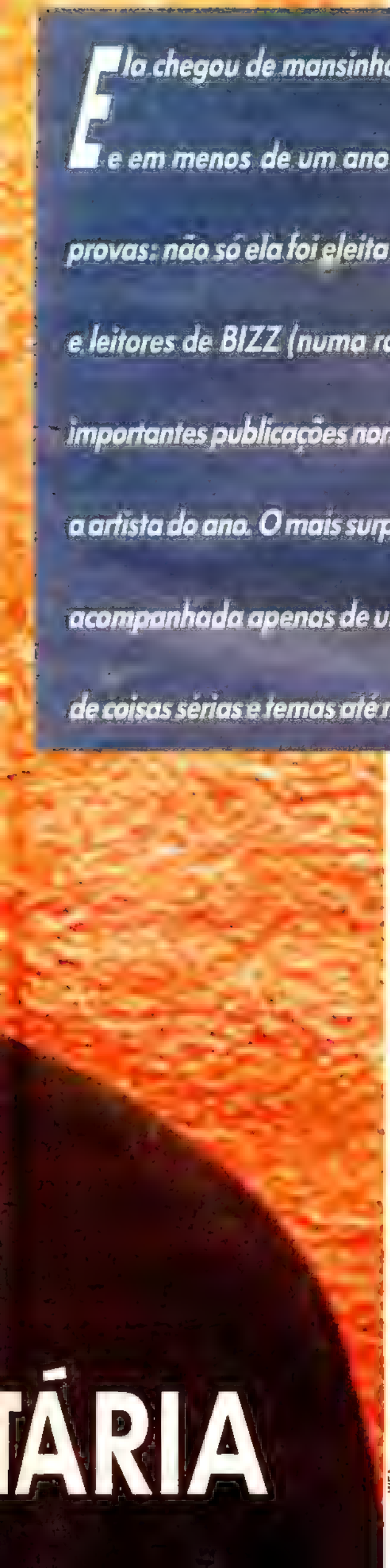
"Ceremony"
"Touched by the Hand of God"
"True Faith"
"Subculture"
"Dreams Never End"
"Your Silent Face"
"Dream Attack"
"Bizarre Love Triangle"
"Blue Monday"
"Age of Consent"
"Temptation"
"The Perfect Kiss"
(bis:)
"Love Will Tear Us Apart"
"Fine Time"



TRACY CHAPMAN

O PODER DA VOZ SOL

Ela chegou de mansinho, como quem não quer nada, e em menos de um ano se tornou uma megastar. As provas: não só ela foi eleita Revelação do ano pela crítica e leitores de BIZZ (numa rara unanimidade) como duas importantes publicações norte-americanas a consideraram a artista do ano. O mais surpreendente: ela canta sozinha, acompanhada apenas de um violão e suas canções falam de coisas sérias e temas até meio incômodos, como racismo



Racismo, violência urbana, revolução e injustiça social não figuram entre os temas que normalmente recheiam as canções das paradas de sucesso. Fúria hormonal da adolescência e rasas questões amorosas: estes, sim, são o estofo da maioria dos hits pop. Os assuntos ditos "sérios" ou "nobres" costumam ser relegados a cantos obscuros de um elepê ou são regidos pela maré do interesse publico, de acordo com a atualidade ou a repercussão de determinado tópico. Ademais, "seriedade pop" é quase sempre sinônimo de chatice e pedantismo. A militância pop apetitosa, por assim dizer, é uma bênção que ocorre vez por outra.

Isto posto, fica mais surpreendente ainda a trajetória das onze músicas que puseram no mapa a até então desconhecida Tracy Chapman. Em menos de um ano essa fechada menina negra de Cleveland, Ohio, saltou das calçadas de rua em Boston, Massachusetts — onde ganhava a vida tocando para os transeuntes —, para o topo da lista de mais vendidos da revista *Billboard*, e dali para a megaestelar turnê Direitos Humanos Já e, pouco depois, para a premiação como artista do ano de acordo com pelo menos duas grandes publicações de música, as revistas *Rolling Stone* e *Musician*. Invariavelmente, as onze músicas que celebrizaram Chapman — e que compõem seu álbum de estréia, lançado em meados do ano passado — lidam justamente com os "assuntos sérios" aos quais as paradas-de-sucesso parecem impermeáveis: racismo, violência urbana, revolução e injustiça social. Apesar dos temas, entretanto, o álbum passeou com desenvoltura por cima de toda e qualquer dificuldade, tornando-se, talvez, um dos dez discos mais populares de toda a história da gravadora de Tracy, a Elektra. Só nos Estados Unidos foram vendidas mais de três milhões de cópias do álbum. E, apesar das músicas de Tracy se apoiarem tanto na narrativa e, conseqüentemente, na língua inglesa, o disco foi best-seller na Holanda, na Alemanha e na Bélgica.

Até mesmo o Brasil sentiu os ecos do enorme sucesso de Tracy Chapman, ainda que por vias tortuosas. De acordo com a inclinação "mela-cueca" da programação de rádio brasileira, pinçaram do disco de Tracy logo a faixa mais xaroposa — "Baby Can I Hold You?" —, colocaram-na na trilha da novela das oito e dela fizeram um fantasma onipresente no éter do país, inevitável, a ponto de, assim, a cantora ganhar o apelido de Tracy Chata. Por mais derrogatória e maldosa que seja, a zombaria reforça o alcance de Chapman, a quem praticamente ninguém passou imune durante 1988.

Não menor ainda é o feito de Chapman ter se destacado com tamanha distância da generosa leva de cantoras-compositoras que despontou também ao longo do ano passado, uma fornada que inclui Toni Childs, Cyndi Lee Berryhill, Victoria Williams e, mais recentemente, Tanita Tickaram. Além do mais, Tracy ofuscou até mesmo suas mais diretas ascendentes, Joan Armatrading e Suzanne Vega. Na verdade, Chapman ultrapassou as fronteiras do "novo grupo de vozes femininas do ano" e virou um dos artistas mais celebrados de sua geração.

Qual o segredo de Tracy? O que fez dela um fenômeno pop raro, daqueles que se costuma levar a sério? Sob um ponto de vista estritamente cínico, a sorte foi a melhor amiga de Tracy. Numa das vezes em que estava tocando nas ruas de Boston, Tracy foi vista por Brian Koppelman, cujo pai, Charles Koppelman, é a letra "K" da sigla de uma das mais importantes editoras musicais do mundo, a SBK. Brian falou com Tracy e convenceu o pai a conhecê-la, que, por sua vez, deu meia-dúzia de telefonemas e abriu para Chapman portas importantes no showbusiness: contactou o produtor David Kershenbaum (que já trabalhara com Joan Baez, Richie Havens e Joe Jackson) e, logo depois, a Elektra. Em menos de ano Tracy já havia lançado o álbum. O atual empresário de Tracy, Elliot Roberts — o mesmo que já foi manager, entre outros, de Neil Young e Bob Dylan —, garante que os contratos de Chapman com a SBK e a Elektra são mixaria e que está tentando melhorar as condições para sua artista.

Esportes,
nutrição,
aeróbica,
moda,
ginástica
e
gente
bonita.

NAS
BANCAS

EDITORA
AZUL

Ciclano/Azul

Mesmo assim, o apoio da editora e da gravadora são pilares cruciais do sucesso de Tracy.

Uma análise positiva, no entanto, gostaria de crer que Tracy Chapman é a artista certa no lugar e hora certos. No momento em que achou vazão para canções incisivas que desnudam uma vida marcada por sacrifícios e injustiças, Tracy tornou-se — ainda que involuntariamente — a voz de sua geração, da mesma forma que Bob Dylan e Woody Guthrie antes dela. Ela pode não ser dotada da verve poética que Dylan e Guthrie exercitavam com tanta facilidade, mas tem o que dizer, alguma transição da absoluta falta do que falar que impera no pop para um outro estado de coisas mais iluminado, digamos assim.

O que não se pode dizer é que Tracy Chapman é um sucesso relâmpago, tampouco que tudo lhe foi sempre facilitado ou, ainda, que, famosa, ela abdicou de suas convicções. Enquanto era uma "anomalia" do circuito de clubinhos em Boston — quem ouvira falar de uma negra cantando música folk? —, nem mesmo o supostamente antenado editor de música do jornal alternativo local sabia quem era Tracy Chapman. Numa matéria recente ele admitiu que soube de Chapman somente quando a Elektra mandou-lhe um release a respeito do novo lançamento. E agora, mundialmente famosa, Tracy continua repartindo com cinco pessoas o mesmo apartamento em que morava em Boston antes do sucesso e dirige o mesmo carro caindo aos pedaços.

Quais são os planos de Tracy para 89? Terminada a turnê da Anistia, em novembro passado ela fez um derradeiro show solo no Carnegie Hall, em Nova York, e tratou de desaparecer de circulação, enquanto compõe o restante de seu próximo disco. Como será a Chapman em nova versão? Pouco se sabe, além da possibilidade de, desta vez, ela fazer shows acompanhada por uma banda. Mas isso são suposições. Por tratar-se de Tracy — uma artista surpreendente, de passos inesperados — tudo é possível. Menos o provável

Por *José Emilio Rondeau*,
de Los Angeles

A 89 DE A A Z.

A

C

D

F

G

H

I

J

K

L

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

O mundo dá o seu recado nas ondas da 89 FM, a rádio-rock.

89 FM

DOORS

PARTE I

CENAS ESTRANHAS DENTRO DA MINA DE OURO

"Will he Stink
Carried heavenward
Thru the hall of music
No chance"
("Será que ele vai Feder
Ao ser carregado ao paraíso
Através dos salões da música?
Sem chance")

Estes versos faziam parte do poema Ode to L. A. While Thinking of Brian Jones, Deceased, *escrito por Jim Morrison em novembro de 1969 em homenagem ao ex-guitarrista dos Stones, encontrado morto na piscina de sua própria casa em julho daquele ano. Eles poderiam muito bem se aplicar ao próprio autor: afinal, desde que Jim sofreu um ataque cardíaco fatal na banheira de um apartamento em Paris na madrugada de 3 de julho de 1971 — exatamente dois anos depois da morte de Brian Jones —, o espírito de sua obra, especialmente à frente dos Doors, e o culto de sua imagem continuaram vivos e cada vez mais influentes no rock contemporâneo. Fato este que fica atestado não só por álbuns dos Doors continuarem vendendo em torno de 300 mil cópias anuais em plena década de 80 como pelo interesse despertado pelo material inédito lançado postumamente. Além disso, foram dezenas as bandas que se referenciaram em sua concepção musical — das quais Echo & the Bunnymen seria o exemplo mais característico —, que se sucederam à influência exercida pelo trabalho de Jim na poética e nas performances de Iggy Pop e Patti Smith, entre outros, durante os anos 70.*

Lógico que seria um equívoco menosprezar a contribuição das outras três "portas" — o tecladista Ray Manzarek, o baterista John Densmore e o guitarrista Robbie Krieger — na avançada concepção musical do grupo, agressiva demais para a Califórnia de meados dos anos 60, que testemunhava o pleno florescimento do psicodelismo de bandas como o Jefferson Airplane e o Grateful Dead e a consolidação do country rock por intermédio dos Byrds e do Buffalo Springfield. Boa parte desta alquimia sonora dos Doors deveria ser creditada aos três instrumentistas do grupo, mas é inegável que a força catalizadora desta energia em estado bruto provinha das letras e dos vocais de Jim. Enquanto porta-voz da filosofia dos Doors, ele declarava "estar interessado em tudo que dissesse respeito à revolta, desordem, caos e especialmente em atividades que não fizessem sentido". Esse lema sintetizava a postura do grupo, especialmente em suas apresentações, em que Jim, tal qual um xamã alucinado conduzia o público ao frenesi através da força de suas performances, gerando uma espécie de catarse coletiva freqüentemente associada por ele próprio à tragédia clássica grega e ao Carnaval do Rio. O seu extraordinário carisma, aliado a uma inteligência aguçada, e uma grande carga de sensualidade, transformaram-no no "sonho americano" durante a segunda metade da década de 60 e, sob este epíteto, Jim conheceria o caminho da ascensão e glória, que seria seguido pelo de sua vertiginosa queda.

A Educação Sentimental — James Douglas Morrison nasceu em 8 de dezembro de 1943, na cidade de Melbourne, na Flórida. Seu pai, Steve Morrison, era um jovem oficial em início de carreira na Marinha e apenas seis meses após o nascimento de Jim foi convocado para seguir com as forças americanas em manobras pelo Pacífico, de onde só retornou em meados de 1946. Neste meio tempo, Jim viveu na casa de seus avós paternos em Clearwater, em companhia de sua mãe, Clara Clarke. A rígida educação metodista a que Jim foi submetido nos primeiros anos de infância foi acrescida com a severa disciplina quase militar imposta pela volta do pai, o que contribuiu para gerar em Jim um ódio intrínseco a qualquer espécie de autoridade. Junto a isso, ele cultivava uma espécie de isolamento em relação às outras crianças de sua idade, em parte por sua timidez, em parte pelas constantes mudanças às quais sua família era submetida, de acordo com as bases para as quais o seu pai fosse destacado.

Depois de passar pela cidade de Washington e pelo Novo México, em 1957 os Morrison fixam-se em Alameda, ao norte da Califórnia. A essa altura, a família já contava com mais um casal de crianças — Andrew e Ann —, mas foi o filho primogênito quem mais se aproveitou desse período para ampliar os limites de sua liberdade, que já tornara-se considerável devido às constantes ausências do pai. Foi nessa época que Jim conheceu Fud Ford, um colega gorducho com quem aprontava traquinagens, como ir até a casa de praia de uma amiga para observar em segredo ela e sua mãe trocando de roupas, tomar as garrafas de gim do sr. Morrison e substituir o conteúdo por água, sem contar as intermináveis tardes que passavam na casa de Fud dando trotes telefônicos, fazendo desenhos pornográficos e elaborando textos radiofônicos sobre assuntos como "os problemas do enrabamento e da masturbação". Foi aí que Jim também descobriu o livro *On The Road*, de Jack Kerouac, que com sua narrativa seca e instintiva exerceu grande influência sobre ele, que adotou uma atitude *beatnik* de vida e mergulhou nas obras de escritores como Lawrence Ferlinghetti, Allen Ginsberg, Gregory Corso e outros.

Em fins de 1958, a família de Jim mudou-se novamente, desta vez para o estado de Virginia, na Costa Leste, pois seu pai voltara a trabalhar no Pentágono. Durante os três anos seguintes, Jim moraria na cidade de Alexandria, onde conheceu Tandy Martin, sua primeira namorada, com quem viveu um tempestuoso interlúdio, tanto pela crueldade das brincadeiras de Jim quanto pela imprevisibilidade de suas atitudes, chegando certa vez a ameaçar fazer uma cicatriz no rosto dela com uma faca para que ninguém mais a olhasse, exceto ele.

Porém, paralelamente a esse comportamento intempestivo, Jim demonstrava-se brilhante no colégio, destacando-se com excelentes notas, ao mesmo tempo que começou a freqüentar a Biblioteca do Congresso e a devorar dezenas de livros. Entre suas predileções estavam a filosofia grega antiga, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, poetas americanos como Walt Whitman e Dylan Thomas e a vertente maldita da prosa e poesia francesas, descendente direta das obras de Charles Baudelaire, representada pelo livros de Guillaume Apolinnaire, Paul Valéry, Verlaine e, principalmente, Jean Arthur Rimbaud, com quem Jim mais identificava os seus primeiros escritos. Nesta época ele pensava em tornar-se escritor e poeta e começou a colaborar com pequenos ensaios para um jornal diário, além de ocasionalmente também se dedicar à pintura. Outra forma de expressão que começou a despertar paixão em Jim foi o blues combinado com as técnicas vocais dos dois cantores que mais admirava: Elvis Presley e Frank Sinatra.

Com tantas atividades, o interesse de Jim pelos estudos decaiu completamente e, quando ele anunciou sua decisão de abandonar o colégio antes de terminar o curso, seu pai o repreendeu furiosamente e decidiu mandá-lo de volta para a Flórida, para que concluísse lá os seus estudos. E, em setembro de 1961, Jim voltou a morar com seus avós paternos em Clearwater, enquanto o resto da família Morrison se mudou para San Diego, na Califórnia. É claro que os velhos agüentaram por pouco tempo as insolências, a aparência e os hábitos pouco convencionais de seu neto, e logo Jim decide ir morar em uma casa com mais cinco colegas. Foi quando começou a estudar a fundo Sociologia, História e Literatura, além de ter-se dedicado também ao teatro. Foi em Clearwater também que conheceu Mary Frances Werbelow, uma recatada garota católica conquistada pelo estilo marginal de vida de Jim, e que tomou o lugar de Tandy em suas afeições. Seu temperamento irascível então já era regado por doses generosas de álcool, o que fez com que seus colegas de moradia o fossem abandonando um a um, até só restar ele, quando então passou a viver em um pequeno trailer. Um dos poucos amigos que tinha nesses tempos era Bryan Gates, com quem — a exemplo dos personagens dos escritores *beat* — fez inúmeras viagens de carona pelo Texas, Arizona e até pelo México. Em uma dessas viagens, Jim teve um destino certo: a casa de seus pais, em San Diego.

As portas da percepção abertas para o infinito: a aproximação entre a literatura e o rock

Steve e Clara assustaram-se menos com os cabelos compridos e a aparência desleixada de *beatnik* de seu rebento do que com o fato de ele anunciar ter a intenção de ir estudar Cinema na UCLA, a universidade de Los Angeles. Não era exatamente o futuro que tinham planejado para Jim, mas, dada sua insistência, aquiesceram e, em janeiro de 1964, Jim conseguiu sua transferência para o departamento de Cinema da UCLA. O corpo docente da época contava com nomes como os dos cineastas Josef Von Sternberg, Stanley Kramer e Jean Renoir, e entre os alunos figurava o nome do jovem Francis Ford Coppola (que posteriormente realizaria o clássico *Apocalypse Now*, com a antológica seqüência de abertura, ao som de "The End", dos Doors), mas no restrito grupo de amigos de Jim a princípio destacavam-se Dennis Jakob (que mais tarde seria assistente de Coppola em *Apocalypse Now*) e John LaBella. O trio, além do cinema, tinha interesses comuns em literatura e música. Foi com Dennis que Jim teve a idéia de fazer um duo musical chamado "The Doors: Open and Closed". O nome se referia a dois versos de William Blake — "There are things that are known and things that are unknown; in between are doors" ("Existem coisas conhecidas e coisas desconhecidas; entre elas há portas") e "If the doors of perception were cleansed, everything would appear to man as it truly is, infinite" ("Se as portas da percepção fossem purificadas, tudo

Os Doors conceberam seu estilo musical a partir da ausência de um baixista, com o tecladista Ray fazendo as linhas de baixo em seu instrumento

apareceria ao homem como é na verdade, infinito") —, que por sua vez inspiraram o nome do livro *As Portas da Percepção*, no qual Aldous Huxley aborda suas experiências com mescalina. Mas o interesse de Jim pela poesia não havia sido abandonado e durante sua temporada na UCLA rabiscava versos e anotações variadas sobre cinema que depois integrariam seu primeiro livro de poemas, *The Lords: Notes on Vision*, ao mesmo tempo que preparava um curta-metragem em preto-e-branco em 16 mm para os seus exames finais, que se tornaria seu primeiro e único filme. Para isso ele contava com a colaboração de John LaBella como cameraman e foi através dele que Jim veio a conhecer Ray Manzarek.

Este é o começo... — Uma trajetória igualmente sinuosa, porém bem diversa da de Jim, era a que tinha levado Raymond Daniel Manzarek a estudar Cinema em Los Angeles. Nascido em Chicago em 12 de fevereiro de 1935, ele teve uma educação musical clássica no piano desde criança, mas só começou a se interessar realmente pelo instrumento aos doze anos, quando por conta própria aprendeu a tocar o boogie-woogie. Isso o levou durante a adolescência a se apaixonar pelos blues que fervilhavam nos guetos e clubes noturnos da cidade, mas teve que deixar a música de lado para se dedicar a seu curso de Economia. Já formado, ele veio para a UCLA para estudar Direito, mas logo desistiu, e depois de trabalhar três meses como bancário, voltou para a universidade com o objetivo de fazer o curso de Cinema. Mas, em dezembro de 1961, abalado por uma desilusão amorosa, Ray decide se alistar no exército, um gesto irrefletido que o levou a servir por longo tempo — do qual, para conseguir a dispensa com um ano de antecedência, Ray teve que declarar-se homossexual perante um psiquiatra da corporação — antes de voltar às aulas de Cinema na UCLA. Para sustentar seus estudos, nas noites de sexta e sábado, Ray se transformava em Screamin' Ray Daniels, o vocalista dos Rick & the Ravens, um grupo nitidamente influenciado pelo blues de Chicago e que contava com Rick e Jim Manzarek — irmãos de Ray — no piano e na guitarra, respectivamente. Eles animavam os fins de semana do bar Turkey Joint West, ponto de encontro dos estudantes da UCLA, que freqüentemente terminavam a noite em cima do palco, bêbados, entoando velhas canções com a banda. Uma turma na qual Morrison tinha sempre presença garantida.

No Natal de 1964, Jim viu seus pais pela última vez, pois, logo após, o então capitão Steve Morrison foi designado para ir a Londres, servir nas forças americanas instaladas na Europa. Durante muitos anos, Jim sempre se referiria a eles como se estivessem mortos, não estabelecendo nenhuma espécie de contato com eles. Também a situação com sua companheira Mary — que viera de Clearwater para L.A. com o intuito de se tornar dançarina — se complicara, devido às suas constantes brigas e aos porres de Jim. A gota d'água para ele veio com a péssima repercussão que o seu filme sem título — uma colagem desconexa de ruídos, sons e imagens, classificada por ele próprio como "um ensaio filmado" — obteve durante a sua primeira apresentação, em maio de 1965. O desprezo com que seu trabalho foi encarado tanto pela maioria de seus colegas como por seus professores (que o classificaram como "o pior filme que já haviam visto") fez com que o ressentido Jim desistisse de terminar o curso. Então, ele decidiu ir passar algum tempo na praia de Venice, perto de Santa Monica, antes de ir para Nova York tentar a sorte, mas foi chamado às pressas por Ray com uma proposta: substituir um músico desistente dos Rick & the Ravens — pois o contrato estipulava que eles deviam se apresentar com seis elementos — na abertura de um show da dupla Sonny & Cher. Jim terminou tocando com eles, executando uma guitarra desplugada. Depois Jim mudou-se para Venice, a princípio morando com Dennis Jakob, para depois ir viver no sótão de um armazém. Nesse período de aproximadamente três meses, no qual tomava doses maciças de LSD, Jim dedicou-se a desenvolver o conceito de uma banda e de um espetáculo no qual pudesse cantar suas próprias canções, que vinha compondo com afinco. Em uma bela tarde de agosto, Jim encontrou-se com Ray na praia e este pediu-lhe que cantasse uma de suas músicas. Ele vocalizou os primeiros versos de "Moonlight Drive" — ("Vamos nadar para a lua/ Vamos subir através da maré/Penetrar na noite que a cidade dorme para esconder") —, que maravilharam a Ray tanto como a proposta de Jim de formarem uma banda juntos. Com o nome emprestado do duo irrealizado com Dennis, Jim e Ray formaram o embrião dos Doors com o objetivo de "ganhar um milhão de dólares". O mapa da mina de ouro começava a ser traçado.

O ponto de partida desta nova banda seriam Jim e os três irmãos Manzarek, porém eles não tinham baterista nem baixista fixo. Ray, que por influência dos Beatles havia aderido à filosofia de Maharish Yogi, encontrou em seu centro de meditação John Paul Densmore, que aceitou o seu convite para integrar-se ao grupo. Natural de Santa Monica, Califórnia, onde nasceu em 1.º de dezembro de 1944, John desde criança esteve envolvido com música, tocando percussão sinfônica durante o colégio e depois dedicando-se ao jazz. Sua única experiência como baterista de rock havia sido uma rápida passagem por um obscuro grupo chamado The Psychedelic Rangers, mas mesmo assim decidiu juntar-se à nova banda, apesar de ter estranhado as "esquisitas" canções de Jim. Com este time — acrescido de uma baixista desconhecida — e após duas semanas de ensaio, eles entraram em um pequeno estúdio onde, ainda como Rick & the Ravens, os irmãos Manzarek haviam gravado um single (que não chegou a ser lançado). Em três horas

de tempo disponível conseguem gravar seis das músicas que Jim havia composto naquele verão. De posse das matrizes, Jim, John, Ray e até mesmo sua namorada Dorothy Fujikawa, começaram a percorrer as gravadoras, que não demonstraram o mínimo interesse pelo trabalho. Não demorou para que os irmãos de Ray e a misteriosa baixista logo debandassem. Foi nessa época que Jim encontrou Pamela Courson — uma garota ruiva de dezoito anos, natural do norte da Califórnia — com quem ele desenvolveria um intenso relacionamento amoroso durante os anos seguintes. E, mesmo para o grupo, as coisas pareciam melhorar com a inclusão de Robert Alan Krieger como o guitarrista definitivo dos Doors. Robbie, nascido em L.A. em 8 de janeiro de 1946, havia tentado aprender trompete e piano antes de se dedicar à guitarra flamenca por volta dos dezessete anos. Logo havia trocado-a por uma elétrica, em que a partir do blues e do rock'n'roll desenvolveu uma técnica acurada, especialmente no uso do *bottleneck*. Ele fazia parte da mesma classe de meditação de Ray e John no centro Maharish, além de já ter tocado com o último no grupo The Psychedelic Rangers. Já como quarteto, eles pensaram em incluir um baixista na banda e testaram vários músicos, sem um resultado satisfatório. O problema foi resolvido quando Ray conseguiu um piano elétrico Fender baixo, com o qual fazia as vezes do baixista usando a mão esquerda, enquanto executava seu órgão Vox com a direita.

Mother, I want to... — Os Doors haviam fechado um malfadado contrato de seis meses com a Columbia — a única a se interessar pelas demos do grupo —, através do qual não receberam quase nenhum apoio e estavam com dificuldades para encontrar lugar para tocar, quando finalmente conseguiram arranjar uma temporada de quatro meses numa biboca chamada London Fog, na Sunset Boulevard, a menos de cinqüenta metros do Whiskey-a-Go Go, um dos mais importantes clubes de rock de L.A. Durante quatro meses, o ritmo de trabalho da banda era tocar seis noites por semana com sete entradas de 45 minutos por noite, o que os obrigou a ampliar o repertório com covers — das quais algumas como "Gloria", de Van Morrison; "Back Door Man" e "Little Red Rooster", de Willie Dixon; e "Who Do You Love" foram posteriormente incorporadas de forma definitiva aos shows dos Doors. O ínfimo cachê que recebiam de nada valia, se comparado com a experiência de palco adquirida pela banda e, de forma singular, por Jim, que a cada apresentação ia gradativamente abandonando sua postura reservada para se soltar em performances mais e mais incendiárias.

Mas o melhor ainda estava por vir, quando na última noite de sua temporada, a agenciadora de shows do Whiskey-a-Go Go, Ronnie Haran, veio ver os Doors no London Fog e, fascinada por Jim, decide contratar o grupo como a banda da-casa, para abrir as apresentações de grupos como o Love, The Byrds, Them e The Seeds, entre outros que tocassem no Whiskey. O contato com os Doors foi difícil, pois nenhum deles tinha telefone (na época, Jim dormia na praia), mas, afinal, em meados de maio eles estrearam na nova casa em uma conturbada temporada que duraria aproximadamente um mês. Isto porque grande parte dos seus shows tinham que ser interrompidos pelos donos do local, fosse por eles estarem tocando em níveis ensurdecedores, fosse porque os músicos estivessem bêbados ou chapados demais. Estes constrangimentos eram contornados por Ronnie e, entre os vários apoios que ela deu ao grupo, talvez o mais importante tenha sido o fato de ter levado o presidente da gravadora Elektra, Jac Holzman, a assisti-los. Holzman não gostou do que viu pela primeira vez, mas aos poucos foi enxergando potencialidades nas estranhas canções dos Doors e resolveu contratá-los. Ele recomendou ao produtor Paul A. Rothschild que fosse vê-los, e este ficou impressionado com a energia da música dos Doors e também com as delirantes improvisações a que se entregavam em temas mais longos, como "Light My Fire", "When the Music's Over" e, especialmente, em "The End". Mal sabia ele que, poucos dias depois, esta última música seria a causa da demissão sumária do grupo.

Talvez a mais intrigante composição dos Doors, "The End", tenha sido originariamente concebida para ser uma simples "canção de adeus", apenas com o primeiro verso e o refrão, mas aos poucos foi sendo expandida ao sabor da guitarra etérea de Robbie e das novas imagens criadas por Jim para a letra. Naquela última noite no Whiskey-a-Go Go, Jim — que não havia se apresentado na primeira entrada por estar totalmente alucinado de ácido — decidiu subir para a segunda e encerrou-a com "The End". Foi a primeira vez que ele deu à canção o seu formato final, recitando o seu famigerado trecho edipiano: ("O assassino acordou antes de amanhecer/Calçou suas botas/Tirou um rosto da antiga galeria/E caminhou pelo saguão/Foi até o quarto onde sua irmã vivia/E depois visitou o seu irmão/E depois caminhou pelo saguão/E chegou até uma porta/E olhou para dentro/Pai?/Sim, filho?/Quero te matar/Mãe! Quero te..."). Em seguida a esta parte, Jim acrescentou um portentoso "Fuck you", agregado a um cataclisma sonoro detonado pelos instrumentos que então retomavam a melodia original até a conclusão no barítono cavernoso de Jim, proclamando: "This is the end".

Após a execução, não houve qualquer reação do público, que permaneceu estupefato em um longo silêncio, que só foi quebrado gradativamente pelo movimento no bar e as conversas nas mesas. Por seu lado, os proprietários do Whiskey-a-Go Go enxotaram a berros de fúria os Doors de seu estabelecimento. Mas este não foi o fim, pois logo nos primeiros dias de setembro de 1966 o grupo entraria no estúdio Sunset Sound — em companhia do produtor Paul e do engenheiro de som Bruce Botnick — para iniciar as sessões de gravação de seu disco de estréia. As portas da glória começariam a se escancarar para Jim, Ray, John e Robbie.

Celso Pucci

Na próxima edição, a 2.ª parte com Discografia.

A idéia inicial da dupla Ray e Jim (à esq.) foi concretizada com a inclusão de Robbie Krieger (guitarra) e John Densmore (bateria)

Gamma

MULHERES NEGRAS

TÉCNICA E ACASO NO ESTÚDIO

Dois caras e um "monte de tralha". Foi assim que Os Mulheres Negras conquistaram seu público nos shows e gravaram seu LP.* Jean-Yves de Neufville *foi lá ver como aconteceu

Maurício Pereira é magro, toca saxofone e cordas vocais. É um intelectual formado em jornalismo que passou muitas noites em branco revisando os artigos de *O Estado de S.Paulo* até esbarrar em André Abujamra, num curso de percussão africana em 83. André é menos magro, toca guitarras, cordas vocais e tem uma paixão: compor trilhas sonoras para filmes e peças de teatro. Trocando idéias e desenvolvendo experiências de laboratório sobre a música pop comercial mundial, descobriram objetivos comuns. Descobriram, por exemplo, que a tecnologia de ponta aplicada aos instrumentos lhes abriam uma infinidade de possibilidades. Uma delas era tocar em dupla e ao vivo a mesma quantidade de sons que um grupo de dez integrantes. A partir de 85, já estava pronto um repertório bom o suficiente para enfrentar qualquer palco de São Paulo. Escolheram o nome polêmico de Os Mulheres Negras, um nome que pode ser relacionado a) ao sexo, b) às minorias, c) à música negra, d) ao pagode, e) ao que você quiser.

Os Mulheres Negras iniciaram as gravações de seu álbum de estréia a 27 de junho, e lá estava eu, a convite do produtor Pena Schmidt, para viver uma experiência que todo jornalista musical deveria tentar pelo menos uma vez na vida: acompanhar o dia-a-dia da elaboração de um disco.

27 de junho — É o primeiro dia e a dupla não perde tempo, conseguindo gravar duas músicas, "O Orelhão" e "Método". Primeira surpresa: todas as bases rítmicas (todas programadas numa bateria eletrônica Roland TR-626) foram pré-gravadas antes das sessões de estudio. Mais ainda: existe uma demo pronta de tudo o que vai ser gravado, com músicas selecionadas em reuniões prévias. Aparentemente, nada foi deixado ao acaso, mas é isso que permite a André e Maurício improvisarem quando querem. As bases rítmicas formam a "massa" básica que vai sendo recheada com instrumentos e vozes, depositados por camadas. Pena Schmidt cuida da adequação dos procedimentos técnicos aos objetivos artísticos, enquanto o maestro Paulo Calazans lida com a orientação artística, com a utilização adequada dos instrumentos e das notas.

29 de junho — Antes de entrar no estúdio, Pena Schmidt me dá algumas explicações sobre o seu ofício de produtor. Ele compara as leis de composição musical ao processo de revelação fotográfica: "Ao revelar a foto/música, não posso alterar nada, mas sempre posso mexer no contraste, na cor, na profundidade. Minha tarefa é também cuidar da perspectiva, da proporção e do enquadramento das músicas, sempre mantendo presente a perspectiva do trabalho acabado. Há divisões explícitas e notas que podem ou não funcionar...". Hoje fizeram uma guia para todos os instrumentos. Cada música pede um procedimento de gravação diferente. Algumas já vieram prontas, do

mesmo jeito que são tocadas nos shows, outras foram reduzidas, parte delas é gravada ao vivo, outra parte recebe arranjos extras.

30 de junho — Essa história de "micromusiks" pode parecer brincadeira ("Samba do Avião", cover do sucesso de Jobim, tem menos de 30 segundos), mas assim a dupla se obriga a buscar a essência, eliminando qualquer redundância que sempre existe numa composição. Assistir a essas gravações torna-se, às vezes, meio chato quando ficam repetindo durante um tempão a mesma nota. É incrível como uma simples composição pode levar a dezenas de tentativas e erros. Também é incrível o espaço de criação que existe dentro de uma base musical.

4 de julho — Hoje estão gravando "Purquá Mecê". O andamento da gravação de base é alterado (para mais lento) para que possam cantar o refrão ("Pikidiwiii-ioio") sem ter que forçar a voz. Surge mais uma discussão sobre a tecnologia desumana e a necessidade de introduzir falhas humanas. Uma equipe da TV Cultura irrompe no estúdio para fazer perguntas. Os Mulheres Negras mostram "Método" aos espantados telespectadores do programa *Metrópolis*.

5 de julho — Ainda "Purquá Mecê" e a mesma discussão entre o uso de um teclado acústico (o piano) ou sintetizado. Paulo Calazans procura, experimenta vários timbres, até optar pelo sintetizador. Acabam chegando a um resultado, que todos ouvem baixinho, numa caixa só, como se fosse num radinho de pilhas. Segundo Peninha, isso ajuda a avaliar melhor o conjunto da massa sonora. Conclusão: nada feito

6 de julho — Atacam "O Milho". A bateria é programada, André solta um riff de guitarra processada. O efeito é tão incrível que vai ser duplicado em vários canais, para que se possa explorar melhor os efeitos das notas agudas e graves. "Ao vivo, esta nota sai toda vez de um jeito diferente", explica. Mais um imprevisto aproveitado.

7 de julho — A música do dia é "Sub". André cortou a barba. É ele que mais trabalha hoje. O clima não é dos melhores. Uma escapada para comer um sanduíche resolve. Na volta, produzem muito mais e fazem bastante brincadeiras. A "economia" dos desenhos melódicos do baixo incomoda André. Ele quer algo mais "barroco". Maurício prefere o minimalismo.

12 de julho — Ainda "O Milho". Osvaldinho do Acordeão desembarca para tocar a sua parte e André Jung, baterista do Ira!, faz a regência (?). Empatia total. A gravação valeu na primeira tomada. Foi um duelo entre "o acordeonista heavy metal e o guitarrista Mike Tyson". O desempenho de Osvaldinho é avaliado como: "nordestino, caipira, gaúcho, tecno e napolitano".

21 de julho — Gravação de "Eu Vi" ("É Duro Ser Preto"). Um efeito de estereofonia é obtido com três microfones estrategicamente colocados no estúdio. "Summertime", a música mais longa do disco, é também a música que mais exigiu preparos e experiências no estúdio. A gravação é feita ao vivo em 9 canais. Para a guitarra, só os efeitos de flanger, delay e overdrive. O saxofone é tocado com um pré-ampli na frente, o que produz ecos e efeitos de microfonia. É também usado um tecladinho de bolso SPK-1 Casio. Vários testes são feitos para cada instrumento. Todos os barulhinhos vão ser gravados. Na verdade, são dois canais matrizes. Os outros (8 mais 1), são periféricos, ambientais.

22 de julho — Duas micromusiks são gravadas com a participação de André Christovam. A segunda, "Xarope (A Levadinha)", é gravada ao vivo dentro da cabine de controle, em família. André C. trouxe um amplizinho Fender Champ Tweed 1957 de 6 watts. Muito divertido.

Fabiana Figueiredo Azul

Maurício (de costas) e André abriram caminho no cenário paulistano com suas performances circenses e suas demos "piratas oficiais"

Todos esses dias passados com Os Mulheres Negras dentro do estúdio ajudaram a confirmar suspeitas: toda a criação se faz na base da tensão e do confronto (melhor dizendo, do arranca-rabo). Apesar de terem preparado e pré-gravado todo o repertório — selecionado entre 40 composições —, Maurício e André continuam inventando coisas o tempo todo. Mesmo assim, eles afirmam: "Fizemos as coisas de maneira muito mais rotineira do que queríamos. Da próxima vez vai ser diferente". Um acinte quando se verifica a quantidade de estilos que visitam ao longo das dezoito faixas de *Música e Ciência*, um monumento da world music que manda os rótulos para o espaço.

Foi o humor que salvou a dupla de maiores sofrimentos na hora do parto. Quando saiu o disco, um crítico não tão bem-humorado — que viu falta de estilo próprio no LP (!) — situou Os Mulheres Negras na tradição dos grupos humorísticos populares paulistanos, como o Premeditando o Breque e o Língua de Trapo. Pena Schmidt responde: "É exatamente isso. Todos pertencem à classe média alta, têm formação superior, são da mesma cidade, não se prendem a estilo nenhum e brincam com clichês. O que não é suficiente para colocá-los no mesmo saco, já que chegaram a resultados completamente diversos". Segundo o produtor, *Música e Ciência* é um disco enciclopédico, com uma quantidade de informação tal que é impossível digeri-lo em pouco tempo. Quanto ao aspecto do humor, ele acrescenta: "O humor de Maurício é muito fino. É um dos ingredientes da dupla, mas não é fundamental no trabalho todo". Em suma, *Música e Ciência* é um disco muito mais sério do que se pensa, "cada música sendo uma entidade única, explorando um universo de sons e estilos específicos".

Cumprida essa etapa importante, Os Mulheres Negras se voltam para sua preocupação primeira, o palco. "Essa história de ficar tanto tempo parado no estúdio desgasta. A gente perde o senso prático e deixa de ganhar a vida", diz Maurício. Prevendo uma série de shows pelo Brasil, compraram um teclado Roland 20, com sequenciador, bateria eletrônica e sintetizador incorporados: "Vai ter ainda mais tralha no palco, mas quanto mais instrumentos e possibilidades, melhor", conta Maurício. "Somos o resultado de uma descoberta científica", diz André. "Uma descoberta feita por acaso, como foi a lei da gravidade de Newton, ainda mais difícil de acontecer por causa das diferenças existentes entre nós."

Na saída do estúdio, cheguei à conclusão de que o segredo dos Mulheres Negras é este: uma estranha alquimia entre o minimalismo jazzístico e um heavy barroco pantagruélico e tecnológico. Os Mulheres Negras estão preparando a revanche musical do Terceiro Mundo que vai estourar nos anos 90.

VOCÊ JÁ OUVIU ESTE *FILME* ANTES?

Ivo Gonçalves

ÚLTIMO NÚMERO

Em seu segundo LP,* Filme, *o grupo mineiro aposta numa colagem de música, cinema e poesia

No final do ano passado, São Paulo e Rio foram invadidos pelo som que vinha das montanhas. Os poucos privilegiados que presenciaram a invasão puderam ver claramente o que muita gente ainda não percebeu: Minas produz, hoje, alguns dos sons mais interessantes do país. O que eles não sabiam é que duas das bandas que participavam do projeto BHZ Sonora (ver Ao Vivo desta edição) já fazem parte da história do nosso rock: Sexo Explícito e Último Número. O Sexo, apesar de estar na estrada há seis anos, ainda não conseguiu gravar um disco individual. Já o Último Número tem 2 LPs no mercado — ambos lançados pela Câmbio Negro, um dos últimos redutos da música independente em Belo Horizonte

"É muito difícil sair de Minas, a não ser que você consiga patrocinadores. Por isso ficamos mais de dois anos sem tocar em Sao Paulo", explica Gato Jair, vocalista e autor de todas as letras da banda. Nesse meio tempo, o Último Número lançou dois LPs, participou de uma coletânea, mudou de formação e de estilo. Da banda que começou em 85, permanecem Jair, Clode (bateria) e Paulo, que passou do baixo para a guitarra. O outro membro-fundador, João, deixou o baixo para a entrade de Bob, ex-Ordem Humana. Mais recentemente, o grupo passou a ter cinco integrantes, com a entrada de Otávio na segunda guitarra.

Foi com essa formação que o grupo entrou em estúdio para as gravações de *Filme*, seu mais recente LP

Filme surpreende pela evolução da banda em relação a *O Strip-Tease da Alma* "Agora, minha voz não está mais sozinha à frente dos instrumentos. Para esse disco, queríamos um volume de som maior", explica Jair. O melhor exemplo disso é a regravação de "Ars Longa Vita Brevis", presente no álbum de estréia. A nova versão ganhou um arranjo climático que abre espaço até para citações cinematográficas. Mas isso é só o começo do *Filme*.

"O nome do disco reflete a influência do cinema na gente, mas serve também para ilustrar o jeito como eu componho — por imagens, como numa montagem cinematográfica", comenta Jair. Da primeira à última faixa, as referências explícitas ao universo cinematográfico são incontáveis — desde *Down By Law*, de Jim Jamursh, até *Acossado*, de Godard, passando por *Pixote*, de Babenco, a quem é dedicado o LP

"Ah, tantas coisas feitas/para serem abandonadas/os amores e as estatuas/que enfeitavam as estradas..." (Museu do Mundo). Nas letras de Gato Jair, permanece a marca indelével do poeta. Afinal, o vocalista do grupo mineiro já fazia versos muito antes do rock nacional ensaiar sua ressurreição. Em plenos anos 70, ele formava, ao lado de Marcelo Dolabela e Rubinho, o nucleo da revista *Cemflores*, empenhada em divulgar a nova geração de autores mineiros. Não duraria muito: Jair, depois de passar por vários grupos, acabaria fundando o Último Número

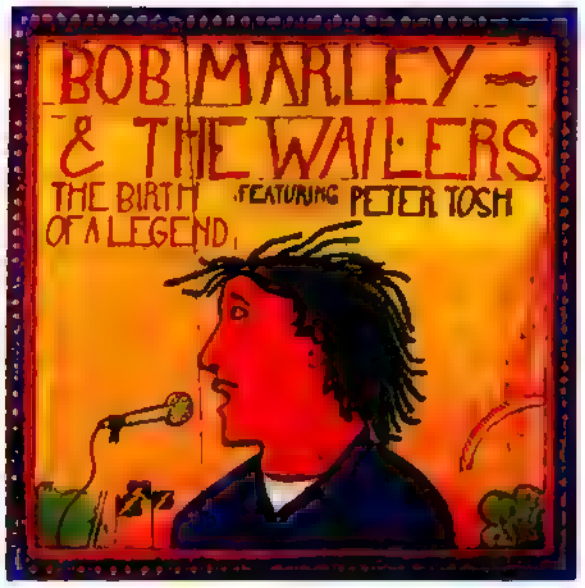
"Mas a minha poesia não tem nada a ver com a dele", esclarece Jair. "Minhas maiores influências vêm dos grandes compositores da MPB: Lupicínio, Cartola, Noel, Adoniran e, hoje em dia, Caetano." No entanto, a ligação do grupo com a MPB pára por aí. "O que nos fazemos é rock, só que com elementos de canção. Por isso, a gente se preocupa em ouvir as boas coisas da MPB e incorporar isso."

Um dos próximos projetos da banda é registrar no vinil um cover de Lupicínio Rodrigues. Por ora, preferem tocar covers de Bob Dylan, Clash e Beatles — esta última incluída em *Filme*: "Decidimos gravar 'Come Together' porque achamos que nossa versão era original, muito diferente da dos Beatles", conta Jair. Uma escolha previsível, já que algumas das grandes influencias da banda estão nos anos 60: além do citado quarteto, Jair menciona ainda Velvet, Doors e Dylan, elementos fundamentais numa mistura que abriga ainda Clash, Talking Heads, Joy Division .

Ao mesmo tempo que se esforça para transpor as fronteiras do estado, o Último Numero teme pelo que fica para trás.

O último trauma dos mineiros foi o pau-de-sebo *Rock Forte*, lançando pelo selo Plug, RCA. Segundo Jair, foi uma experiência horrível, que resultou num disco mal gravado, mal distribuído e pessimamente divulgado. "Eles prometeram discos individuais e contratos de três anos para todas as bandas. A gente foi com o pé atrás, mas muitos outros acreditaram. Foi muita ingenuidade."

Prontos para entrar em estúdio e gravar um novo LP, os meninos do Último Número preferem manter os pés no chão, em vez de sonhar com propostas de gravadoras. Para Jair, o esquema independente ainda é a melhor solução "A gente até espera que algum dia uma gravadora nos ofereça algo concreto, mas eu acho muito difícil. Apesar dos problemas, a produção independente nos permite fazer tudo que temos vontade. É isso que importa..." *M. A. G*



BOB MARLEY & THE WAILERS FEATURING PETER TOSH — THE BIRTH OF A LEGEND (CBS)

A edição original, lançada em 1976 pelo selo jamaicano Calla, era um álbum duplo. No ano seguinte, nos EUA, o primeiro disco saiu com o título original — "O Nascimento de uma Lenda" — enquanto o segundo veio batizado de *Early Music* ("Música Inicial"), que a CBS brasileira fica nos devendo.

Porque esta luminosa coletânea preenche um buraco inexplicável num país em que o reggae e seu sumo sacerdote, Robert Nesta Marley, são tão cultuados/amados/adorados. Depois porque — apesar de Gilberto Gil e dos Paralamas — a Jamaica ainda tem muito a ensinar ao Brasil no Departamento Pop Music. Vamos então a algumas histórias dessa fração de História... por s nal a matéria favorita do menino Nesta (como era chamado em família) e do compositor/porta-voz/pregador Bob Marley (em "Buffalo Soldier", de 81. "Se você conhecesse a sua História, saberia de onde é que vem/ E não teria de perguntar quem, no inferno, eu penso que sou").

The Birth of Legend cobre justamente a primeira fase do trio formado por Marley — então com 16 anos —, seu irmão de criação Bunny Livingstone e o amigo Peter Tosh. De 63 a 73, quando esses dois saíram de xando Marley com o nome Wailers para sua banda de apoio (e que banda!). Durante esses dez anos o trio passou por fases distintas a med.da que mudava de produtor — de Coxsonne Dodd (entre 70 e 80 canções gravadas entre 63 e 66, incluindo as "coletadas" aqui) a Leslie Kong (67-68, fase de transição) a Lee Perry (os anos dourados 69-72) até a crepuscular co-produção com Chris Blackwell, já no selo inglês Island (os LPs *Catch a Fire* e *Burnin'*, compostos basicamente de regravações mais bem equipadas das pérolas produzidas originalmente por Perry). Fermentadas num estúdio de fundo de quintal terceiro-mundista, as canções embrionárias desses três adolescentes tornaram-se de imediato hinos dos *rude boys* ou *rudies* — a molecada inconformada da favela de Trenchtown, que ocupa quase 2/3 da capital jamaicana, Kingston.

Antes de aderirem ao rastafarianismo, os três Wailers também foram típicos *rude boys* e essa é a inspiração da última faixa do lado 1, "Simmer Down", composta por Bob como resposta à preocupação de sua mãe por ele andar com "más companhias". Lado A do segundo compacto dos Wailers, "Simmer Down" chegou ao primeiro posto das paradas jamaicanas em fevereiro de 64, vendendo mil cópias por semana. Vale lembrar que Coxsonne Dodd, suspeitando do potencial de hit, chamou para o acompanhamento da gravação o grupo Skatalites, promovendo um encontro entre o melhor de duas gerações do pop jamaicano: a das misturas chamadas então de ska, blue beat e rock steady, e a da geração do reggae, só batizado no final da década. Algumas dessas canções chegaram a ser reaproveitadas por eles em suas respectivas carreiras solo, caso do ska "Mago Dog", de Tosh e "One Love", de Marley.

Resumindo: a verdadeira Bíblia do Reggae, só que cortada pela metade. *José Augusto Lemos*

TALK IS CHEAP — Keith Richards (Virgin BMG Ariola)

Dados a rolar, primeira rodada, à mesa de jogo Keith Richards e Jimmy Page, dois guitarristas contemporâneos e igualmente cultuados (cada um em seu estilo), que também tem em comum o enigma da genialidade de seus trabalhos junto aos Rolling Stones e ao Led Zeppelin — seus respectivos ex-supergrupos — o que gerou uma tremenda expectativa em relação aos seus primeiros e extemporâneos álbuns-solos.

Ok, Keith ganhou. Se em *Outrider*, Jimmy, na ânsia de decolar seu zepelim rumo aos céus, terminou por soar como um bonde descontrolado ladeira abaixo, *Talk is Cheap* revelou uma extraordinária capacidade de Keith assumir individualmente a renovação de sua linha musical ao mesmo tempo em que preservava intactas as raízes de seu som (algo que ele já fez com primor nos Stones). Mas o jogo continua e os dados vão rolar pela segunda vez, agora entre Keith e seu companheiro Mick Jagger. Nova vitória para a eloqüência e o despojamento do LP de estréia de Keith sobre as duas desastrosas incursões solo de Mick (*She's the Boss*, de 1985 e *Primitive Cool*, de 1987). Não há nenhuma trapaça nesses trunfos de Keith, são apenas resultado da perfeita interação conseguida entre ele e a banda X-Pensive Winos — formada por músicos que participaram dos shows dados em Los Angeles e do filme-concerto *Hail! Hail! Rock'n Roll* em homenagem a Chuck Berry —, que se torna evidente nas onze faixas de *Talk is Cheap*. À frente desse time, o batera-produtor Steve Jordan (que, ao lado de Keith, co-produziu e co-assinou todas as faixas do disco), também responsável pelas batidas ritualmente influenciadas pelas de Charlie Watts, o curso perfeito para acompanhar os riffs da guitarra de Keith. De quebra, uma lista de convidados que inclui os teclados de Bernie Worrell (ex-Parliament) e de Maceo Parker (ex-integrantes da banda de James Brown), os vocais de Sarah Dash (ex Labelle) e Pam Scialfa (atual ex-Springsteen), e até mesmo o baixo de Bootsy Collins em "Big Enough" e o piano de Johnnie Johnson (da banda de Chuck Berry) no rockabilly "I Could Have Stood You Up", que também marca o reencontro de Keith com o ex-Stone Mick Taylor. Não é apenas rock'n roll. Tem também soul, funk e rhythm'n blues. E eu gosto. (Com Pico)

Rockin' Guitar Man — Carl Perkins (Brasidisc)

Mesmo em seu auge criativo, Perkins teve pouquíssima coisa lançada aqui, a sua maioria em 78 RPM.

Por milagre, ultimamente saíram algumas obras suas em nossas plagas, inclusive em coletâneas mistas. E nunca é para tarde se satisfazer alguns e mostrar raízes a outros. Os colecionadores estão adorando, pois Perkins é o chamado seminal, tendo nascido e crescido (e formado banda com dois irmãos) no Tennessee ouvindo blues e hillbilly (bem caipira). Que melhores fontes para se beber? De suas interpretações e composições nasceram caminhos para nomes como Elvis Presley e Beatles. Algumas dessas relíquias influenciadoras estão presentes nesse catadão de material gravado entre 55 e 58: "Blue Suede Shoes", "Honky Tonk Gal", "Bopping The Blues" e "Honey Don't". Perkins também dá roupagem toda própria a material alheio, como "Roll Over Beethoven" (Chuck Berry), "Caledonia" (Moore) e "Glad All Over" (Schroeder–Tepper). Também não perde muito a linha ao interpretar melosas, inocentes e caipiras baladas. Na maioria desses dezesseis temas está presente sua banda original, incluindo os irmãos Jay e Clayton. Em "You Can Do No Wrong" Jerry Lee Lewis dá uma canja *killer* ao piano.

Se não tivesse largado a carreira por um longo tempo, em 56, quando sofreu (ou causou) um acidente de carro em que morreu seu irmão Jay, talvez a história do rock falasse de um outro rei. Que está vivo e ainda se apresenta de vez em quando.

L.R.

ZONA ZEN — Rita Lee (EMI-Odeon)

Este é um dos piores discos da carreira de Rita. Não há altos e baixos: da primeira à última faixa, a falta de criatividade é flagrante. Nem mesmo o tão decantado "clima de festa" que costuma dominar os trabalhos da cantora comparece ao vinil: as letras são chochas, sem brilho e sem graça. É uma pena, mas Rita parece não ter nada a acrescentar aos seus velhos clichês.

O mesmo vale para Roberto de Carvalho que, oscilando entre o tecnopobre e o pop brega, consegue a façanha de "melar" uma versão do mestre Chuck Berry.

M.A.G.

RAINBIRDS

RAINBIRDS (PolyGram)

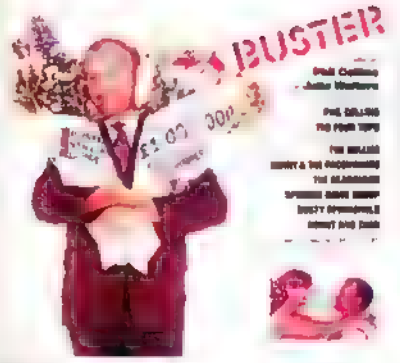
O LP de estréia dos Rainbirds é melancólico. A interpretação da vocalista/guitarrista Katharina Franck tem o dom da depressão. Embora cante em inglês, seu domicílio é a Alemanha. O insólito é que ela começou a compor, tocar e cantar no Brasil! E o guitarrista Rodrigo Gonzales, por sua vez, é um fugitivo da ditadura chilena. Junto a dois instrumentistas alemães, resolveram desafinar o coro industrial da música germânica, alternando folk, soul, jazz e samba-canção (!). Às vezes evocam Everything But the Girl, outras Suzanne Vega ou 10,000 Maniacs. A comparação, entretanto, não os ajuda. No máximo eles são curiosos.

M.P.

Rare And Unissued — Muddy Waters (Charly/Brasidisc)

Este LP faz jus ao título, trazendo nove faixas raras e outras cinco não lançadas anteriormente, e, até mesmo por sua má qualidade sonora, acaba se transformando num autêntico *bootleg* oficializado do velho e bom *Hoochie Coochie Man*. Em ordem cronológica, de 1947 a 1960, a riqueza musical da transição do blues rural para o urbano — e sua conseqüente eletrificação — fica demonstrada não só pela voz e guitarra de Muddy como também por outras feras da escola de Chicago, como os gaitistas Little Walter, James Cotton e Junior Wells, os guitarristas Tampa Red, Leroy Foster e Jimmy Rogers, os pianistas Sunnyland Slim e Otis Spann e o baixista Willie Dixon, entre outros. Petisco para *blues addicts*.

C.P.



BUSTER — Vários (WEA)

Não contente em interpretar três das quatro músicas que assina para esta trilha em parceria com *mister* Lamont Dozier — famoso calibrador de hits no trio Holland-Dozier-Holland na grande fase da Tamla Motown —, Phil Collins largou as baquetas e o microfone e foi representar, direto para o papel principal, o tal do Buster, o malandro que se deu bem num dos assaltos mais bem-sucedidos da história.

Seis músicas foram resgatadas do repertório dos anos 60. Além de servir de isca para colecionadores loucos, elas têm em comum suas letras contarem a história de Buster e June.

J.Y.N.

DRESS FOR EXCESS — Sigue Sigue Sputnik (EMI-Odeon)

A primeira brincadeira valeu. O LP *Flaunt It* era uma diversão pop eletrônica em que Tony James e seus andróginos asseclas davam livre curso à sua megalomania por meio de um rock transformista chupado do Siicide, manipulando a mídia eletrônica, símbolos tecnológicos e vídeo. Por ser parecida com a primeira, esta segunda brincadeira vale menos. O departamento de vendas da EMI-Odeon trabalhou bem. Já que 150 mil *kids* tupiniquins tóparam o primeiro LP, chamou o *producer of the* Titãs, Liminha, para manusear a mesa de som e alguns instrumentos em "Hey Jane Mansfield Superstar" e "Rio Rocks", esta última com *samples* da torcida do Flamengo. Decepção: um disco certinho, bem-comportado demais, conservador. *J.Y.N.*

Tense Nervous Headache — Boy George (BMG/Ariola)

Há coisas que, por mais produzidas, não conseguem disfarçar os sinais de uma ruína interior. O Culture Club surgiu como um artifício popster que graças aos fosforescentes fenômenos da descartabilidade chegou a iludir gregos e troianos. Mas quando seu vocalista partiu para a carreira solo não apenas apagou a ilusão como também provou não ter carisma para provocar outras ilusões. Sua situação neste terceiro LP é idêntica a uma fulgurante mulher capaz de seduzir no fogo lilás da noite, mas que no dia seguinte você descobre, após a maquiagem desfeita e o coração a nu, que ela não passa de algo gasto e vazio, igual a tantas outras ciladas contemporâneas. Ladeado pela *disco*, Boy enveredou pela *soul music* que, além de ser um assunto para negros, é uma questão de alma, tópico invisível no LP. Tudo esbarra em promessas fúteis e chavões do saturado MOR rock. Uma pena, pois certas ilusões ainda poderiam cintilar. *F.N.*

MÚSICA E CIÊNCIA — Os Mulheres Negras (WEA)

Ha! Ha! Os Mulheres deveriam trabalhar no *TV Pirata*. Não é à toa que Regina Casé encabeça sua lista de agradecimentos. Contudo, eles não gravaram um disco de *gags*, mas de música — e ciência. E salta aos olhos o fato de que a descontração humorada de seus shows não funciona no vinil. O motivo é óbvio: depois de ouvir duas vezes a mesma piada, ela perde a graça. Não há realmente novidades no disco, além da participação de convidados tão díspares quanto Oswaldinho do Acordeon e Almir Sater. O repertório é uma salada mista de bossa nova, samba, rockabilly, funk, muzak, música clássica etc. com maionese de humor. Não é uma idéia original, já que vários grupos paulistas tentaram essa vertente antes — vide Premê e Joelho de Porco. Entretanto, esse ecletismo engraçadinho está se renovando enquanto tendência em SP — vide Luni. Na verdade, canções como "Sub" poderiam ser cantadas por Evandro Mesquita. A diferença é que André e Maurício são instrumentistas exemplares. Eles precisam apenas tomar cuidado para, parodiando "Xarope", a "levadinha" do LP, não ficarem xaropes antes de ricos. *M.P.*

REMEMBER THE SHADOWS & THE VENTURES — With The Jet Blacks (Brasidisc)

Os americanos Ventures e os ingleses Shadows foram os maiores nomes do rock instrumental surgido no final dos 50, início dos 60. Melodiosas guitarras (com alavanca, o máximo!) soavam temas criados para não ter vocal. Além desses grupos poucos mais existiram e um dos maiores representantes por aqui foram os Jet Blacks, por cuja formação passou nosso primeiro herói da guitarra, Gato (uma fera atualmente estacionada).

Um dos guitarristas-base que lá passaram foi Guilherme Dotta, até hoje apaixonado pelo estilo e que há muito vinha tentando gravar algo que soasse fielmente ao original feito na época, mas usando tecnologia atual e homenageando Shadows e Ventures. Porque já houvera uma tentativa frustrada de reagrupar os Jets com elementos originais. Guilherme juntou-se a músicos curtidores do estilo que nunca estiveram lá. Para a produção, Toni Campello foi o escolhido e não poderia ser outro. E assim conseguiu seu intento.

Talvez a rapeize *pós-quase tudo* ache tudo inocente e superado, mas os quarentões atentos até se emocionarão lembrando das famosas domingueiras ("mingaus") de clubes ao som de *twist* e *hully gully* como "Dance with the Guitar Man" (homenagem a outro herói do estilo, Duanne Eddy), "Apache", "Lonely Bull", "Theme for Young Lovers". Outros se lembrarão do início do surfe no Brasil, com "Pipeline" e "Peace Pipe", ou então dos primeiros momentos do homem na conquista espacial com "Blue Star", "Midnight", "Riders in the Sky" e "Telstar ".

Parte da história do rock (instrumental) está simplesmente aqui. Não é um trabalho só para recordar, é também para conhecer uma época e entender o estágio em que nos encontramos hoje, cheios de tecnologia e pouca criatividade e emoção. Recebi indicações de que esse trabalho está tendo repercussão merecida e vende bem. Com isso, talvez outros *combos* (bandas) da época instrumental criem coragem, deixem os netos na frente da TV e tentem dar as caras. Se fizerem tudo como se deve, serão muito bem recebidos, com certeza.

Leopoldo Rey

Money for Nothing — Dire Straits (PolyGram)

O que fazer para se acalmar enorme legião de fãs de uma banda em atividade há dez anos e que há tempos não lança nada de novo nem sabe se vai lançar ou se remodelar para voltar? "Lança-se um *Best of...* ou seja, uma coletânea de seus maiores sucessos." Certo. E esse *Money for...* é isso, um *Best of...* do Dire Straits escolhido a dedo por seu líder e criador Mark Knopfler, um cara mais preocupado ultimamente com trilhas de filmes. E declarou ter tido dificuldades para tanto. Para quem não tem nenhum LP do grupo (estás muito atrasado, cara!) o esplendor poderá vir com seus *hits* clássicos: "Sultans of Swing" (que encarou e derrubou muita *disco music* das paradas em 78/79), "Romeo And Juliet", "Money for Nothing" (e sua incrível e inebriante introdução) e "Brothers in Arms". Sucessos menores também estão presentes, mas nem por isso menos importantes: "Down the Waterline", "Where Do You Think", "Private Investigations", "Tunnel of Love" e "Walk of Life". De novidade mesmo, uma versão *remix* de "Twisting by the Pool" (só lançada até então em compacto) e a presença quase serena de "Portobello Belle" gravada ao vivo. De fato, são presentes dados aos seguidores mais fanáticos.

Para meu gosto particular deveria ter entrado nessa coletânea a quase desprezada "Telegraph Road", um ótimo momento de viagem criativa. O que mais se nota é que dançar e swingar ainda combinam com órgão, sax, guitarras trabalhadas e convivem com altas tecnologias. O Straits é um prato cheio disso tudo. *L.R.*

N.º 2 — TNT (BMG)

TNT? Na melhor das hipóteses, este quarteto gaúcho não passa de um traque, de uma bombinha de salão. Apesar de posarem como perigosos *rockers*, a música deles está mais para a ala gurilândia da finada Jovem Guarda, vide os iê-iê-iês "Gata Maluca", "Baby (Eu Vou Morar Noutro Planeta)" e "Dentro do Meu Carro". Até aí, tudo se resolveria com uma temporada no purgatório. Mas, quando cisma de atacar a chumbrega "A Irmã do Doctor Robert", o grupo garante a expiação eterna nos caldeirões de Belzebu.

A.G.C.D.

Vengeance — New Model Army (Stiletto)

Com o lançamento de *White Coats* (veja BIZZ 12 do ano passado) e deste disco, completa-se no Brasil o catálogo de LPs do NMA. *Vengeance* é seu primeiro álbum (na verdade uma coleção de gravações dos primeiros anos da banda), ao qual a Stiletto acrescentou nada menos que cinco faixas, retiradas de outros *singles* de sua fase independente. É o registro de uma trajetória das mais respeitadas do pós-punk inglês, de 82 a 84, combinando força e originalidade. E uma chance a mais de ouvir o soberbo baixista Stuart Morrow, depois retirado. Uma rara coletânea, com destaque para os petardos "Vengeance" e "Running in the Rain". *A.A.*

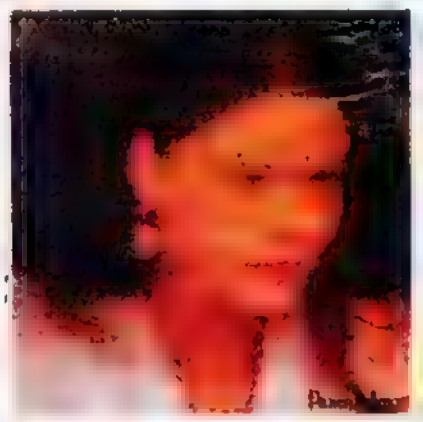
BLUE BELL KNOLL — Cocteau Twins (Stiletto)

Em seu sétimo LP (lançado na Inglaterra no ano passado), o trio escocês encanta e decepciona. Basta ouvir a faixa-título para entender por que eles são hoje um dos grupos independentes mais queridos pelos ingleses. É impossível não se deixar levar pelo lirismo incandescente que brota do vinil, conduzido pela voz suave e hipnótica de Liz Fraser. Ao final das dez faixas, porém, fica a impressão de que já ouvimos isso tudo antes — e melhor. Se é verdade que os Cocteau Twins conseguiram criar uma sonoridade inconfundível — que os coloca numa posição cômoda no cenário pop —, não seria exagero dizer que eles perderam, ao mesmo tempo, a capacidade de nos surpreender.

Quem conhece os primeiros álbuns da banda (inéditos no Brasil) pode conferir. Está tudo lá, em *Head Over Heels* (o segundo LP, de 83): as preciosas texturas saídas das guitarras de Robin, os devaneios vocais na linguagem impenetrável de Liz e as atmosferas envolventes sustentadas por uma estrutura mínima de canção, em que baixo e bateria ocupam um papel secundário (tanto que eles acabariam ficando de fora em *Victorialand*, o disco mais "radical" da banda, também inédito por aqui). Mas seria no álbum seguinte que essa fórmula seria aplicada com o máximo de aproveitamento. Em *Treasure* (lançado aqui em 87), os vocais superpostos compõem contrapontos inesquecíveis, que ganham ainda com a variedade rítmica inédita até então.

Quatro anos depois, *Blue Bell Knoll* não faz mais do que retomar os climas propostos em *Treasure*, sem a eficiência deste. Em faixas como "For Phoebe Still a Baby" e "Spooning Good Singing Gun", os Cocteaus parecem parodiar a si mesmos: temas e timbres se repetem, com pequenas e quase imperceptíveis variações. Em vez de alçar vôo, a voz de Liz corre paralela à massa sonora, em frases melódicas inexpressivas. As exceções ficam por conta de "A Kissed Out Red Floatboat" (que lembra Kraftwerk), da faixa-título e da belíssima "Carolyn's Fingers", uma das melhores composições do grupo. Muito pouco para uma banda que ficou dois anos longe dos estúdios.

Marisa Adán Gil



Prova de Amor — Ângela Rô Rô (Eldorado)

Ao lado do eclético Dusek, a lancinante Rô Rô ocupa um lugar único no *show business* nacional, em que um genuíno fluxo poético não se preocupa em se restringir nem à MPB nem ao rock. Porém, dia a dia esse espaço torna-se mais vulnerável, dada a ocupação de más companhias de músicos e arranjadores bitolados, excessivamente preocupados com a técnica e com os vigentes padrões da pasteurização. Neste novo LP são esses os fatores responsáveis pela poluição de sua veia poética que, embora grandiosa, não transmite sua essência — ou seja, rusticidade, punch e espontaneidade. Se todo excessivo profissionalismo fosse limado, seria um grande LP. Rô Rô, que no próximo fiquem tua voz e teu piano. *F.N.*

HEIN?! — Nei Lisboa (EMI-Odeon)

Irreverência nunca foi sinônimo de qualidade. O quarto LP do gaúcho Nei Lisboa é um bom exemplo disso: o que sobra em irreverência, falta em consistência. Musicalmente, o disco soa anacrônico e sem identidade, seja nos funks (que predominam no lado A) ou nas baladas que fecham o LP. Na verdade, a música é apenas um pretexto para que Nei derrame sua enxurrada de versos sobre o ouvinte. Mas é aí que a coisa pega: embora, em alguns momentos, o compositor consiga ser original, com soluções inusitadas substituindo clichês românticos, a maior parte das canções não passa de uma grande bobagem. Perda de tempo.

M.A.G.

Miltons — Milton Nascimento (CBS)

Em um momento que não é de seus mais criativos, Milton apelou para o bom gosto. Gravou este álbum em que ele e seu violão só são acompanhados por Naná Vasconcellos e Herbie Hancock, dois dos artistas' mais completos no cenário mundial do jazz e do pop. Com Hancock ao piano (e ao baixo sintetizado) ele revaloriza "Feito Nós" (sua parceria com Paulo Ricardo) e "San Vicente" (uma de suas mais belas composições). Com Naná na percussão, recria "La Bamba" (com coral infantil) e "Bola de Meia, Bola de Gude" (mais uma de suas *standards*). Nas outras faixas, méditas, Naná e Hancock se alternam. Dana para dizer — e alguém disse — que os convidados "roubam" o disco. Mas só a tranqüila presença de Milton justifica e arremata tudo. *A.A.*

OUÇA O QUE EU DIGO, NÃO OUÇA NINGUEM — Engenheiros do Hawaii (PLUG/BMG)

Por que este autoflagelo? "Em todas as 24 músicas que gravamos tem esse autoflagelo. Acho que é um sentimento de culpa por fazer parte desse segmento social (músico). Acho besteira quem está nesse meio sair dando uma de herói, com positivismo, tentando salvar o mundo a partir do lugar onde está. É uma forma de purificação, entende?"

Humberto Gessinger, *BIZZ* 28

"Eu li uma crítica que dizia que as minhas letras eram redundantes e chatas. Eu acho exatamente isso. Pois vêm aí mais letras redundantes e chatas"

Idem, *BIZZ* 38

Variações sobre um mesmo tema. Ou: "Já vi esse filme antes". Ou ainda: "Acho melhor começar tudo de novo".

Mergulhando de cabeça na redundância, uma prática que se desdobra desde o *remake* da arte usada na capa de *A Revolta dos Dândis* até as citações aparentemente *blasés* de suas próprias composições ao longo das "novas" faixas desse terceiro LP, os Engenheiros do Hawaii entregam-se uma vez mais ao exercício do sem, sustentados na (falsa) premissa de sua inviabilidade na cena do rock nacional.

Para o perverso, os mecanismos para a obtenção do prazer são vários — dor física por picada, paulada, tortura, humilhação moral... No caso dos Engenheiros, é na eventual reprovação — pessoal ou, ainda melhor, via crítica — que reside a possibilidade de satisfação, de gozo propriamente dito.

Instaura-se assim o expediente da repetição: "Somos Quem Podemos Ser" pilha — em aclimatações de viola e synths — os tons melancólicos do "Clube da Esquina". "Sob o Tapete" encontramos as cinzas do cachimbo do Rei R.C. escondidas entre clichês rítmicos do heavy-rock Fantasmas floydianos deslizam na levada country de "Tribos e Tribunais". E a lista segue pela infinita highway..

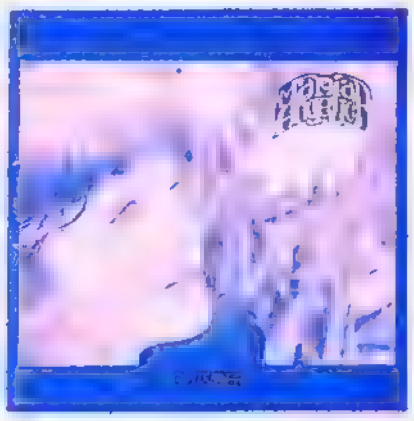
Em tempos adversos, o harakiri ritual chegou a ser aventado pela banda. Agora, com o time ganhando, é hora de recolocar a questão.

Arthur G. Couto Duarte

Fanzine — Hanoi-Hanoi (SBK/GPA)

Apadrinhada por Caetano, que levou o gay-hit "Totalmente Demais" mais a sério do que deveria, a dupla de compositores do Hanoi-Hanoi chega ao novo LP do grupo com uma imagem meio suspeita, sensacionalista, *à la* Lobão mau. Porém *Fanzine* traz boas surpresas. As letras de Tavinho Paes continuam forçando a barra maldita ("se aplique-plic-plic", "fez miché com milionário" e por aí afora), mas a interpretação roufenha de Arnaldo Brandão confere uma certa autenticidade. E o instrumental, um quarteto comandado pelo baixo de Brandão num esquema reggae-branco, quadradinho mas inspirado, encontrou uma produção adequada, bem crua. Ela só falha nos metais vulgares de "Fausto Brasil" (uma bobagem pseudopolitizada, como "O Sofisma") e "Duas Vidas". Mas os melhores momentos compensam: ouça "O Tempo Não Pára" (com letra/desabafo de Cazuza) e "O Ano do Dragão", uma faixa mântrica com percussão afro e baixo fretless.

A.A.



OUTSIDER — Maria Angélica (VINIL URBANO)

Num momento em que gravações armadas em cima de uma produção faraônica — cortes em L.A., mixagens em Londres etc. — vão se tornando rotina por aqui, é extremamente salutar que um grupo estreante venha nos lembrar que tais facilidades não são, nem nunca foram, condição *sine qua non* para se fazer um bom rock'n'roll.

Não se trata de ir contra ou de subestimar a alta tecnologia, mas o fato é que não deixa de ser surpreendente que este disco, seguramente um dos melhores de 88, tenha sido registrado num único período de três horas (!), sem *overdubs* ou quaisquer retoques.

Um som cru, *rough'n'ready*, brota das nove faixas do LP. Na bagagem da banda flagram-se artefatos esquecidos dos sixties, complementos da era *glam* e do *punch* Punk. É o mix sônico ideal para que os vocais em *high-pitch* do também letrista Fernando Naporano incendeiem os céus. Destaques possíveis: a maníaca "Hotel Hearts", trespassada pelas guitarras gêmeas de Carlos Nishimiya e Victor Bock, e o *cover* para "I Don't Mind", dos Buzzcocks. Um début superlativo.

A.G.C.D.

No universo fonográfico, freqüentemente céu e inferno convivem dentro das mais diversificadas tendências musicais. A começar pelo jazz, onde a trilha sonora **BIRD** (CBS) — o filme de Clint Eastwood que retrata a fulminante carreira do saxofonista **Charlie Parker** — consegue nos alçar às alturas pela inspiração com que os técnicos responsáveis (sob a coordenação de Lenny Niehaus) isolaram os solos originais de Parker de sua base rítmica para, através da tecnologia digital, agregá-los a um novo acompanhamento. Um procedimento discutível, que no caso deu bons resultados. Em contrapartida, o musak infernal do flugelhorn de **Chuck Mangione** se faz presente no LP **EYES OF THE VEILED TEMPTRESS** (CBS) ⊗ Já na área do pop atual, se a Austrália tem The Church, porque a Inglaterra não conceberia **The Bible** , com seu LP **EUREKA** (CBS) que, longe de ser uma idéia genial, só prova que os adeptos do country rock também são filhos de Deus Pecado maior comete **Noel Pagan**, aquele do hit radiofônico " Silent Morning", de resto absolutamente igual às outras oito faixas de seu LP de estréia, **NOEL** (BMG Ariola). Mas o cúmulo é o vocalista Matt Gross, do trio inglês **Bros**, perguntando na primeira música do LP **PUSH** (CBS), "Quando eu serei famoso?". Pelo funk eleducorado feito por eles, eu responderia: "Nunca!". Mas tudo bem, tenham fé irmãos. ⊗ Em termos de rock americano, a melhor pedida é **OTHER ROADS** (CBS), do veterano cancioneiro **Boz Scaggs**, que ressurge de forma competente, inclusive com duas parcerias com o multiinstrumentista Marcus Miller, além de músicos como o guitarrista Dan Huff e o tecladista Peter Wolf, também presentes em **BACK TO AVALON** (CBS), a mais recente laaainha musical de **Kenny Loggins.** Mas, pelas barbas do profeta, eis que sai da tumba novamente o velho e péssimo **Willie Nelson** em **WHAT A WONDERFUL WORLD** (CBS), mais intragável que de costume, especialmente por seu dueto com Julio Iglesias em "Spanish Eyes" ⊗ Nas plagas brasileiras, destacam-se o resgate das obras do sambista carioca **Guilherme de Brito** (em LP lançado pelo CCSP, Clube de Criação de São Paulo), que inclui suas parcerias com Nelson Cavaquinho e Nelson Sargento, além de **MÚSICA IN POPULAR BRASILEIRA** (Astral), que reúne composições de **Ed Ribeiro Lima** nas interpretações de Dori Caymmy, Leny Andrade e outros. Mas também há a alegria pagã do Carnaval na coletânea **OS GRANDES SUCESSOS DO ASAS DA AMÉRICA** (SBK Songs), que contém frevos do famoso trio elétrico nas vozes de Alceu Valença, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e outras mais, sem se deixar de notar o sambão ufanista de **Beth Carvalho** no LP **ALMA DO BRASIL** (PolyGram) ⊗ Para os mais econômicos, convém aproveitar as liquidações pós-natalinas para comprar a preço de banana os LPs anuais de **Roberto Carlos** e **Simone** — o de 1988 chamou-se **Sedução** — (ambos CBS).

Celso Pucci

G

GILBERTO GILBERTO

COMPACT DISC ♪ COMPACT DISC ♪ COMPACT DISC ♪ COMPACT DISC ♪ COMPA

Espera-se que a decantada euforia em torno do *compact disc* — 1989 é o 7º ano do CD no Brasil, diz a mídia especializada — leve as gravadoras a explorarem mais seus catálogos e menos os consumidores, apostando na [illegible] ção do produto. A preços de janeiro, cada CD custava às gravadoras menos de NCz$ 4,00 [illegible] lesmentado por elas e pelo fabricante, a Microservice) para chegar ao lojista a NCz$ 15,00/NCz$ [illegible] 0. E ao consumidor a módicos NCz$ 26,00/NCz$ 35,00. Vo comenta. E vamos aos títulos. **JOÃO GILBERTO** (PolyGram) resgata um dos grandes discos do mestre, gravad[illegible] "Águas de Março" (Jobim), "Warandado" (Caetano), "Falsa Baiana" (Geraldo Pereira) e "Izaura" (R[illegible]. **JOÃO INTERPRETA JOBIM** (EMI-Odeon), coletânea de 1985 que traz "A Felicidade", "Desafinado", "Chega de Saudade", "Samba de uma Nota Só" e outras canções imortais. Já **CHICO E CAETANO — JUNTOS E AO VIVO** (Polyg[illegible] memorável show no teatro Castro Alves, Salvador, em 1972. Um grande momento dos dois grandes da MPB. [illegible] Paul McCartney. **ALL THE BEST**, Eric Clapton. **TIME PIECES — THE BEST OF...**, Police. **EVERY BREATH YOU TAKE — THE SINGLES**, todas bem montadas e representativas.

Vici Antunes

BOLSA DE DISCOS

ARVORE DA VIDA
Jorge Mautner
WEA

SOUTH OF HEAVEN
Slayer
WEA

HIP HOP — CULTURA DE RUA
Escorbo

RATTLE AND HUM
U2
WEA

CONTOS DE BENIN
Araketu
Continental

CONFESSIONS OF A POP GROUP
Style Council
PolyGram

Arthur G. Couto Duarte — Radio Liberdade, BH	☺	☹	☺	😐	●	☺
Fernando Naporano — O Estado de S Paulo	☺	☺	●	☺	●	☹
Marcos Smirkoff — Folha de S Paulo	☹	●	☺	😐	●	😐
Hagamenon Brito — A Tarde, Salvador BA	☺	☹	●	☺	😕	😐
Leopoldo Rey — FM97—Santo Andre, SP	☺	☺	●	☺	●	😐
José Eduardo Mendonça — Bizz	☺	●	☺	☺	●	😕
Jean-Yves de Neufville — Folha de S. Paulo	☺	☺	😐	☺	😕	😕
Marcel Plasse — Bizz	☺	●	☺	😐	●	😕
Bia Abramo — Bizz	☺	●	☹	😐	😕	😕
Marisa Adán Gil — Bizz	☺	●	☹	☹	😕	●
Alex Antunes — Set	☺	●	😐	😐	●	😕
Celso Pucci — Bizz	☺	●	☹	☹	●	😕

Ótimo

Bom

Interessante

Razoável

Fraco

MÚSICA PARA

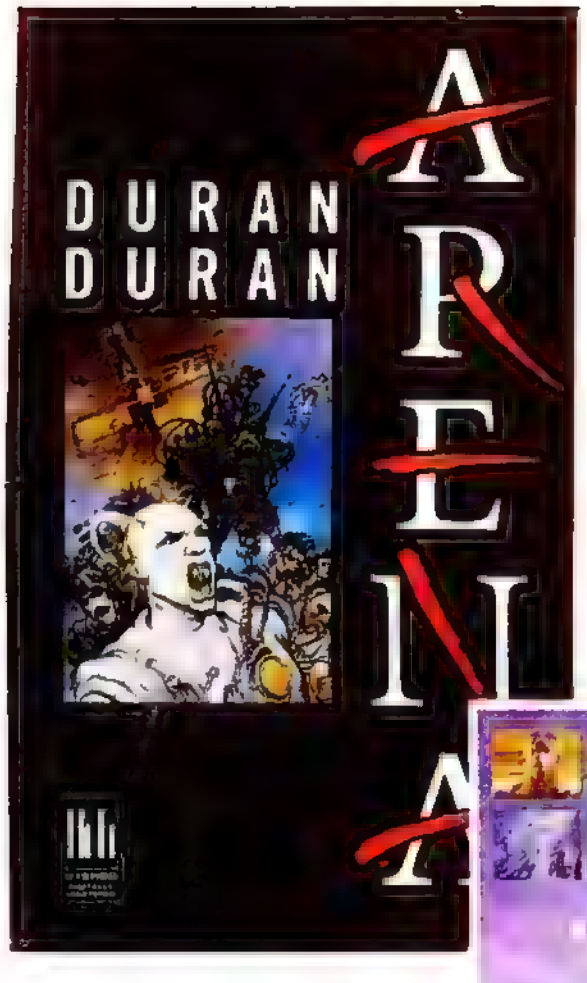
Documentários sobre bandas de rock, shows, clips... A má notícia: não há quase nada disponível na sua locadora. A boa notícia: está começando a pintar. Veja quais.

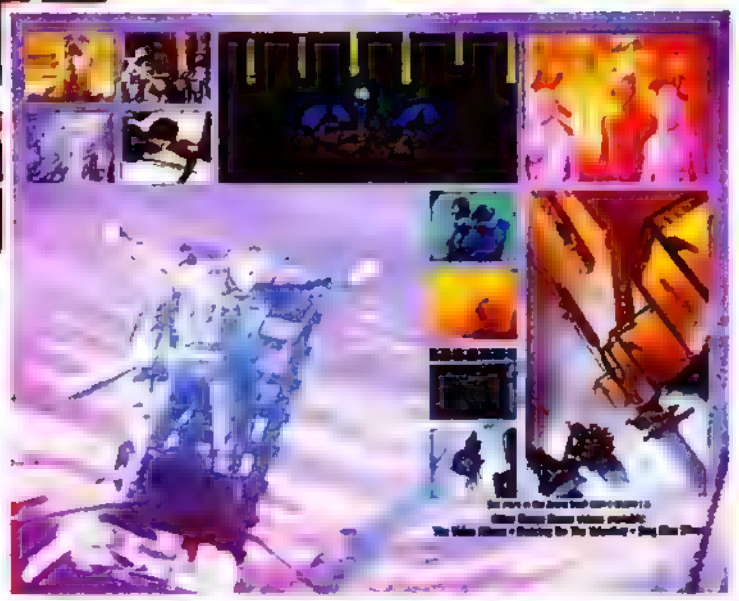
Dos quase cinco mil títulos autorizados pelo Concine a serem comercializados como *home video*, apenas 34 podem ser enfeixados na categoria musicais, seção pop/rock. Na época da pirataria, circulavam pelo menos três ou quatro vezes mais do que essa pífia quantidade. O esforço das distribuidoras para suprir a defasagem de filmes de boa qualidade não se estendeu aos vídeos de música. Só no final de 88 essa situação começou a se modificar. Algumas distribuidoras lembraram de lançar vídeos dos Doors, David Bowie, Duran Duran, Talking Heads...

É um começo, claro. É só continuar a fuçar os catálogos das distribuidoras internacionais para descobrir pérolas como o vídeo *The Idiot*, de Iggy Pop; *Gimme Shelter*, dos Rolling Stones; *Krush Groove*, com Kurtis Blow, Run DMC; os filmes dos Beatles; *The Song Remains the Same*, com o Led Zeppelin; *Sign' O the Times*, de Prince... Isso só para citar alguns que existem lá fora faz tempo. Recentemente, há o *Rattle and Hum*, do U2; *Moonwalker*, de Michael Jackson; *Live at Orange*, do Cure...O que não tem todos nós já sabemos quando procuramos inutilmente nas prateleiras da locadora. Mas vejam o que foi lançado recentemente ou está para ser lançado.

Começa com *Stop Making Sense* (Stilleto Vision) — os Talking Heads dirigidos por Jonathan Demme, o mesmo que fez o cult movie da temporada de 87, *Totalmente Selvagem:* David Byrne, com seu indefectível terno cinco números mais largo, entra num palco sozinho. Aos poucos, os outros componentes da banda vão entrando. O diretor de fotografia, Jordan Croneweth — nada mais, nada menos que o diretor de fotografia de *Blade Runner* —, transforma o que poderia ser apenas um show filmado num espetáculo de imagens. Além disso, ou melhor que isso, o vídeo, gravado em 83, registra ainda a banda em boa forma, tocando hits como "Psycho Killer", "Burnin' Down the House", "Once in a Lifetime", "Take me to the River", "I Zimbra", entre outros

Por falar em diretores de cinema metendo seu bedelho em seara alheia com bons resultados, *Arena* (Stilleto Vision) é outro bom exemplo. O diretor é Russel Mulcahy, que fez *Highlander, o Guerreiro Imortal*. Trata-se de um show do Duran Duran entremeado por uma história futurista de um vilão — que lembra muito o chefe dos *bluemeanies* do *Submarino Amarelo*, dos Beatles — que tenta controlar os mocinhos do Duran. A historinha pa-





VER

ralela se intercala com as apresentações ao vivo de "Is There Something I Should Know?", "Planet Earth", "The Reflex", "Rio", numa montagem — assinada por Tim Wadell — superágil e moderna. É um excelente exemplo de como a linguagem de vídeo pode ser explorada.

Saindo do futuro, pode-se retomar a história do início do rock'n'roll através de *Hail! Hail! Rock'n'Roll*, ou *O Mito do Rock* (CIC), como preferiram os tituladores brasileiros. É um documentário extenso sobre Chuck Berry, com entrevistas com Bruce Springsteen, Keith Richards (um dos principais incentivadores do projeto), Jerry Lee Lewis, Little Richard e depoimentos do próprio "pai da matéria", claro. No final, Chuck Berry, num supershow reunindo Richards (Keith), Eric Clapton, Linda Rondstadt, Julian Lennon, testemunha a influência que até hoje os *early fifties* exercem sobre o rock.

Não é um documentário, mas funciona como um documento sobre os anos 60 o *Live at Hollywood Bowl* (CIC), dos Doors. O show é de 68 (no dia 4 de julho) e foi filmado na íntegra. Pena que nesse dia Jim Morrison não estivesse exatamente alucinado — sua performance parece um pouco contida. Mas não há dúvida de que, para qualquer "doorsmaníaco" ou mesmo para qualquer um que tenha interesse na história do rock, é sensacional ver os Doors ao vivo executando "When the Music Is Over", "Back Door Man", "The End", "Light My Fire" etc.

Esses são os lançamentos mais recentes. Fuçando ainda nas prateleiras, dá para encontrar vídeos não tão recentes mas que também devem ser destacados. David Bowie aparece em duas fases bem distintas — *Serious Moonlight*, da turnê de 84, e *Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, o último show dessa fase de Bowie em 72. Entre os brasileiros, que são pouquíssimos, há *V, o Vídeo*, dos Paralamas do Sucesso, um documentário realizado em 87. A Stilleto Vision ainda lança *That's What I Call Music*, que traz uma coletânea de clips com Wet Wet Wet, fazendo uma versão de "With a Little Help from My Friends", dos Beatles; "Everyday is Like Sunday", do Morrissey; "Pink Cadillac", de Natalie Cole; o acid house do S-Express em "Theme from S-Express" e mais doze clips.

Com o desaparecimento de alguns programas de clips na TV e com o baixo nível dos que restam, o vídeo fica como única opção para quem gosta de *ver* música. Que venham a nós os vídeos! *Bia Abramo*

ATAQUE FRONTAL

TAMBÉM EM CATÁLOGO:
GRINDERS LP-Skate core
ATAQUE SONORO LP-Coletânea punk/h.c.
KÃES VADIUS LP-Psychodemia-psychobilly
PREÇOS:
LP ..... NCz$ 5,50
EP ..... NCz$ 3,80
Acrescente a cada pedido NCz$ 1,50, para despesas postais.
SOLICITE TAMBÉM NOSSO CATÁLOGO, INTEIRAMENTE GRÁTIS, COM MAIS DE 100 TÍTULOS, E VÁRIAS CAMISETAS INÉDITAS.
Para adquirir qualquer produto da Ataque Frontal basta enviar um cheque nominal ou vale postal em nome de: Ataque Frontal, pagável na Agência Santa Cecília-Código 403911
ATAQUE FRONTAL - CX.POSTAL 54217-SÃO PAULO-SP, CEP 01296 FONE: (011) 257-3518

COMÉDIA

A PRAIA DOS AMORES (Beach Party, EUA, 1963)

Direção: William Asher. Com Bob Cummings, Dorothy Malone, Frankie Avalon, Annette Funicello. Globo Vídeo

Como eram divertidos os verões dos anos 60! *A Praia dos Amores* é o primeiro de uma série de cinco filmes sobre surf, praias e garotas nos anos 60; a série trash melhor sucedida da AIP, produtora de Roger Corman. A principal razão de seu culto é a trilha de surf music executada por Dick Dale, o rei da *surf guitar*, que, neste filme, aparece com sua banda original, os Deltones. A história é bobinha: uma briga de amor entre Frankie e Annette, mas isso é o que menos importa.

Os diálogos e as canções são impagáveis. A única ameaça é o vilão Eric von Zipper (Harvey Lembeck) e sua turma de motoqueiros. Mas, como em todos os filmes da série, eles nunca levam a melhor. *M.P.*

DRAMA

O PRIMEIRO ANO DO RESTO DAS NOSSAS VIDAS (St. Elmo's Fire, EUA, 1985)

Direção: Joel Schumacher. Com Emilio Estevez, Rob Lowe, Andrew McCarthy, Demi Moore, Judd Nelson, Ally Sheedy, Mare Winningham. RCA-Columbia

Este é o melhor filme da Brat Pack, ao lado de *O Clube dos Cinco* (também disponível em vídeo). Sete amigos recém-formados na faculdade enfrentam as dificuldades da "vida adulta". Apesar dos estereótipos — o yuppie, a viciada, o desajustado, a bem-comportada etc. —, o filme emociona pela sensibilidade das interpretações, que conferem veracidade às relações entre os personagens. *M.A.G.*

OS PECADOS DE TODOS NÓS (Reflections in a Golden Eye, EUA, 1967)

Direção: John Huston. Com Elizabeth Taylor, Marlon Brando, Brian Keith. Warner

Um filme atípico de Huston, com temática, enquadramentos e ritmo europeus. O elenco é de tirar o sono. A ação se passa num quartel do exército. Brando é um oficial fascinado pelo soldado que cuida de seus cavalos e que, nas horas vagas, cavalga despido pelos campos. Taylor é sua esposa infiel, mais preocupada com cavalos do que com a saúde do marido. Todos os personagens são emocionalmente perturbados ou, ao menos, excêntricos. O desfecho é trágico. Destaque óbvio para a atuação intensa de Brando. *The best, the n.º 1.*

M.P.

NUNCA TE VI... SEMPRE TE AMEI (84 Charing Cross Road, EUA, 1986)

Direção: David Jones. Com Anne Bancroft, Anthony Hopkins. RCA-Columbia

Esta é uma história de amor. Um amor delicado e contido que se expressa em pequenos (mas nem por isso menos significativos) gestos: uma dedicatória que acompanha um livro, um presente de Natal, uma frase no final de uma carta... Durante vinte anos, a escritora Helene Hanff (Anne Bancroft) mantém correspondência com o livreiro Frank Doel (Anthony Hopkins). E o que era uma simples compra de livros transforma-se num pretexto para relações apaixonadas: entre uma pessoa e o ato de escrever, uma leitora e seus livros, uma americana e os mistérios da Inglaterra, uma mulher e um homem — ainda que um oceano os separe. Um filme tocante. Mas cuidado com as falsificações: existe no mercado um vídeo homônimo de baixa qualidade, cujo título original é *Déjà Vu*. *M.A.G*

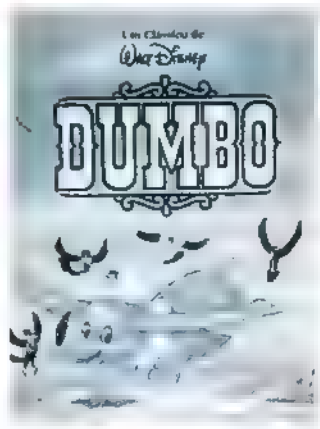
MINHA VIDA DE CACHORRO (My Life as a Dog, Suécia, 1985)

Direção: Lasse Hallström. Com Anton Glanzelius, Tomas von Bromssem, Anki Linden, Melina Kinnaman. Globo

Quem desconfiava do cinema nórdico, possivelmente "pesado" ou "mal-humorado", pôde assistir no final do ano passado a dois filmes que desmentem essa idéia — o dinamarquês *A Festa de Babette* e o sueco *Minha Vida de Cachorro* — e que agora chegam ao vídeo. Este segundo, particularmente, é uma pérola de graça e inteligência, um dos melhores filmes de 1988. Conta a história de um menino, Ingemar (o engraçadíssimo Anton Glanzelius), que vai viver com os tios durante a longa doença da mãe, partindo de situações cotidianas para fazer uma sutil leitura das "coisas da vida" — amor, sexo, amizade, morte — sob o ponto de vista infantil. Um ponto de vista bem razoável, aliás. Ao lado de "suas mulheres" — a primeira namoradinha; a gostosona Bent, uma visão do sexo adulto; a mãe; a menina Saga; e até a cadela Sikhan — Ingemar vai aprendendo (e nos relembrando) algumas lições sobre as esquisitices da vida. *A.A*

ANIMAÇÃO

DUMBO (EUA, 1941)



Direção: Ben Sharpstein. Abril Vídeo

A história do bebê-elefante estigmatizado pelo tamanho de suas orelhas todo mundo conhece. Agora, o que talvez nem todo mundo que viu o filme na infância se lembre e de como eram bem realizados os longas-metragens de animação de Walt Disney. Além de uma sequência brilhante dos delírios alcoólicos de Dumbo e seu amigo ratinho, a riqueza dos detalhes dos cenários, a perfeição da movimentação dos animais e dos humanos, a caracterização dos personagens tornam uma revisão altamente prazerosa. Mesmo se você tiver que usar uma criança como pretexto *B.A*

FICÇÃO

TRON — UMA ODISSEIA ELETRÔNICA (Tron, EUA, 1982)

Direção: Steven Lisberger. Com Jeff Bridges, Bruce Boxleitner. Abril Vídeo

Enquanto os recursos da computação gráfica ainda pareciam engatinhar, os estúdios Disney surpreenderam o mundo com esta audaciosa realização. *Tron* contem a gênese de um modelo cinematográfico futuro, informatizado. Seu padrão visual é bastante complexo, o que implica, no vídeo, uma sensível dificuldade para a compreensão das formas — absolutamente estilizadas nas sequências de animação. A trama é tola e maniqueísta, funcionando como pretexto para a aplicação das imagens sintetizadas. Um ás do videogame (Bridges) penetra em um gigantesco inferno digital — seu computador —, transformando-se num homem-programa. Por preservar suas características mentais humanas, acaba superando o cérebro artificial da máquina. *C.M*

AVENTURA

VIAGEM CLANDESTINA (The Journey of Natty Gann, EUA, 1985)

Abril Vídeo

Direção: Jeremy Paul Kagan. Com Meredith Salenger, John Cusack, Ray Wise, Scatman Crothers. Abril Vídeo

Natty (Salenger) é uma garota órfã de mãe que vive durante a depressão — a grave crise econômica que se seguiu ao crack da Bolsa de Nova York em 1929. Seu pai, Sol, arruma um emprego em Seattle e deixa a garota aos cuidados da zeladora do prédio. Natty foge para encontrar o pai, quando começa a ser maltratada. Pelo caminho, ela faz amizade com um lobo e passa por diversos apuros. Embora um pouco romantizado, o pano de fundo da aventura é um interessante painel dos anos 30 nos EUA, com seus exércitos de desempregados vagando pelo país à procura de emprego. Salenger é bastante convincente. *B.A*

POLICIAL

CRIMES DE PAIXAO (Crimes of Passion, EUA, 1984)

Fox

Direção: Ken Russell. Com Kathleen Turner, Anthony Perkins. RCA-Columbia

A ardente Turner leva uma perigosa vida dupla. Nada de mais em ser uma executiva durante o dia, mas tudo pode acontecer durante sua vida noturna, quando ela se transforma numa prostituta especialista em fantasias obscenas. Tudo vem à tona quando a empresa onde ela trabalha contrata um detetive para segui-la. O detetive se apaixona, claro. Mas ele não é o único. O psicótico Perkins, incorporando um pregador ensandecido, persegue a moça tentando salvar sua alma. Seu método preferido de redenção inclui um supervibrador afiadíssimo! E dá-lhe depravação e desvios sexuais. O demoníaco Russell ataca de novo. *M.P*

A DAMA DO CINE SHANGHAI (Brasil, 1988)

Direção: Guilherme de Almeida Prado. Com Maitê Proença, Antônio Fagundes, José Mayer CIC

Com sete premiações no XVI Festival de Cinema de Gramado, *A Dama...* não sustentou a unanimidade da crítica quando de seu lançamento no circuito comercial. Quem não o viu no cinema *deve* vê-lo em vídeo. Repleto de referências ao cinema *noir* — embora se autoproclame um filme B —, conta a história de Lucas (Fagundes), um corretor de imóveis que se apaixona por uma mulher linda e misteriosa (Proença). Uma série de coincidências faz com que os dois mantenham um caso cercado de enigmas e surpresas. Uma das melhores realizações do cinema brasileiro em 88. *C.M.*

Walt Disney Productions

WALT DISNEY

Walt Disney (Chicago, 5 de dezembro de 1901) foi um típico *self-made man*. Ainda na escola, ganhava uns trocados entregando jornal. Cursou por dois anos a Kansas City Art School — interrompeu aos 16, quando se ofereceu como voluntário para dirigir ambulâncias da Cruz Vermelha na Primeira Guerra — e começou a trabalhar para um estúdio de arte. Foi aí que conheceu Ub Iwerks, que se tornou seu amigo, colaborador e sócio pela vida inteira. Com a experiência que havia adquirido fazendo filmes de animação para uma agência de publicidade e uma ajuda financeira do irmão Roy, Disney montou uma pequena empresa para fazer desenhos animados. Mickey Mouse — que por 60 anos, completados em 88, foi sua principal mina de ouro — nasceu mudo, mas já no terceiro cartoon foi sonorizado. Depois de criar Pluto, Pateta e o Pato Donald e introduzir cor em 35, o desafio natural seria a realização de um longa-metragem. *Branca de Neve e os Sete Anões* foi um sucesso imediato.

Comenta-se que seu único verdadeiro talento foi reunir uma equipe talentosa, e alguns mais maldosos acrescentam que Disney não sabia desenhar nada de próprio punho e que odiava Mickey Mouse. Verdades ou mentiras, Disney conferiu um novo status à técnica da animação, que, de simples complemento, passou a ser o filme principal. Seus longas-metragens atingiram um nível técnico que poucas vezes foi superado depois.

Disney também era um grande empresário: os Estúdios Disney atualmente formam um verdadeiro império. Em 1950, Disney começou a produzir seus primeiros filmes com atores de carne e osso — quase todos eram filmes juvenis, com ênfase nas aventuras clássicas, como *A Ilha do Tesouro* (50) ou *20 000 Léguas Submarinas* (54) — e documentários com animais. A Disneylândia, um enorme parque de diversões onde os visitantes são recepcionados pelos personagens de Disney, foi aberta em 61. Também na década de 50, uma série de TV começou a ser exibida.

Depois de sua morte, em 1966, a empresa continuou tanto a produzir desenhos animados em longa-metragem como a ampliar a Disneylândia — a Disney World e o Epcot Center. *A Bela Adormecida, Pinóquio, Bambi* e os outros desenhos são reprisados a cada período de férias escolares no mundo inteiro. Nada mal para quem começou com um rato... *Bia Abramo*

Desenhos produzidos por Disney (os filmes assinalados com * são disponíveis em vídeo): *Branca de Neve e os Sete Anões (Snow White and the Seven Dwarfs,* 38); *Pinóquio (Pinocchio,* 40); *Fantasia* (40); *O Dragão Dengoso (The Reluctanct Dragon,* 41); *Dumbo* (41)*; *Bambi* (42); *Alô, Amigos (Saludos Amigos,* 43)*; *Você já Foi à Bahia? (The Three Caballeros,* 45); *Música, Maestro (Make Mine Music,* 46); *Canção do Sul (Song of the South,* 46); *Bongo (Fun and Fancy Tree,* 47); *Melodia (Melody Time,* 48); *Dois Sujeitos Fabulosos (The Adventures of Ichabod and Mr.Toad,* 49); *Tão Perto do Coração (So Dear to My Heart,* 49); *A Gata Borralheira (Cinderella,* 50); *Alice no País das Maravilhas (Alice in Wonderland,* 51); *As Aventuras de Peter Pan (Peter Pan,* 53); *A Dama e o Vagabundo (The Lady and the Tramp,* 55); *A Bela Adormecida (The Sleeping Beauty,* 58)*; *A Guerra dos Dálmatas (101 Dalmatians,* 61); *A Espada Era a Lei (The Sword in the Stone,* 63); *Mowgli, o Menino Lobo (The Jungle Book,* 66).

70 81ZZ

LETRAS

PEEK-A-BOO

Creeping up the backstairs, slinking into dark stalls
shapeless and slumped in bath chairs, furtive eyes peep out of holes
she has many guises, she'll do what you want her to
playing dead sweet submission, cracks the whip deadpan on cue

Peek-a-boo... peek-a-boo

Reeking like a pigsty, peeling back and gagging free
flaccid ego in your hand, chokes on dry tears, can you understand?
she's jeering at the shadows, sneering behind a smile
lunge and thrust to pout and pucker, into the face of beguiled

Peek-a-boo... peek-a-boo, golly jeepers
where'd you get those peepers?
peepshow, creepshow — where did you get those eyes?

Strobe lights pump and flicker, dry lips crack out for more
"come bite on this rag doll, baby! that's right now, hit the floor"
they're sneaking out the back door, she gets up from all fours
rhinestone fools and silver dollars, curdle into bitter tears

Peek-a-boo... peek-a-boo, golly jeepers
where'd you get those weepers?

ESPIA E ASSUSTA*

Subindo sorrateiramente pelas escadas dos fundos, se esgueirando para dentro de cabines escuras
disforme e esparramada em espreguiçadeiras, olhos espiam por buracos
ela tem muitos disfarces, ela faz o que você quiser
num jogo finge de morta, doce submissão, estala o chicote em cima da deixa

Espia e assusta... espia e assusta

Fedendo como um chiqueiro, tirando a casca e com a mordaça solta
ego flácido em tua mão, engasga com lágrimas secas, dá para entender?
ela está zombando das sombras, irônica por trás de um sorriso
atira o corpo para a frente numa estocada, faz biquinho com os lábios, na cara dos entretidos e enganados

Espia e assusta... espia e assusta, macacos me mordam
onde você arrumou essa luneta, esses binóculos?
*peepshow***, show de horrores — onde você arrumou esses olhos?

Luzes estroboscópicas piscam ritmadas, lábios secos racham-se pedindo mais
"vem e dá uma mordida nesta boneca de trapo, baby! assim mesmo, agora cai de boca no chão"
estão saindo de fininho pela porta dos fundos, ela — que estava engatinhando — agora fica de pé
tolos enganados por bijuteria e moedas de um dólar, azedam e coalham em lágrimas amargas

Espia e assusta... espia e assusta, macacos me mordam
onde você arrumou esses lenços?

SIOUXSIE & THE BANSHEES

"Brincadeira de criança que consiste em ficar espiando furtivamente uma pessoa, para depois, quando ela menos espera — pregar-lhe um susto com um belo buuuu!"
"Assim chamam-se estabelecimentos dedicados ao voyeurismo, onde peep-shows ... passes ou filmes pornográficos em cabines individuais.

Dreamhouse Music Ltd. Direitos cedidos para o Brasil à Edições Internacionais Ltda. Todos os direitos reservados.

AS LETRAS DOS SUCESSOS QUE VOCÊ CURTE AGORA ESTÃO

TODO MÊS NAS BANCAS.

LETRAS TRADUZIDAS

BIZZ ESPECIAL

EDITORA AZUL

ACUSAÇÃO E DEFESA

Sempre me causou certa inquietação o espaço dado nas páginas da revista à promoção de bandas como Fellini e Maria Angélica Não Mora Mais Aqui, porque eu achava que estava sendo feito muito carnaval em cima de bandas que não pareciam tão importantes ou definitivas, e também pelo fato desse favorecimento estar tirando o espaço de outras bandas desconhecidas do grande público. A inquietação transformou-se em indignação quando descobri que os críticos da BIZZ Thomas Pappon e Fernando Naporano são, respectivamente, guitarrista do Fellini e vocalista do Maria Angélica (...) O que vocês fazem é simplesmente ridículo e desonesto: críticas favoráveis ao disco do Fellini, participação constante e destacada das duas bandas na seção *Ao Vivo*, primeiro lugar entre as revelações do ano, reportagens em abundância e muitas notas informativas, tudo isso sempre elogiando escandalosamente as ditas bandas, colocando-as como o futuro do rock, algo novo e diferente (...)

A foto do Fernando Naporano na "Retrospectiva 88" é a maior de todas, a mais bem produzida. Esse lugar devia ser, por merecimento, ocupado por fotos de bandas como O Último Número ou Júlio Reny e Expresso Oriente, que não foram adotadas pela crítica e mesmo assim são competentíssimas. É triste ver que a crítica musical no Brasil é tendenciosa, parcial e bairrista (a BIZZ promove muito as bandas paulistas e a *Roll* promove muito as cariocas). E quem perde, no final, é o leitor, que é feito de palhaço e obrigado a engolir as armações da mídia. **Marcelo Firpo, Porto Alegre — RS**

Sua acusação é totalmente desmentida pelos fatos. Vamos a eles:

Desde seu primeiro ano de vida, BIZZ foi o veículo de comunicação pioneiro no mapeamento do pop/rock brasileiro. A edição de dezembro de 85 deu o pontapé inicial, com a matéria "Rock às Pampas", apresentando — entre outros — De Falla, Engenheiros do Hawaii e Júlio Reny & Expresso Oriente. Em junho de 86 foi a vez dos mineiros com a reportagem "O Insolente Rock das Gerais", trazendo à tona — além do Último Número — grupos vigorosos como o Sexo Explícito e a Divergência Socialista. Não deve ter sido à toa que uma gravadora lançaria — meses depois — coletâneas/paus-de-sebo dedicadas ao rock destes dois estados: Rock Grande do Sul e Rock Forte, *com algumas dessas mesmas bandas. Em edições posteriores, teríamos ainda os novos grupos de Curitiba (julho 87) e uma geral no pop baiano de sotaque afro-caribenho (julho 88). A mesma linha editorial buscou, ao longo destes anos, resistir ao monopólio anglo-americano do pop mundial com matérias extensas sobre a África, a Alemanha, a França, Portugal, Japão e Bélgica (aliás, a última coqueluche européia — a* dance music *belga — foi antecipada por BIZZ em 86!)*

Voltando ao pop/rock brasileiro, em seus quase quatro anos de vida, BIZZ "reportou" sobre mais de 70 bandas — e jamais teria conquistado a credibilidade de seus leitores se suas acusações tivessem algum fundo de verdade. Infelizmente, não podemos controlar nossos redatores e colaboradores fora do horário do expediente para que não montem bandas, façam shows e gravem discos. Assim, temos de engolir Thomas Pappon (hoje diretor artístico do selo Stiletto e distante da crítica e da reportagem) com Fellini e os Tres Hombres, Fernando Naporano com o Maria Angélica, José Augusto Lemos com o Chance, como tivemos de agüentar Alex Antunes quando fazia parte do Akira S & as Garotas Que Erraram. Talvez tenhamos ido longe demais e, agora, o caldo engrossou com correspondentes gaúchos como Carlos Eduardo Miranda (Atahualpa i Os Panques, Vingança de Montezuma etc) e Jimi Joe (Expresso Oriente) e mineiros como Marcelo Dolabela (Divergência Socialista, O Grande Ah!).

Desde a primeira edição de BIZZ, o Fellini apareceu: no Porão *do número 5 (Thomas ainda não escrevia na revista), mais uma matéria de uma página na edição 14, mais duas aparições no* Ao Vivo *(BIZZ 31 e 41). Se* Três Lugares Diferentes, *o terceiro LP da banda, dividiu com* Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas *o primeiro lugar na votação da crítica dos "Melhores de 87" foi por total mérito próprio, já que o "colégio eleitoral" é formado por jornalistas de música de diversos órgãos da imprensa de diferentes estados do país, além de nossa redação.*

Maria Angélica Não Mora Mais Aqui apareceu no Porão *de BIZZ 7 (Fernando ainda não era colaborador da revista) e no* Ao Vivo *da edição 27. Quanto à foto publicada na "Retrospectiva 88", realmente é muito bem produzida e por isso foi comprada do fotógrafo que a tirou (ou seja, não foi produzida por BIZZ) e escolhida para ilustrar o texto referente aos "independentes".*

Júlio Reny & Expresso Oriente sempre teve seu valor reconhecido nas páginas da revista: do Porão *de BIZZ 14, matéria de uma página em BIZZ 31, além da reportagem acima citada. O mesmo vale para o Último Número, presente no* Porão *de BIZZ 22, no* Ao Vivo *de BIZZ 26 (junto com Chance, May East e Divergência Socialista) e em uma matéria desta edição.*

No mais, a seção Brasil *foi criada — assim como o extinto* Porão *— justamente para manter olho vivo e faro fino sobre o surgimento de novos talentos nos quatro cantos do país.*

Das duas, uma: ou você lê a revista muito esporadicamente ou está sendo proprositalmente tendencioso e/ou preconceituoso.

Venho a público fazer a defesa do crítico José Augusto Lemos, acusado de ser "o crítico mais pedante do Brasil" pelo leitor Sérgio Domingos, de Londrina, — PR (BIZZ 39). A meu ver, Lemos foi sempre um comentarista íntegro e honesto que, assim como sempre elogiou as bandas pela originalidade e ousadia, nunca negou seus gostos pessoais. E quanto ao Joy Division e aos Heads, qualquer leigo sabe que eles fazem parte daquelas bandas que revolucionaram a música contemporânea, como Velvet Underground, David Bowie, Brian Eno, Doors, Beatles etc. A burrice generalizada das gravadoras é que nos priva de receber os lançamentos em sintonia com os grandes centros produtores de rock no exterior. Quanto à arrogância e ao esnobismo, isso faz parte de qualquer jornalismo musical que se preze; e se você acha que o Lemos é o mais radical é porque nunca prestou atenção nos rótulos intermináveis do Fernando Naporano (o adorável carimbador do Rock'n Roll). **Márcio D. Teixeira, Carapicuíba — SP**

FÃS-CLUBES

A-ha *Fã-Clube Oficial do Grupo A-ha* A/C Ana Maria Melo. R. Galeão Carvalhal, 34, apto. 1102, CEP 11055. Santos — SP

A-ha *Tray Norske Gutter Fan Club* A/C Helen Harket. R. Mário Hermes, 165, CEP 21550, Rio de Janeiro — RJ.

Bolshoi *The Bolshoi Rock Lokura* A/C Alemão. R. Pe. João Batista

Reus, 3347, apto. 260, CEP 91900. Porto Alegre — RS.

Cure *10:15 Saturday Night of The Cure Fan Club*. R. São Pedro, 40, CEP 29100, Vila Velha — ES.

Darly Hall & John Oates *Pop Bottom H_2O Club*/ Seção de Músicas: av. Gentil Tavares, 1502, CEP 49000, Aracaju — SE. Seção de Dados: conjunto Guiomar Santos I, Q 9, n.º 06, CEP 69900, Rio Branco — AC.

Ira! *Fã-Clube Psicoacústica Oficial Ira!* R. Lagoa Santa, 35, Qd. 15, CEP 19287, Primavera — SP

Madonna *Fã-Clube Madonna* A/C Gilson Correia. R. Vereador Bolsson, 28, CEP 97060, Santa Maria — RS.

Marillion and Rush *Club* R. Silvério de Souza, 348, CEP 03382, São Paulo - SP.

Queens Rÿche *Fã-Clube do Queens Rÿche* A/C Valter Félix, R. José de Castro Mendes, 22, CEP 03810, São Paulo — SP

Rock Brasil *Fã-Clube Rock Brasil* R. Estelita Lins, 159/402, sCEP 22251, Rio de Janeiro — RJ

Smiths *Fã-Clube The Smiths London Palladium* A/C Alex Avolio, R. Celita Melo de Abreu, 42/202, CEP 25255, Santa Cruz da Serra — RJ

Titãs *Fã-Clube Oficial dos Titãs* Av. Djalma Dutra, 695, CEP 14800, Araraquara — SP

COMPLETANDO COLEÇÕES

Compro as edições de BIZZ do número 01 ao 31. **João José D. Matos — R. Cel. José Tibério, 1144-E, CEP 40340, Salvador — BA**

Compro todos os números da BIZZ, Ídolos do Rock, Letras Traduzidas e qualquer outra revista de rock, inclusive importada. **Lúcia — R. João Abott, 186/101, CEP 90430, Porto Alegre — RS**

Compro BIZZ número zero. Pago bom preço! **Altair Nobre da Silva — R. Quaraí, 52, CEP 96500, Cachoeira do Sul — RS**

Compro BIZZ número 07, Revista-Poster 23-P (A-ha) e Ídolos do Rock 9-A. **Luciana Vital Novaes — R. 43, n.º 510, CEP 23595, Rio de Janeiro — RJ**

Estou desesperada atrás das revistas BIZZ número 08, 09 e 10. **Flávia Maria C. Pimentel — Av. Pinheiro Júnior, 170, CEP 29300, Cachoeiro do Itapemirim — ES**

Compro Revista-Poster do A-ha, número 23-P e Letras Traduzidas 34-L, urgentemente. **Liliana Periotto — R. Henrique Gregori, 1118, CEP 13560, São Carlos — SP**

Compro qualquer BIZZ que tenha um artigo referente ao Paralamas do Sucesso. **Sheila Arandas — R. Visconde de Cachoeira, 61/201-B, CEP 40220, Salvador — BA**

Compro BIZZ números 01 a 06. **Sérgio Pereira — R. Antônio Rossatto, 142, CEP 95010, Caxias do Sul — RS**

Compro as edições de BIZZ números 02, 04, 08 e 09. **Mariana Morais — R. Moacir S. da Rocha, 454, CEP 04674, São Paulo — SP**

VENDENDO RELÍQUIAS

Vendo as edições de BIZZ do número 1 ao 30. **Marcelo de Oliveira Fortunato — R. Ogira Takeuti, 31, CEP 06750, São Paulo — SP**

Vendo as edições da BIZZ números 26 e 29, ainda com o plástico protetor. **Denise Teixeira de Abreu — R. Tocantínea, 403, CEP 07070, Guarulhos — SP**

Vendo coleção completa de BIZZ (exceto o número 0). Aguardo a melhor oferta. **Eduardo Freitas Caixa — Postal 575, CEP 35001, Governador Valadares — MG**

Vendo os números da revista BIZZ do 01 ao 25 (preço da última edição em banca). **Eduardo D'Ávila — R. Pelotas, 1708, CEP 93250, Esteio — RS**

Vendo as edições de BIZZ do número 25 ao 41, ao preço da última edição em banca ou a combinar. **Rogério Mazelli, Rua Mato Grosso, 993, CEP 14055, Ribeirão Preto — SP**

Vendo as edições de BIZZ do número 38 ao 42. **José Eduardo Botelho, Rua Guaraitá, 100, CEP 08000, São Paulo — SP**

Aviso aos Assinantes

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril-Assinaturas, rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

EDITORA AZUL

SÃO PAULO	Tel. (011) 823-9222 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RIO DE JANEIRO	Tel. (021) 295-5544 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RECIFE	Tel. (081) 224-0655 - Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
SALVADOR	Tel. (071) 247-1022 - Das 8h às 12h e das 14h às 18h
BELO HORIZONTE	Tel. (031) 275-2255 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
PORTO ALEGRE	Tel. (0512) 33-9034 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
BRASÍLIA	Tel. (061) 226-6963 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
CURITIBA	Tel. (041) 263-3013 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo, coloque-o num envelope e envie-o para

EDITORA ABRIL ASSINATURAS

rua do Curtume, 769, CEP 05065, Lapa, São Paulo - SP.

BIZZ 44

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 6 a 8 semanas após recebermos seu pedido.

Novo endereço ____ CEP ____

Bairro ____ Estado ____ Telefone ____

Cidade ____

Não preencha este espaço: Entrega | Roteiro

recorte aqui

GANG OF FOUR
ENTERTAINMENT! *(1979)*

"Se os membros do Clash eram os guerrilheiros urbanos do rock'n'roll, os da Gang of Four eram os teóricos do movimento revolucionário", já dizia o *Trouser Press Record Guide*, com acerto. Uma primeira leva do pós-punk britânico — que trouxe essas duas bandas e o PIL, entre outras — se atirava com a mesma fúria contra os fundamentos da sociedade burguesa, fossem eles destrutíveis ou não. Não eram. Mas isso só se soube depois...

As marcas da artilharia ainda estão aí. Uma das mais eloqüentes é *Entertainment!*, primeiro LP da Gang, que viria a ser chamado pelo *Melody Maker* de "guia jovem para sobrevivência em tempos de recessão"(!). O grupo surgiu em 77, na cidade portuária e industrial de Leeds. O baterista Hugo Burnham, o guitarrista Andy Gill e o vocalista Jon King — todos egressos da Universidade local — recrutaram Dave Allen (esse, o único proletário de verdade da banda) para o baixo. E em poucos meses já lançavam um primeiro LP, *Damaged Goods*, pelo selo independente Fast Products. O sucesso de crítica do disco e o furor que as apresentações ao vivo sempre causavam em clubes ou escolas deixaram a EMI interessada no grupo. A "Camarilha dos Quatro" (xingamento, cunhado pelo governo chinês para o grupo político da viúva de Mao Tse Tung, expurgada do poder tempos depois da morte do marido) se garantiu, exigindo da gravadora — a mesma que rompeu com os Pistols em 76 — controle total sobre o produto: repertório, capa, produção e divulgação. A EMI pagou para ver.

O aperitivo já causou encrenca: o *single* "At Home He's a Tourist" esbarrou na censura do programa de TV *Top of the Pops*, por uma referência, na letra, a camisinhas... O LP confirmou a porrada. Numa espécie de lapidação do diamante cristalizado no carvão punk, o som da Gang não é mero suporte para textos de agitação. *Ele* é política: sintético, reduzido ao mínimo essencial, valorizando cada elemento musical e não fazendo concessões a fórmulas ou estilos convencionalmente aceitos — ainda que seja perfeitamente rock. A base sonora das faixas resume-se praticamente a baixo/bateria — uma cozinha que conseguiu juntar de forma única simplicidade, criatividade e peso —, e é apenas pontuada pela guitarra de Gill, pelos vocais e por uma eventual escaleta (monocórdica) de King. Apesar das intervenções brutais dos instrumentos, o silêncio também é ostensivamente usado na textura musical, criando climas inusitados a partir da formação mais tradicional do rock.

Gill, o guitarrista, uma das promessas da década (não realizada desde que ele se afastou para tratar de um câncer), mantém-se nos acordes — ao contrário dos próximos discos da banda, onde predominariam riffs e notas. Músicas como "Natural's Not in It" e "Damaged Goods" (regravada), por incrível que pareça, resumem-se a dois acordes básicos de guitarra — todo o clima se baseia na dinâmica dos instrumentos. Mas Gill também tinha outras cartas na manga (ou entre os dedos). Basta observar suas intervenções insólitas no (anti-)funk "Not Great Men" ou o puro *noise* que encerra "Guns Before Butter", numa dissonância que também aparece em "Ether" e "Glass". No início de "Anthrax", parece que iremos escutar a versão de "Star Spangled Banner", de Hendrix, tal a brilhante manipulação do *feedback*. Mas logo surge um *beat* tribal de Allen e Burnham, seguido da dupla vocalização de King e Gill (à maneira de "The Murder Mistery", do terceiro LP do Velvet Underground).

Um perfeito veículo para a visão (eminentemente marxista) da banda, a da "política em microcosmo" das relações humanas em uma sociedade capitalista: o casamento como posse, o trabalho alienado, a tortura como rotina (nas prisões políticas) e a rotina como tortura, lá e cá. Num lampejo de inconformismo: *that's* not *entertainment!*

Celso Pucci/ Alex Antunes

EDITORA AZU

Editor e Direto
VICTOR CIVIT

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silv
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Jose Eduardo Mendonça
Editoras Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Redatora: Marisa Adan Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estudio: Deise Bittnas
Diagramadores: Angelo Asson, Maria Amelia de Azev
nato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria
(Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Esco
tão), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Angelo Duarte Medina, Arthur C
Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Celso Ferrari Masso
Pucci, Daniel Beenevides, Fernando Naporano, Haç
Brito, Jean-Yves De Neufville, João Gabriel de Lima,
raldo Couto, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcos C
Almeida, Marcos Smirkoff, Maria Helena de Barros,
Cardozo de Faria, Tom Leão, Walter Silva
Arte: Marco Inci, Agostinho Maciel
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (L
Ciclano Eurico Salis, Gladstone M. Campos, Kid, Marce
tini, Mila Maluhy, Nilo Passos Motta, Ricardo Siqueira,
Costi, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Fil

Diretora Responsavel: Liege de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Olive
RJ-Gerente: Getúlio Torres
Contato: Lidia Camarate
Produção Grafica-Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni, **Escritórios - No**
Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, N
NY 10165, Phone (001212) 557-5990 5993, Telex
Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesn
Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 A
Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - **Geren**
Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Sã
SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

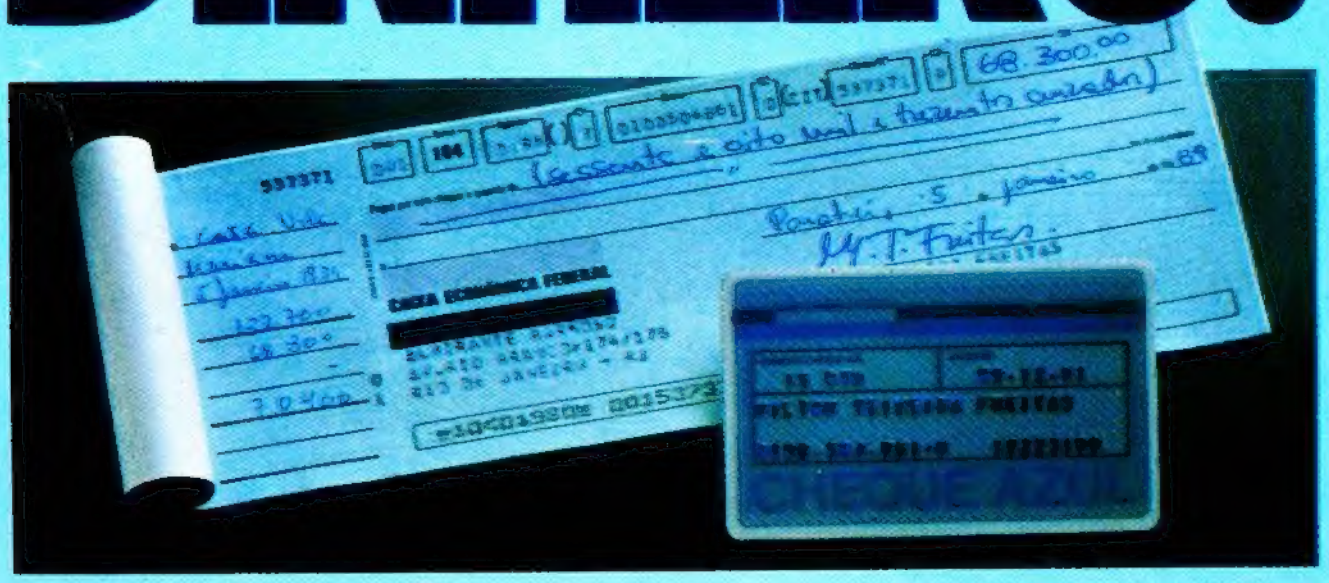
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda,
Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ e uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo -**
Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vice
tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60081, CEP 0
lex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de J**
da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290,
546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril Abril
tribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicaç
Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, L
sinatura anual: NCz$ 20.40 a vista. Ao fazer sua assinatu
credencial do vendedor e pague somente com cheque
Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes de
cação que a interrupção definitiva da entrega dos exempl
tratados, sem que para isto tenha dado motivo o proprio
implicara a restituição da parte do preço total antecipadar
ga, correspondente aos exemplares que não forem entregu
cida de correção monetaria calculada com base na variaçã
nominal das OTN verificada no periodo. Esta revista vai à
mensalmente no dia 3. **Numeros atrasados:** ao preço da u
ção em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distri
sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de
132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque
as seis ultimas edições. Todos os direitos reservados. D
com exclusividade no pais pela DINAP - Distribuidora Na
Publicações, São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA AB

COM CHEQUE AZUL TODO MUNDO VÊ A COR DO SEU DINHEIRO.



CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

SOM PURO E PARA SEMPRE

Agora você já pode ter os seus discos preferidos também no incomparável som digital. Dê uma olhada nos títulos desta página, e descubra que a trilha sonora que marcou sua vida acaba de entrar para a eternidade. É isso mesmo, pois assim como a boa música os compacts discs são eternos!

DON'T BE AFRAID OF THE DARK/THE ROBERT CRAY BAND • TOWARDS THE WEST/KITARO
GENESIS/GENESIS • TIME PIECES/THE BEST OF ERIC CLAPTON • REG STRIKES BACK/ELTON JOHN
MIDNIGHT EXPRESS/TRILHA SONORA ORIGINAL • INDIVIDUAL CHOICE/JEAN-LUC PONTY
EVERY BREATH YOU TAKE/THE POLICE • FLASHDANCE/TRILHA SONORA ORIGINAL
PRIVATE COLLECTION/JOHN AND VANGELIS
FRIDAY NIGHT IN SAN FRANCISCO/AL DI MEOLA JOHN McLAUGHLIN E PACO DE LUCIA.

PolyGram